

universidade de aveiro



Departamento de Línguas e Culturas

**(Re)descobrir Domingos Monteiro,
*Revisitar a Paisagem Social Portuguesa***



ANA CRISTINA DUARTE MARTINS DE LEMOS

AVEIRO, 1999

Introdução

A elaboração da dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses levou à confrontação de uma grande diversidade de áreas de trabalho, temas e autores de inegável interesse. Foi, pois, fundamental escolher um campo de investigação de que gostássemos e que permitisse, não só o cruzamento de interesses pessoais tão diversos nas áreas da literatura, cultura, geografia, entre outros, mas também a (re)descoberta de um autor ainda desconhecido da maioria dos portugueses mais jovens: Domingos Monteiro. Daí que se nos tenha afigurado do maior interesse e relevância o autor sugerido pelo Professor Doutor Eugénio Lisboa: **Domingos Monteiro (1903 – 1980)**. Reconhecemos, desde já, que o nome, a vida e obra deste autor nos eram completamente estranhos, embora o título *O Primeiro crime de Simão Bolandas* nos fosse familiar.

Para o investigador, este facto acarreta algumas vantagens e desvantagens. A principal vantagem reside na circunstância de o trabalho a realizar, por ser, de certa forma, pioneiro, trazer por certo novidades, constituindo, assim, um verdadeiro desafio. A maior dificuldade consiste no facto de o investigador, partindo praticamente do zero, não possuir grande apoio bibliográfico específico para o trabalho que se pretende desenvolver.

O tratamento da obra do autor constituiu um verdadeiro desafio, uma vez que exigiu a recolha, leitura e análise de toda a obra ficcional de Domingos Monteiro (cerca de duas dezenas de títulos), que se encontra fora do mercado há vários anos. Daí que tenha sido necessário adquiri-la em alfarrabistas, na Biblioteca Nacional (fotocópias), através da filha do autor (Professora Doutora Estela Monteiro). Todo este processo foi, como é compreensível, bastante moroso.

A escassez de estudos sobre a vida e obra de Domingos Monteiro se, por um lado, dificultou o confronto de ideias e perspectivas de interpretação e análise, por outro lado, permitiu-nos, como já referimos anteriormente, "desbravar terreno quase virgem" (perdoem-nos a expressão!).

Uma das formas encontradas para tentar contornar esta parcimónia de informação foi o contacto pessoal com membros da família do autor, nomeadamente a sua filha e a sua irmã (D. Lídia Pina de Moraes, entretanto falecida), que nos revelaram dados preciosos, pertinentes e muito interessantes para a (re)descoberta e compreensão da obra do autor em toda a sua complexidade.

Queremos, desde já, agradecer, uma vez mais, à Professora Estela Monteiro e a D. Lídia Pina de Moraes todo o interesse, disponibilidade e amabilidade manifestados e que foram fulcrais e determinantes para a elaboração da presente dissertação. Aliás, o diálogo mantido num desses encontros com a filha do autor foi gravado em cassette audio e, posteriormente, transcrito, encontrando-se anexo a esta dissertação, com a devida autorização.

As circunstâncias de índole biográfica que apresentamos **no Capítulo I – “(Re)descobrir Domingos Monteiro”** são importantes para melhor compreendermos a diversidade e a riqueza de vivências patentes na obra ficcional do autor e no ensaio *Paisagem Social Portuguesa*, publicado em 1944, permitindo-nos, assim, começar a vislumbrar a sua visão da sociedade portuguesa que lhe era coeva. Também, neste capítulo, apresentamos o cânone literário do autor: da doutrina e crítica à História, passando naturalmente pela poesia, contos, novelas, romance e teatro, que nos revelam a extensão e, à partida, a importância de um autor que, em tempos mais recentes, tão injustamente tem sido negligenciado pela crítica e que, estranhamente está por (re)descobrir, especialmente pelos mais jovens, talvez porque as suas obras estão, infelizmente, fora do mercado há vários anos.

No entanto, no passado, Domingos Monteiro teve o reconhecimento dos seus contemporâneos: António Quadros, David Mourão-Ferreira, João Gaspar Simões, Natércia Freire, Hernâni Cidade, Claire Paolini e Álvaro Ribeiro. Algumas das suas narrativas foram, igualmente, traduzidas em várias línguas.

Seguidamente, e uma vez que Domingos Monteiro viveu num período de intensas e profundas mudanças a nível histórico, social, político e literário, torna-se imprescindível esboçar uma breve contextualização, a fim de melhor compreendermos o Sentir Nacional ao longo do século XX, bem como a visão que o autor possui das condições de vida do povo português, não só no ensaio *Paisagem Social portuguesa* (1944), mas também nas suas obras de prosa narrativa.

Antes de passarmos à “observação” cuidadosa da "Paisagem Social Portuguesa" dos anos trinta e quarenta, que tanto o interessaram, e a fim de otimizarmos a nossa compreensão de toda a complexidade e riqueza da sua obra e não termos uma visão demasiado redutora das questões nela abrangidas, convém tecermos algumas breves considerações sobre a obra ficcional do autor em termos gerais. Assim, se atentarmos, desde logo, nas indicações significativas dos títulos, poderemos inferir alguns indicadores de legibilidade que constarão do Capítulo I, ponto 4.1- 'Análise dos títulos'. É também alvo de uma sucinta análise a técnica narrativa do autor, que veicula de forma extremamente eficaz a temática predominante nas suas obras. Assim, a aparente simplicidade formal das obras ficcionais do autor de *O primeiro Crime de Simão Bolandas* contrasta com a complexidade da temática, o que justifica uma abordagem reflexiva no Capítulo I, ponto 4.2- 'Técnica narrativa veiculadora da temática'.

O que nos propomos evidenciar é precisamente esta preocupação de Domingos Monteiro com a sociedade portuguesa, especialmente com as condições de vida da população, enfim, com a 'Paisagem Social portuguesa'. Recordemos, a propósito, que as preocupações sociais dominavam, como sabemos, a *intelligentsia* portuguesa dos anos trinta e quarenta.

Torna-se imprescindível, neste momento, referir que a expressão 'Paisagem Social portuguesa' foi retirada do ensaio homónimo de Domingos Monteiro, publicado em 1944, a que daremos particular atenção no

Capítulo II – "Revisitar a Paisagem Social Portuguesa" - , e que consiste no *"estudo sociológico e simbólico sobre as condições de vida do povo português."*¹ Ora, na construção discursiva deste trabalho são usados vocábulos da geografia física e humana como "paisagem", "planície", "colinas", "rios", "vales", "emigração", entre outros, associados a palavras como "burguesia", "aristocracia económica", etc., permitindo-nos, deste modo, "revisitar", perspectivar a 'Paisagem Social Portuguesa' segundo Domingos Monteiro.

Compreensivelmente, o autor revelou não estar imune aos trabalhos dos seus contemporâneos, como podemos confirmar no próprio ensaio:

*"Um novo interesse desperta e o homem social passa a ser nas obras dos escritores contemporâneos, o elemento fundamental e necessário."*²

O final da citação transcrita contém uma nota de rodapé, que nos presta informações pertinentes:

"Leiam-se os escritores mais representativos desta geração, nomeadamente Soeiro Pereira Gomes, Castro Soromenho, Alves Redol, Manuel da Fonseca, Carlos de Oliveira, Manuel do Nascimento, os poetas Francisco José Tenreiro, Álvaro Feijó e também os críticos Armando Ventura Ferreira (...) O caso dos escritores Miguel Torga, José Régio, João Gaspar Simões, Casais Monteiro e João Pedro de Andrade, a quem se deve o movimento da "Presença" que tão larga e benéfica repercussão teve no ressurgimento da nossa literatura, não se pode considerar, mesmo neste particular, inteiramente exclu-

¹ Domingos Monteiro, *Paisagem Social Portuguesa*, 1ª edição, Editora Educação Nacional, Porto, 1994, p. 19.

² Idem, *ibidem*, p. 7.

do. Se a sua intenção social é menos definida, o seu interesse social não é menor.”³

A obra de Domingos Monteiro reflecte, de certo modo, as leituras de figuras literárias como Teixeira de Pascoaes, Dostoiewsky. Parece-nos que estas terão sensibilizado o autor de *Enfermaria, Prisão e Casa Mortuária* para as questões nacionais, para a complexidade da alma humana, e para a constatação do desprezo das classes mais favorecidas, relativamente às mais desfavorecidas.

Não obstante, Domingos Monteiro não se identificou com qualquer dos movimentos literários ou políticos da sua época, defendendo e procurando preservar de tal maneira a sua independência que, por vezes, isso parece quase tornar-se uma obsessão, dado que ao longo das suas narrativas não encontramos qualquer referência directa a movimentos, partidos políticos, ideologias, personagens comprometidas politicamente ou simplesmente manifestando interesse por quaisquer ideias de coloração política. Esta tônica forte na independência e liberdade está na sua obra de ficção. Assim, emana das suas obras uma aura de intemporalidade e de incomprometimento.

Ao longo do **Capítulo II**, procuraremos revisitar a ‘Paisagem Social portuguesa segundo Domingos Monteiro’, pois, como sabemos, muitos outros autores se debruçaram sobre esta matéria, como por exemplo, Teixeira de Pascoaes, Fernando Pessoa, Jorge Dias, António José Saraiva, Eduardo Lourenço, Jacinto do Prado Coelho, entre outros.

Convocaremos para o efeito o ensaio *Paisagem Social Portuguesa* (1944) e as obras de prosa narrativa de Domingos Monteiro, procurando mostrar a forma como, na organização textual de um grande número das suas narrativas e no ensaio, se vai revelando a sua visão da ‘Paisagem Social Portuguesa’. Verificaremos, de forma comparativa, até que ponto a

³ Idem, *ibidem*, p.8.

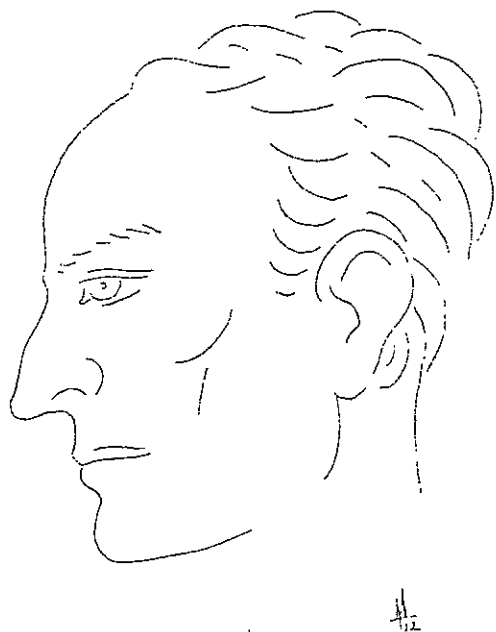
obra ficcional do autor confirma ou infirma a visão da 'Paisagem Social Portuguesa' apresentada no ensaio. Neste sentido, recorreremos com muita frequência a citações das suas obras, respeitando a ortografia que vigorava na época.

Concluindo, salientaremos os aspectos que se nos afiguram fundamentais para uma melhor compreensão do pensamento de Domingos Monteiro neste domínio.

Capítulo I

(Re)descobrir Domingos Monteiro

1. Retalhos da vida de um ilustre “quase” desconhecido



Domingos Monteiro “foi sempre fidelíssimo ao que na realidade havia de essencial - e, nomeadamente, à terra onde nasceu, à região onde mergulhavam as suas raízes, e todo esse pequeno grande mundo que a partir do berço o marcou para toda a vida (...) o efervescente universo ficcional que nos deixou - e que, para nossa vergonha, tal o de outros grandes autores da sua geração, tão pouco ou tão mal conhecido se encontra hoje.”¹

As palavras de David Mourão-Ferreira acima reproduzidas refletem bem o desconhecimento a que o advogado e escritor Domingos Monteiro e a sua obra têm estado votados. De salientar, é o facto de existirem muito poucas indicações sobre o seu percurso biográfico e, inclusivamente, bibliográfico. Esperamos poder, de algum modo, contribuir para modificar tão injusta situação.

Domingos Monteiro Pereira Júnior nasceu a 6 de Novembro de 1903, numa das regiões mais agrestes de Portugal - Trás-os-Montes, mais concretamente, Barqueiros, concelho de Mesão Frio:

¹ David Mourão Ferreira, “Confessar e Contar”, in *Boletim Cultural*, Fundação Calouste Gulbenkian, VIII série, N.º 3, Setembro de 1996, Lisboa, p. 15.

*“Como depois me disseram, nasci no signo do Escorpião e fui dado à luz precisamente ao meio-dia. Já em adulto soube por conhecedores desta matéria que os astros que presidiram ao meu nascimento foram o Sol e Neptuno em trígono com Saturno o que, segundo eles, **pressagiava uma vida aventurosa, cheia de altos e baixos, com vitórias e derrotas, mas com coragem para a viver fosse como fosse.**”²*

Seis meses após o seu nascimento, a sua família parte para o Brasil, onde nascerá o seu irmão mais novo, Manuel. O regresso à pátria ocorre quatro anos e meio mais tarde.

Com seis anos e meio faz o exame da terceira classe com distinção. Como em Mesão Frio só havia professores de Instrução Primária, os seus pais tiveram que convidar dois professores de Vila Real, um da área de Ciências e outro da área de Letras, para ministrar aulas aos seus filhos. O resultado foi bastante positivo, pois Domingos Monteiro fez um brilhantíssimo exame do terceiro ano do Liceu. Os seus estudos prosseguiram, então, no Liceu em Lamego. Mais tarde, fez o exame de Letras e ingressou no Curso de Direito da Universidade de Lisboa, no mesmo ano de Marcelo Caetano. Concluído o curso, em 1927, com a classificação de dezoito valores, passou a exercer advocacia durante vários anos.

A sua infância e adolescência marcá-lo-iam para sempre, não só em termos pessoais, mas também em termos literários, uma vez que nelas radicam o seu misticismo, a sua grande atracção pelo sobrenatural, pelo desconhecido, enfim, pelo transcendente.³

² Domingos Monteiro, “Uma Página de Recordações a Servir de Prefácio”, in *O Sobreiro dos Enforcados e Outras Narrativas Extraordinárias*, 1ª edição, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1978, p. 16 (o sublinhado é nosso).

³ Segundo informação por nós obtida em conversa com a irmã do autor, D. Lúcia Pina de Moraes, em 24 de Agosto de 1998, Domingos Monteiro, por volta dos doze anos, passou por uma breve fase de fervor religioso,

Creemos poder afirmar que a sua atracção pelo transcendente se deverá a uma conjugação de factores que nos parecem determinantes para compreendermos esta questão em toda a sua complexidade.

O primeiro dos quais será genético, pois sua mãe, verdadeira matriarca da família, era uma senhora muito inteligente, profundamente católica, mas extremamente supersticiosa e dada às questões místicas: tinha por hábito, por exemplo, colocar as cartas que recebia debaixo de imagens de Santos antes as abrir; preocupava-se imenso em que nos jantares de família jamais estivessem treze pessoas à mesa.

Domingos Monteiro terá herdado esta propensão, pois considerava, por exemplo, o dia 4 de Outubro como um dia azarado, dado que, durante anos sucessivos, ocorreram factos assaz desagradáveis nesse dia: ardeu-lhe um automóvel, partiu um dedo, caiu de um eléctrico, roubaram-lhe um automóvel.⁴

Outro dos factores determinantes é-nos apresentado pelo próprio autor:

“Minha Mãe adorava os filhos mas não gostava de cuidar de crianças, talvez porque tivesse ajudado a criar os seus sete irmãos mais novos, com trabalhos que não lhe agradavam.”⁵ Deste modo, “(...) era ajudada por uma prima francesa,

que não persistiu por muito tempo, rezando por todos, chegando a obrigar o seu irmão mais novo, Mário, a decorar os nomes de santos. Dai, não surpreender que, por ocasião da Páscoa, tenha produzido os seguintes versos: *“Dia pascal de sol suado e lindo! / A nossa alma está em comunhão, / Porque ela espera de Jesus a vinda, / Que ele há-de vir ao nosso coração.”* De facto, esta fase assiste às suas primeiras tentativas de produção poética. Na quinta da família, em Barqueiros, junto ao Penedo da Moura, terá escrito estes versos: *“Há no Penedo da Moura, / Como o próprio nome o diz, / Uma mourinha encantada, / Por penas de amor levada, / Desencantada e feliz.”*

⁴ Dados biográficos fornecidos pela filha do autor, Estela Monteiro, actual Professora na Faculdade de Medicina de Lisboa, em encontro ocorrido em 14 de Julho de 1998 e registado em cassete audio, presente em anexo.

⁵ Domingos Monteiro, *Op. cit.* p. 19.

*viúva de um primo nosso, e que, tencionando demorar-se em nossa casa apenas algum tempo, acabou por viver connosco o resto da vida.*⁶

Esta prima, madrinha de baptismo da sua irmã Lídia, era carinhosamente tratada por 'Dindinha', embora o seu nome completo fosse Filomena Alida Magnol Rebelo - mulher extremamente culta e fascinada pelo transcendente, tinha por hábito contar histórias fantásticas que embeveciam e encantavam Domingos Monteiro, o que contribuiu para a grande cumplicidade que sempre existiu entre ambos e a levava a preferi-lo relativamente à irmã mais velha ou ao irmão mais novo, vislumbrando nele uma imaginação prodigiosa e um encanto especial.

Curiosamente, dez anos após a morte da 'Dindinha', ocorreu um episódio assaz estranho, mas revelador da crença do autor no transcendente: um dia Domingos Monteiro estava na Quinta da família em Barqueiros e resolveu dar um passeio, tendo-se demorado bastante. Quando regressou, a família questionou-o relativamente à razão do atraso, ao que ele afirmou ter visto e estado a conversar com a 'Dindinha'.⁷ Esta tinha possuído vários despertadores, oferecidos por um cunhado suíço, que era relojoeiro. Um deles estava avariado e, vinte anos depois da morte daquela, começou a tocar, o que perturbou de sobremaneira um homem tão sensível a estas questões como Domingos Monteiro. Outro episódio curioso ocorreu novamente nas Quintãs, quando o retrato de seu pai caiu ao chão inesperadamente, apesar de não soprar qualquer vento e o prego que o sustinha se encontrar em perfeitas condições. O autor e o seu irmão Mário criam que o ocorrido tinha explicação sobrenatural.⁸

⁶ *Idem, ibidem*, p. 18.

⁷ Informação prestada pela filha do autor, registada em cassete audio e presente em anexo.

⁸ Dados biográficos relatados em conversa, ocorrida com a irmã do autor, D. Lídia Pina de Morais, em 22 de Agosto de 1998.

Finalmente, o último factor que nos parece ter favorecido o seu gosto pela **“autêntica descoberta do universo cósmico a que todos nós, plantas, homens e animais, igualmente pertencemos”**⁹ foi uma ama **“preta de raça cabinda com feições de branca, que se chamava Libânia.”**¹⁰ e que auxiliou a mãe do autor a criar os seus filhos, especialmente Domingos Monteiro, a quem chegou a amamentar, enquanto viveram no Rio de Janeiro. Foi precisamente esta ama que nele despertou o encanto pela natureza, **“pelo mistério das coisas que não percebia”**¹¹, através da observação cuidada dos elementos da natureza, contando-lhe histórias que o fascinavam: **“Com ela aprendi todas as lendas do oculto passado da sua raça”**¹². Como o próprio autor confessa:

“tudo quanto sei, a sério, da vida natural foi com ela que o aprendi. (...) Entretanto a sua influência sobre mim e sobre o meu destino tinha sido mais séria e profunda do que se possa imaginar.”¹³

Mais tarde, procuraremos mostrar a importância de todas estas influências na sua produção literária.

Durante a sua adolescência, quando tinha aproximadamente quinze anos, teve o ensejo de conhecer um dos grandes vultos da Literatura Portuguesa – Teixeira de Pascoaes (1877-1952) - durante uma viagem de comboio, em que conversaram bastante. Domingos Monteiro acabou por declamar alguns versos de sua autoria, o que terá causado uma ópti-

⁹ Domingos Monteiro, *Op. cit.*, p. 25 (o sublinhado é nosso).

¹⁰ *Idem, ibidem*, p. 19.

¹¹ *ibidem*, p. 21

¹² *ibidem*, pp.25, 26.

¹³ *ibidem*, p. 27 (o sublinhado é nosso).

ma impressão em Teixeira de Pascoaes. Daí em diante, passaram a conviver com alguma regularidade. Esta familiaridade propiciou a apreciação das criações poéticas de Domingos Monteiro pelo mentor da “Renascença Portuguesa”. O próprio Pascoaes ofereceu-se, inclusivamente, para prefaciá-lo o livro de versos *Orações do Crepúsculo* (1920), que marca o início da sua carreira literária, aos dezasseis anos.¹⁴

Relembremos, a propósito, que a “Renascença Portuguesa”, sociedade cultural, criada em 1912 e fundada precisamente por Teixeira de Pascoaes, Jaime Cortesão, Álvaro Pinto e Leonardo Coimbra, visava promover um ressurgimento pátrio, tornando os Portugueses conscientes dos valores próprio da “alma” colectiva. Em carta dirigida a Unamuno, em 23 de Setembro de 1912, Pascoaes apresentava o seu objectivo: “*revelar a ‘alma lusitana’, integrá-la nas suas qualidades essenciais e originárias*”. Fazia-se a apologia de um regresso à terra, às raízes nacionais, um auto-conhecimento colectivo.

Os ideais patrióticos e culturais do mentor da “Renascença Portuguesa” granjearam-lhe inúmeros adeptos, entre os quais Domingos Monteiro. Este nutria uma profunda admiração pelo autor de *Retorno ao Paraíso*, tendo sido profundamente influenciado pelo seu pensamento e pela sua obra, especialmente ao nível do amor pelas questões nacionais. Cremos, pois, poder afirmar que as preocupações de Domingos Monteiro com as “*coisas nossas*”¹⁵, a identidade nacional e o amor à pátria tiveram a sua génese na sua adolescência e juventude. A sua produção literária

¹⁴ Segundo informação prestada pelos seus familiares, sensivelmente por esta altura, Domingos Monteiro enfrentou problemas de saúde muito graves, dado que contraiu febre tifóide, tendo, felizmente, conseguido curar-se.

¹⁵ Expressão utilizada por José Régio como título geral de artigos publicados em *O Comércio do Porto* sobre literatura e cultura portuguesas (anos 50 e 60).

testemunhará o aprofundamento e o amadurecimento destas questões, como confirmaremos mais tarde.

Os anos de 1921, 1953 e 1978 assistirão à publicação de apenas mais três livros de versos, *Nau Errante*, *Evasão* (dedicado a Teixeira de Pascoaes) e *Sonetos*, respectivamente. Esta parca produção poética está relacionada com o facto de Domingos Monteiro ser, acima de tudo, um contador de histórias nato, tendo publicado dezassete obras de prosa narrativa.

Como afirmou David Mourão-Ferreira:

“Tinha, pois, muito de fabuloso; e era, essencialmente, um fabulador, um grande e impenitente fabulador. A conversar ou a escrever, a cada passo fabulava; e com a mesma naturalidade, a mesma urgência, quase a mesma cadência de quem respira.”¹⁶

Contista por excelência, Domingos Monteiro tinha, da verdade, um conceito de ficcionista, pois “inventava / criava” permanentemente histórias que contava a familiares e amigos de forma tão convincente que estes acreditavam nelas:

“Possuía, como bem poucos, esse raro dom de criar fábulas, mitos, histórias, relatos, em que se acredita ainda quando parecem inverosímeis, que nos convencem até quando se afiguram absurdos ou paradoxais.”¹⁷

Muitos foram os episódios relatados pela sua filha comprovando esta afirmação.¹⁸

¹⁶ David Mourão-Ferreira, *Op. cit.*, p. 11.

¹⁷ *Idem, ibidem.*

¹⁸ Informação prestada pela filha do autor e presente em anexo.

Para ele a fronteira entre ficção e realidade era muito ténue ou quase inexistente. Existia praticamente uma intersecção entre ambas. Aliás, afirmava que muitas das histórias patentes nas suas obras se tinham passado consigo, como por exemplo “A mais linda mulher de Espanha”, in *Histórias Castelhanas* (1955), “Ressurreição”, in *Contos do Dia e da Noite*, (1952).

Grande amante e apreciador de Literatura, é compreensível que Domingos Monteiro tenha lido, admirado e sido influenciado por vários autores: - na Literatura Portuguesa: Teixeira de Pascoaes, Fernando Pessoa, Camilo Castelo Branco e Antero de Quental; - na Literatura Espanhola, que tanto apreciava: Unamuno, António Machado, Joceline Machado, Garcia Lorca; - outros autores estrangeiros: Dostoiewsky, Thomas Mann, Gorky, Jack London, Mark Twain, entre outros.

Domingos Monteiro chegou a fazer várias traduções de obras de alguns destes autores, para várias editoras, nomeadamente: *O sonho do tio*, de Dostoiewsky; *Cisne Negro*, de Thomas Mann; *As confissões de Félix Krull*, *Cavalheiro de Indústria*, de Thomas Mann; *Os melhores contos*, de Thomas Mann; *Um homem na lua*, de Edgar Allan Poe; *Entre o Céu e a Terra*, de Otto Ludwig; *Uma aventura na Escócia*, de Robert Louis Stevenson; *Filmai, raparigas*, de Paul Vialar.

Nos finais da década de vinte, e concluído o seu curso universitário, partilha com Bastos Guerra e José Rodrigues Miguéis um escritório de advocacia na Baixa Lisboa. Profundos laços de amizade, iniciados na adolescência, ligavam Domingos Monteiro a José Rodrigues Miguéis. Inclusivamente, quando este partiu para os Estados Unidos da América, o compreensível afastamento físico era superado pela correspondência que trocavam entre si. Tinham uma grande ligação e partilhavam alguns ideais, embora José Rodrigues Miguéis se situasse mais à esquerda, em termos políticos, e Domingos Monteiro se mostrasse mais independente, como era seu apanágio.

A década de trinta assiste ao empenhamento activo do autor de *Bases da Organização Política dos Regimes Democráticos* em acções de carácter cívico e à redacção de textos de doutrinação política, em clara oposição ao regime saído do golpe militar de 28 de Maio de 1926 e à subsequente perda de liberdades fundamentais dos cidadãos. Daí, a sua participação na defesa de presos políticos, enquanto advogado, no extinto Tribunal Militar Especial:

*"eu próprio, por imposição de consciência me ofereci para defender graciosamente os presos por delitos políticos, tendo sido, senão o primeiro, um dos primeiros a iniciar essas defesas"*¹⁹

O autor revelou ainda ser um defensor do regime democrático e activo participante no Movimento da Renovação Democrática - "*mera Associação de carácter ideológico foi, na verdade, o primeiro partido político de oposição à Ditadura e de que fui o Presidente do Directório*"²⁰ (contou com a participação de Álvaro Ribeiro, Pedro Veiga, Delfim Santos, Manuel Leitão, António Alvim, entre outros, tendo-se dissolvido ao fim de um ano e meio) - e autor de obras, como *Bases da Organização Política dos Regimes Democráticos* (1931), *Crise de Idealismo na Arte e na Vida Social* (1933) e *Paisagem Social Portuguesa* (1944), que foram apreendidas pela Polícia de Informação e Defesa do Estado. Estes dois últimos trabalhos, que lhe valeram a sua apreensão pela PIDE foram publicados num só volume intitulado, ironicamente, *Livros Proibidos*, precisamente no ano em que foi restaurada a liberdade e a Democracia em Portugal: **1974**.

¹⁹ Domingos Monteiro, "Exame de Consciência", in *Livros Proibidos*, 1ª edição, Lisboa, Sociedade de Expansão Cultural, 1974, p. 13.

²⁰ Idem, *ibidem*, p. 19.

O primeiro texto, datado de 1933, constitui “*um ataque cerrado ao fascismo e ao nazismo que serviam de paradigma e exemplo à ditadura portuguesa. Em 1944 publiquei, finalmente, a “Paisagem Social Portuguesa”, estudo sociológico e simbólico sobre as condições de vida do povo português.*”²¹ que agradou tanto ao público e se esgotou em poucas semanas.

Domingos Monteiro é, inclusivamente, dos poucos escritores portugueses referenciado por Álvaro Cunhal como um dos homens que defendeu gratuitamente muitos opositores ao regime do Estado Novo, bem como as classes desfavorecidas:

*“Romancistas como Ferreira de Castro, Namora, Castro Soromenho, contistas como Torga, **Domingos Monteiro**, Manuel da Fonseca e Branquinho da Fonseca, dramaturgos como Rebelo e Santareno, críticos como Óscar Lopes e Dionísio, têm dado corajosa e esclarecida contribuição à luta contra o fascismo e à defesa da cultura.*”²²

Estas tomadas de posição valeram-lhe a animosidade do Estado Novo, o que terá porventura levado à não aceitação da sua tese de doutoramento:

*“Formado em Direito e convidado para me doutorar, escolhi deliberadamente uma tese em que fazia objectivamente a exposição dos princípios do regime democrático (...) Essa tese (...) não foi aceite sob o falso pretexto de não ter sido apresentada em tempo.”*²³

²¹ Domingos Monteiro, *Paisagem Social Portuguesa*, 1ª edição, Editora Educação Nacional, Porto, 1944, p. 19.

²² Cunhal, Álvaro, *Rumo à Vitória*, Edições “A Opinião”, n.º 1, Lisboa, 1974, p. 208 (o sublinhado é nosso) .

²³ Domingos Monteiro, “Exame de Consciência”, in *Livros Proibidos*, 1ª edição, Sociedade de expansão Cultural, Lisboa, 1974, p. 12.

Como homem íntegro que era, Domingos Monteiro tinha as suas convicções e não cedia, lutando pelas causas que considerava justas. Daí, não surpreender o facto de ter sido preso nos anos trinta e quarenta.

Curiosamente, foi colega, condiscípulo e amigo de Marcelo Caetano, tendo passado férias juntos na quinta de Mesão Frio. No entanto, não partilhavam as mesmas ideias nem os mesmos ideais. Domingos Monteiro era um liberal e um republicano convicto, mas nunca foi um extremista. Enquanto liberal convicto, colaborou na revista *Seara Nova*, dirigida por António Sérgio.

Esta fase em que participou mais activamente na sociedade e na política chegará ao seu termo no final da década de 30: *“deixei de advogar e a minha actividade política cessou a esse respeito.”*²⁴ **O autor considerava que a sua actividade enquanto democrata seria, agora, “mais útil através de livros, artigos e outras publicações.”**²⁵

A sua opção definitiva e amor pela Literatura Portuguesa levaram-no a criar a editora Sociedade de Expansão Cultural, em 1948:

“A Sociedade de Expansão Cultural, que desde o início da sua actividade tem procurado contribuir para a expansão e divulgação da autêntica cultura portuguesa (...). Para isso procurará não só editar alguns escritores conhecidos, cuja obra exige e merece maior divulgação, como revelar ao público português alguns autores ignorados, justamente aqueles que, pelos motivos expostos, e não obstante o seu mérito real, não conseguiram, até agora, ser publicados.”²⁶

²⁴ Idem, *ibidem*, pp. 17, 18.

²⁵ Idem, *ibidem*, p. 18 (o sublinhado é nosso).

²⁶ Idem, *Contos do Dia e da Noite*, 1ª edição, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1953, p. 163 (o sublinhado é nosso).

A sua primeira publicação foi *O Livro de Todos os Tempos – História da Civilização* (1951), em fascículos.

O objectivo da Sociedade era precisamente divulgar a Literatura Portuguesa, procurar promover e publicar autores portugueses, como por exemplo, Armindo Rodrigues. Segundo o autor de *Contos do Dia e da Noite*, os livros portugueses eram maltratados e os escritores muito explorados. Esta tomada de posição denota, mais uma vez, o seu empenhamento e a sua preocupação com as questões nacionais. De salientar, que Domingos Monteiro criou a Sociedade de Expansão, não só por razões patrióticas e de idealismo, mas também por motivos de pura sobrevivência.²⁷ Relembremos, a propósito, que o autor não é caso único na nossa Literatura: já Camilo Castelo Branco, autor tão querido de Domingos Monteiro, escrevera abundantemente como meio de sobrevivência pessoal e familiar.

Cumprir ainda destacar que o seu desejo de ser o editor das suas próprias obras poderá ser associado a uma característica muito vincada da sua personalidade: o seu **espírito de independência**. Foi precisamente este espírito que presidiu ao seu percurso literário, pois jamais pertenceu a qualquer escola literária ou movimento, bem como à conduta da sua vida pessoal, uma vez que a pautava pelos seus próprios padrões morais e não pelos aceites e defendidos pelas instituições.

Segundo David Mourão-Ferreira:

“Era o mais afável dos companheiros, o mais cintilante dos conversadores; mas caía, não raro, no impenetrável mutismo dos que se perdem em longínquas paragens. Gostava de viver, de conviver, de beber, de seduzir, de amar.”²⁸

²⁷ Informação prestada pela filha do autor e presente em anexo.

²⁸ David Mourão-Ferreira, *Op. cit.*, p. 11.

Detentor de uma personalidade riquíssima, Domingos Monteiro afirmava que *“na vida há três qualidades fundamentais que as pessoas devem ter: inteligência, bondade e coragem.”* Era este o lema da sua vida.

Era considerado pelos que o rodeavam como um homem complacente, tolerante, sensível, que gostava de ajudar o próximo e jamais fazia críticas morais, procurando não magoar as pessoas. Deleitava-se com a presença de familiares e amigos e apreciava sobremaneira que as pessoas tivessem disponibilidade para si.²⁹

Possuidor de uma grande abertura de espírito, costumava afirmar que, no que dizia respeito às pessoas, dever-se-ia distinguir a “aparência” da “aparição”. Ele valorizava mais a “aparição”, porque lhe interessava muito mais a personalidade de uma pessoa do que o seu aspecto físico ou a classe social a que pertencia. Não era, de modo algum, elitista.

Os que tiveram o privilégio de privar com o autor reconhecem que possuía um encanto especial, uma inteligência prodigiosa e até, segundo alguns, uma certa genialidade.

Grande amante da caça, gostava muito de deambular e conhecer o Portugal profundo. Não viajava para o estrangeiro, preferia o seu país, embora fosse um grande apreciador de Espanha, do carácter e coragem dos espanhóis, bem como dos seus autores, tais como Miguel de Unamuno e António Machado, como o comprovam os próprios títulos de algumas das suas obras, como por exemplo, *Histórias Castelhanas* (1955) e a dedicatória a esses *“Grandes de Espanha, que sem serem de Castela, incarnaram a sua alma.”*³⁰

Apesar de modesto, tinha noção do seu mérito literário e revelava, inclusivamente, alguma vaidade. Daí que a atribuição do Prémio Diário de Notícias, em 1966 e do Prémio Nacional de Novelística, em 1965 e 1972,

²⁹ Informação prestada pela filha do autor e presente em anexo.

³⁰ Domingos Monteiro, *Histórias Castelhanas*, 1ª edição, Lisboa, Sociedade de Expansão Cultural, 1955, p. 9.

tenha constituído motivo de regozijo para o autor, que não se preocupou demasiado com a natureza dos seus patronos.³¹

Aliás, o facto de ter recebido Prémio Diário de Notícias das mãos do Presidente da República de então, Américo Tomás (1958-1974), acabou por desencadear uma polémica entre o autor e João Abel Manta, uma vez que este achava que tal prémio estava conotado com o regime do Estado Novo e que Domingos Monteiro não o deveria ter aceite, criticando-o abertamente num artigo publicado no *Diário de Lisboa* (Julho de 1974). Domingos Monteiro, por seu turno, respondeu, igualmente, no *Diário de Lisboa*, a essas críticas, manifestando a sua surpresa por estar a ser criticado, dado que tinha um passado inatacável em termos de luta contra o regime do Estado Novo.

Toda esta polémica desgastou-o bastante, tendo-se revoltado contra quem o atacava, a seu ver, injustamente.

Nos finais dos anos 50, mais concretamente em 1958, começou a exercer funções dirigentes no Serviço de Bibliotecas Itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian. Foi nomeado seu Director em 1974, após a morte de Branquinho da Fonseca, e, nesse cargo, se manteve até que a doença o afastou.

As Bibliotecas Fixas e Itinerantes da Fundação, bem como milhões de leitores, muito beneficiaram da sua paixão pela Literatura e do seu objectivo de fomentar o desenvolvimento cultural da população. Este trabalho deu-lhe imenso prazer e trouxe-lhe muitas alegrias, possibilitando-lhe fazer algo de concreto pelo povo. Chegou, um dia, a afirmar com emoção: "*O gosto que aquelas crianças têm e as pessoas mais velhas que não têm possibilidades e vêm procurar, vêm pedir conselho e lêem Camilo (um dos autores da sua preferência)*!"³²

³¹ Informação prestada pela filha do autor e presente em anexo.

³² Informação prestada pela filha do autor e presente em anexo.

O carinho, admiração e gratidão por esta figura ímpar, embora hoje estranhamente ignorada pelo panorama literário e cultural contemporâneo, levaram o Serviço de Bibliotecas Itinerantes e Fixas a publicar a *Separata* n.º 1, que lhe é inteiramente dedicada, em 1980, por ocasião da sua morte.

Os seus méritos literários foram reconhecidos pela Academia das Ciências de Lisboa, quando, em 16 de Janeiro de 1964, o elegeu, por unanimidade, seu sócio correspondente. Em 1969, foi elevado à categoria de sócio efectivo, igualmente por unanimidade. Ocupou, assim, a cadeira que havia pertencido a Aquilino Ribeiro e Delfim Santos.

Em 1979, é distinguido com idêntica eleição, igualmente, por unanimidade, desta feita, para a Academia Brasileira de Letras, sob o parecer de Pedro Calmon e Josué Monteiro. Anteriormente, esta cadeira havia pertencido a Eugénio de Castro, Augusto de Castro e Joaquim Paço d'Arcos.

Domingos Monteiro colaborou activa e continuamente em várias publicações periódicas, tais como *Diário Liberal* (tendo participado na sua comissão directiva durante quatro meses), *Primeiro de Janeiro*, *Sol*, *Mundo Literário*, etc.

Numa época - 1975 / 1976 - em que, como sabemos, o clima político se encontrava em ebulição e as posições bastantes extremadas, Domingos Monteiro resolveu reagir contra os seus adversários fundando o jornal *Pátria*, onde pôde exprimir todas as suas convicções. Nesta altura, encontrava-se rodeado por pessoas de cariz conservador, que o influenciaram nesta parte final da sua vida³³. Com efeito, a fundação do Jornal *Pátria*, em 1976, revela, não só a sua preocupação, mas também a sua própria visão dos problemas portugueses da época e um desejo intenso de se opor a certos excessos de uma certa esquerda extremista.

Como salientámos anteriormente, o autor de *Histórias Deste Mundo e do Outro* foi, desde sempre, atraído pelo transcendente, sentindo-se extremamente fascinado pelo sobrenatural. Ele era, inclusivamente, rosa-cruciano³⁴. Várias vezes ao longo da sua vida, o autor afirmou ter tido premonições, não só relativamente a familiares, mas também a si próprio. Inclusivamente na hora da sua morte afirmou à sua filha: “*Olha que eu não chego ao Outono, porque recebi uma mensagem de Rosa Cruz.*”³⁵ E, de facto, o autor expirou em Lisboa aos 17 dias do mês de Agosto de 1980, no Hospital de Santa Maria.³⁶

A sua paixão pela vida levou-o a proferir as seguintes palavras: “*Eu não tenho medo de morrer, eu tenho é muita pena de morrer.*”³⁷

³³ Informação prestada pela filha do autor e presente em anexo.

³⁴ Informação prestada pela filha do autor e presente em anexo.

Convém salientar que, segundo Domingos Maurício, o vocábulo *Rosa - Cruz* diz respeito a uma “*associação secreta, que teve origem próxima num grupo de iluminados protestantes da Alemanha (1604-1605), divulgada através de uma série de panfletos anónimos publicados em Kassel (1614-1615). Aparecem neles sete sábios da Grécia a deliberar sobre os meios de transformar o mundo, mercê de uma confraria secreta com este nome, expondo os objectivos e meios concretos para atingir a renovação da Igreja, dos Estados e da sociedade. (...) Atribuíram-nos a J. V. Andreã, de Herrenberg (1586-1654), o qual pretendeu vulgarizar o movimento noutro romance, *Die Chymische Hockeit Christiani Rosenkreuz*, 1459. O herói era um antigo monge e cavaleiro chamado Rosa-Cruz, o qual, empreendendo uma viagem ao Oriente e convidado para assistir ao banquete nupcial de um rei imaginário, se fez iniciar numa seita de iluminados, para depois acabar emparedado numa caverna. Sob a sugestão destas obras, que constituíam uma verdadeira mistificação, vários grupos ocultistas gnósticos, que se foram formando desde o século XV, procuraram aglutinar-se sob a etiquetado termo Rosa-Cruz, adoptando o ideal da promoção da paz universal com uma nova confissão cristã internacional de sabor protestante. (...) sob a insígnia de uma rosa vermelha no centro de uma cruz da mesma cor, antigos símbolos ocultistas e supostas armas familiares de Andreã. (...)” (in *Verbo Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 16, Editorial Verbo, Lisboa, 1983, pp. 880, 881).*

³⁵ Informação prestada pela filha do autor e presente em anexo.

³⁶ É curioso verificar que três das mais destacadas personalidades nacionais – Domingos Monteiro (Lisboa, 17 de Agosto de 1980), José Rodrigues Miguéis (Nova Iorque, 27 de Outubro de 1980) e Marcelo Caetano (Rio de Janeiro, 26 de Outubro de 1980) - faleceram no mesmo ano, no espaço de um mês.

³⁷ Informação prestada pela filha do autor e presente em anexo.

Encontra-se sepultado no cemitério do Alto de S. João, em jazigo de família. A lousa tumular contém uma inscrição da autoria do próprio Domingos Monteiro, que sintetiza o seu percurso existencial:

“Aqui jaz um homem que tentou ser justo.”

2. Cânone literário de Domingos Monteiro

A herança literária de Domingos Monteiro é bastante vasta, dado que publicou várias obras de doutrina, crítica, história e ficção. De facto, grande parte da sua notoriedade advém-lhe, precisamente, da sua obra ficcional, como refere David Mourão-Ferreira:

“(...) a transparência, a imediatez, o fogoso andamento das suas narrações exprimem uma tão intensa alegria do acto de fabular que de imediato ao leitor se contagia.”³⁸

Será pertinente, neste momento, procedermos a uma inventariação do cânone literário do autor, a fim de podermos otimizar a nossa compreensão da sua extensão e importância³⁹:



1920 *Orações do Crepúsculo*, o seu primeiro livro de poesia, prefaciado por Teixeira de Pascoaes;

1921 *Nau Errante*, poesia, dedicado a Teixeira de Pascoaes;

1931 *Bases da Organização Política dos Regimes Democráticos*. Tese de Doutoramento, não aceite sob o pretexto de não ter sido apresentada a tempo.

1933 *A Crise de Idealismo na Arte e na Vida Social*, doutrina e crítica.

³⁸ David Mourão-Ferreira, *Op. cit.*, p. 11.

³⁹ Alguns elementos apresentados a propósito das obras de Domingos Monteiro foram extraídos do *Boletim Cultural*, da Fundação Calouste Gulbenkian, VIII série, n.º 3, Setembro de 1996.



1943 *Enfermaria, Prisão e Casa Mortuária*, novelas.

1944 *Paisagem Social Portuguesa*, “estudo sociológico e simbólico sobre as condições de vida do povo português”⁴⁰.

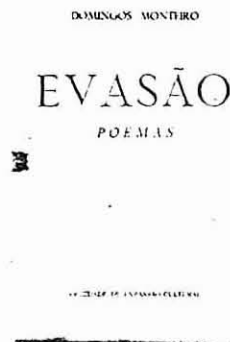
1945 *O Mal e o Bem e outras novelas*, dedicado “Ao José Paradela de Oliveira”⁴¹.



1947 *O Caminho para Lá*, romance.

1951 *O Livro de Todos os Tempos - História da Civilização* (três volumes), a primeira publicada por um autor português. Esta obra tem uma edição brasileira de oito volumes (1962).

1952 *Contos do Dia e da Noite*.



1953 *Evasão*, poesia, dedicado à memória de Teixeira de Pascoaes.

1955 *Histórias Castelhanas*. Dedicado à “memória de D. Miguel de Unamuno e de António Machado. Grandes de Espanha, que sem serem de Castela, encarnaram a sua alma.”⁴²

⁴⁰ *Paisagem Social Portuguesa*, 1ª edição, Porto, Editora Educação Nacional, 1944, p. 19.

⁴¹ *O Mal e o Bem*, 1ª edição, Porto, Editorial Ibérica, 1945, p. 5

⁴² *Histórias Castelhanas*, 1ª edição, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1955, p. 9.



1957 *O Homem Contemporâneo (Subsídios para a sua História).*

1958 *Sortilégio do Natal*, conto.

Publicação da peça *Traição Inverosímil*, que foi representada com êxito no Teatro da Trindade e serviu de argumento a um filme com o mesmo título, realizado por Augusto Fraga.

1961 *Histórias Deste Mundo e do Outro*. Dedicado "Ao Dr. José de Azeredo Perdigão e ao Branquinho da Fonseca."⁴³

1963 *O Dia Marcado*, contos. Dedicado "À minha Filha Estela e ao Alberto, de todo o meu coração."⁴⁴



1964 *Contos do Natal*

1965 *O Primeiro Crime de Simão Bolandas*, novela dedicada "A Álvaro Ribeiro - Grande Escritor e Grande Pensador – a quem deve a mais lúcida, profunda e completa interpretação da sua obra."⁴⁵

Obteve Prémio Nacional de Novelística desse ano e o Prémio Diário de Notícias, um ano depois. Publica o texto da conferência "A Medicina e a Lite-

⁴³ *Histórias Deste Mundo e do Outro*, 1ª edição, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1961, p.9.

⁴⁴ *O Dia Marcado*, 1ª edição, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1963, p. 7.

⁴⁵ *O Primeiro Crime de Simão Bolandas*, 1ª edição, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa 1965, p. 7.

ratura nas suas mútuas relações”, na Separata do “Boletim da Ordem dos Médicos”, vol. XIV, n.º 16

1967 *Histórias das Horas Vagas.*

Histórias do Mês de Outubro, dedicado a Augusto de Castro, “Grande Escritor e Amigo do Coração.”⁴⁶

DOMINGOS MONTEIRO
a vinha da maldição
e outras histórias
quase verdadeiras



1969 *A Vinha da Maldição e outras histórias quase verdadeiras*, contos.

1970 *O Vento e os Caminhos*, contos, dedicados “À Carolina e ao José, que simbolizam para mim o tranquilo isolamento que permitiu que eu escrevesse uma parte da minha obra. À memória de Manuel Ribeiro de Pavia.”⁴⁷

1971 *O Destino e a Aventura*, contos, dedicados “A Natércia Freire, grande poetisa e a Armindo Rodrigues, grande poeta, que gostam tanto das minhas histórias como eu gosto dos seus versos”.⁴⁸

1972 *Letícia e o Lobo Júpiter*, dedicado “À memória de LETÍCIA, última sacerdotisa da Ibéria. À memória do lobo JÚPITER, amigo fiel e servidor dos deu-

⁴⁶ *Histórias do Mês de Outubro*, 1ª edição, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa 1967, p. 7.

⁴⁷ *O vento e os Caminhos*, 1ª edição, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa 1970, p. 11.

⁴⁸ *O Destino e a Aventura*, 1ª edição, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa 1971, p. 11.



ses.”⁴⁹ Igualmente, galardoado com o Prémio Nacional de Novelística.

1974 Publica, num só volume, intitulado **Livros Proibidos**, “A Crise do Idealismo na Arte e na Vida Social” e “Paisagem Social Portuguesa.”

1976 Funda e dirige o jornal **Pátria**.

1978 **Sonetos**, poesia.

O Sobreiro dos Enforcados e Outras Narrativas Extraordinárias, dedicado “Aos meus netos TIAGO e VASCO para que aprendam a amar a Vida natural.”⁵⁰

1980 A RTP apresenta um filme baseado na sua novela *Os Filhos da Noite*.

Onze dias após a sua morte, o crítico João Gaspar Simões afirmou que Domingos Monteiro ofereceu à Literatura Portuguesa “as mais belas histórias que se escreveram em Portugal, durante os últimos cinquenta anos”.⁵¹

Também António Quadros, num texto de 16 de Setembro de 1980, publicado no jornal *O Dia*, manifestou a sua posição sobre a importância da obra do autor:

⁴⁹ *Letícia e o Lobo Júpiter*, 1ª edição, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1972, p. 11.

⁵⁰ *O Sobreiro dos Enforcados e Outras Narrativas Extraordinárias*, 1ª edição, Sociedade de Expansão Cultural, 1978, Lisboa p. 11.

⁵¹ João Gaspar Simões citado por Natércia Freire, “O Escritor Domingos Monteiro - As dimensões de ser Homem no mistério de existir, in *Separata Bibliográfica*, da Fundação Calouste Gulbenkian, n.º 1, Lisboa, 1980, p. 3.

“Uma novelística da razão vital, como a que realizou, intuitiva e exemplarmente Domingos Monteiro, é uma novelística que se amplia a todas as dimensões de ser homem, na sociedade, na natureza, no tempo e no mistério de existir.”⁵²

⁵² *idem, ibidem.*

3. Breve contextualização histórica, social, política e literária

O autor de *O Destino e a Aventura* assistiu, durante os setenta e sete anos da sua existência, a uma profunda alteração das condições políticas, económicas, sociais, culturais e literárias em Portugal.

Era Domingos Monteiro ainda uma criança com os seus cinco anos, quando se assistia a um clima nacional de instabilidade agónica que se reflectia numa crise aguda do pensamento e das instituições.

O *Ultimatum* inglês, em 1890, havia desencadeado uma autêntica onda de revolta e um choque psicológico e moral em todos os portugueses:

*“Nunca, como durante o Ultimato, houve tanta histeria acerca da necessidade de uma ‘ideia colectiva’, de organizar os Portugueses à volta da comunhão com a Pátria e as coisas portuguesas.”*⁵³

O país atravessava uma crise nacional e política de tal forma grave que culminou no regicídio em 1908, na queda da própria Monarquia e na implantação do regime republicano, em cinco de Outubro de 1910.⁵⁴

A mudança de regime político, que não veio satisfazer, de todo, os anseios da população, os conflitos de interesses, as lutas pelo poder, o favoritismo pessoal e partidário, a instauração ideológica do positivismo no ensino, a demagogia, conduziram a uma desorientação, a uma indife-

⁵³ Rui Ramos, *História de Portugal - A Segunda Fundação*, Direcção de José Mattoso, Vol. 6, 1ª edição, Editorial Estampa, Lisboa 1994, p. 39.

⁵⁴ Sobre as transformações ocorridas em Portugal nesta época, ver idem, *ibidem*, capítulo "A estranha morte da Monarquia Constitucional", pp. 335-399.

rença do povo relativamente ao seu passado, às suas raízes, às suas crenças.

Estavam criadas as condições para a instauração de um clima geral de perturbação que afectou a auto-estima nacional.

3.1. Saudosismo

Perante tal agitação, os intelectuais sentiam-se, tal como o país, não só desamparados, mas também profundamente amargurados com o presente decadente, por contraste com o passado glorioso da pátria. Esta triste situação levará Fernando Pessoa a afirmar:

“Somos um grande povo de heróis adiados (...) Somos hoje um pingo de tinta seca da mão que escreveu Império da esquerda à direita da Geografia. É difícil distinguir se o nosso passado é que é o nosso futuro, ou se o nosso futuro é que é o nosso passado.”⁵⁵

Deste modo, procurar-se-á agigantar o passado como ideal para o futuro. Estamos, portanto, perante uma forma de saudade, que irá conduzir Fernando Pessoa ao contacto com o movimento da “Renascença Portuguesa” e aos seus ideais saudosistas

A “Renascença Portuguesa”, sociedade cultural, criada na cidade do Porto, em 1912, visava promover um ressurgimento pátrio tornando os Portugueses conscientes dos valores próprios da “alma” colectiva, logo, confiantes nas suas indefinidas possibilidades⁵⁶, e foi fundada por Jaime Cortesão, Álvaro Pinto, Teixeira de Pascoaes e Leonardo Coimbra. Teve como órgão de expressão a *Águia* (1910-1932), revista mensal de ‘litera-

⁵⁵ Fernando Pessoa, *Sobre Portugal - Introdução ao problema nacional*, Ática, Lisboa 1979, p. 79.

⁵⁶ Jaime Cortesão, “No 40º Aniversário da Fundação da ‘Renascença Portuguesa’”, *Portucale*, suplementos à 3ª série, n.º 1 (Jan. - Março, 1962), citado por Jacinto do Prado Coelho, in *A Letra e o Leitor*, 3ª edição, Lello & Irmão Editores, Porto, 1996, p. 220.

tura, arte, ciência, filosofia e crítica social⁵⁷. Os seus ideais patrióticos e culturais contra a degenerescência nacional, mais de cariz filosófico, místico, poético e psicológico, do que político-económico, granjearam inúmeros adeptos, entre eles Fernando Pessoa.



Teixeira de Pascoaes (1877-1952), o principal mentor da sociedade e director de *A Águia*, de 1912 a 1916, difundiu nas páginas da revista a doutrina saudosista, que consistia em promover o renascimento nacional, congregar os Portugueses através da **Saudade**, o sentimento-ideia, elevada à altura de uma Religião, de uma Filosofia e de uma Política.

A **Saudade**, sentimento e mito, lembrança triste e esperança dinamizadora, constituiria, portanto, a chave da “**alma nacional**” e a **alavanca do ressurgimento**.

A *Renascença Portuguesa* e Pascoaes⁵⁸ procuraram suplantar o Portugal desditoso, adormecido, de identidade perdida, do início do século, contrapondo um regresso à terra, às raízes nacionais, um auto-conhecimento colectivo, bem como uma projecção da saudade na vivência do presente. A **saudade** seria uma forma de aliviar o mal-estar do presente que tanto angustiava os saudosistas. No entanto, ‘Renascença’ não era entendida, neste contexto, como um simples regresso ao passado, mas sim como um renascimento, um regresso às fontes originárias da vida, para criar uma nova vida.

⁵⁷ Cf. o artigo “Renascença” que constitui o manifesto-programa da Renascença Portuguesa a ser divulgado, in *A Águia*, Vol. I, 2ª série, n.º 1, Janeiro 1912, pp. 1-3.

⁵⁸ Teixeira de Pascoaes escreveu vários textos sobre este tema: “O Génio Português na sua expressão filosófica, poética e religiosa”, *Renascença Portuguesa*, Porto, 1913; “A Era Lusíada” (duas conferências), *Renascença Portuguesa*, Porto, 1914; “A Arte de ser Português”, *Renascença Portuguesa*, Porto, 1915.

3.2. Primeiro Modernismo - Geração de Orfeu

O espírito inquieto da nova geração de artistas como Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Almada-Negreiros, Santa-Rita Pintor, Armando Cortes-Rodrigues, Luís de Montalvor, deliciava-se com as novidades literárias e sobretudo plásticas do Futurismo, Modernismo e outros “ismos” que faziam furor em Paris e noutros países europeus. Assim, não é de surpreender que Pessoa se fosse distanciando do grupo da Renascença Portuguesa, por se sentir cada vez mais distante do Saudosismo e cada vez mais próximo do movimento modernista⁵⁹.

No campo literário, o Modernismo caracterizou-se por uma grande libertação da expressão, por um gosto exagerado do novo, pela coragem, ousadia, pela liberdade sentida a todos os níveis da criação: métricos, lexicais, semântico-simbólicos, etc. (não é por acaso, por exemplo, que o Modernismo português instaurou o verso livre, abdicou da rima esquemática, da rima como prática obrigatória). Com o Modernismo, não se começou a praticar só poesia visual, passou a haver um compromisso muito maior com as artes plásticas, surgiram tentativas de conjugação da linguagem verbal com outras linguagens.

⁵⁹ Sobre a dissidência de Fernando Pessoa relativamente à Renascença ver João Gaspar Simões, "Sob o ismo de Orfeu", in *Vida e Obra de Fernando Pessoa*, 5ª edição, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1987, pp. 171-

"ORPHEU"
REVISTA TRIMESTRAL DE LITERATURA

PORTUGAL E BRAZIL

Propriedade de: ORPHEU, L.^{da} Editor: ANTONIO FERREI

DIRECÇÃO
PORTUGAL
Luz de Montalvão — II, Avenida da Torre de Típolo — LISBOA
BRAZIL
Rovelli de Carvalho — IIIA, Rua Encarnação — RIO DE JANEIRO

ANO I — 1916 N.º 1 Janeiro-Fevereiro-Março

SUMÁRIO

LUIZ DE MONTALVÃO	Introdução
MÁRIO DE SÁ-CARVALHO	Para os "Indícios de Giro" (poemas)
RONALDO DE CARVALHO	Poemas
FERNANDO PESSOA	O <i>Martinhão</i> (drama estancado)
ALFARDO PEDRO GONCALVES	Três sonetos
JOSÉ DE ALMEIDA NEGREIROS	Três poemas
CHARES RODRIGUES	Poemas
ALVARO DE CAMPOS	Quilário e Ode Triunfal

Capa desenhada por José Pacheco

Oficina: Tipografia do Comércio — 10, Rua de Oliveira, ex. Carmo
LISBOA

Possuídos pelo desejo de actualidade e europeísmo, estes jovens pretendiam produzir, uma poesia actual e próxima da europeia.

Estavam, pois, lançadas as sementes para o aparecimento da revista *Orpheu*, em 1915, renovadora, cosmopolita e audaciosa.

Estes jovens combatiam o academismo, os velhos códigos e procuravam, enfim, entrar em confrontação, e mesmo em ruptura, com a tradição literária. Foi o que sucedeu com Fernando Pessoa, que desejava

experimental todo um potencial criativo possibilitado pelas novas tendências e "ismos", que pululavam nesta nova época literária que se estava a inaugurar⁶⁰.

Não obstante o incontestável valor destes jovens modernistas, o grupo de *Orpheu* não obteve, na época, o reconhecimento e a repercussão merecidos e os seus anseios de renovação foram, de algum modo, ignorados, devido, quiçá, ao excessivo conservadorismo da nossa sociedade e à falta de gosto pela pedagogia dos próprios modernistas⁶¹.

3.3. Queda da 1ª República e implantação da ditadura

Entretanto, a partir de 1923, assistiu-se a uma melhoria sensível da situação geral do país: o Orçamento Geral do Estado tendia para o equilí-

⁶⁰ Ver Eugénio Lisboa, "«Orfeu» Breve", in *Poesia Portuguesa: do "Orfeu" ao Neo-Realismo*, 2ª edição, Biblioteca Breve, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Lisboa, Março, 1986, pp. 15-149.

⁶¹ Ver Eugénio Lisboa, "Orfeu e depois", in *O Segundo Modernismo em Portugal*, 2ª edição, Biblioteca Breve, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Lisboa, Junho, 1984, pp. 15-26.

trais, rádio, televisão, não admitindo qualquer contestação, para, assim, dominar as mentalidades e reforçar, cada vez mais, o seu poder.

Esta matéria será novamente alvo de reflexão quando estudarmos o movimento do Neo-Realismo.

Após a observação das transformações políticas e económicas ocorridas no nosso país durante esta época, regressemos, agora, ao campo literário.

3.4. *Segundo Modernismo - Geração da Presença*

Após um período extremamente revolucionário e algo confuso como foi o do Primeiro Modernismo (Geração de *Orpheu*) urgia o aparecimento de um movimento que fizesse a divulgação dos seus princípios e absorvesse e estudasse os seus conteúdos. Eugénio Lisboa afirma a propósito: “Aos períodos de frenética aventura é bom que sucedam períodos de boa ordem.”⁶⁵

Eduardo Lourenço, no seu ensaio “*Presença ou a Contra-Revolução do Modernismo*” (*Tempo e Poesia*, Porto, Inova, 1974) converge com a asserção de Eugénio Lisboa; em certa medida, os aspectos revolucionários do Modernismo de *Orpheu* foram refreados pela Geração da **Presença**, embora dando-lhes uma característica, discutível, de travagem contra-revolucionária.

⁶⁵ Eugénio Lisboa, *O Segundo Modernismo em Portugal*, 1ª edição, Biblioteca Breve, Instituto de Cultura Portuguesa, Lisboa, 1977, p. 42.



A designação de Geração da *Presença* advém do nome de uma revista literária publicada em Coimbra desde 10 de Março de 1927 até 1940, num total de cinquenta e seis números. Os seus fundadores foram José Régio, João Gaspar Simões e Branko da Fonseca. Contou com a colaboração de nomes que se tornaram ilustres na Literatura Portuguesa, como Adolfo Casais Monteiro, Miguel Torga, Pedro Homem de Melo, Irene Lisboa, Vitorino Nemésio, entre muitos outros. Pode-se, portanto, afirmar que

os Presencistas fazem parte duma segunda fase do Modernismo, fase tão crítica quanto criadora, embora Fernando Pessoa considerasse a *Presença* como uma continuação natural do *Orpheu*. De facto, uma importante função da *Presença* foi a divulgação dos textos da geração de *Orpheu*, estudando-os criticamente, recuperando-os, dando-os a conhecer ao público e desenvolvendo, enfim, uma acção crítica relativamente a outras obras literárias mais recentes.

Como críticos, emitiram juízos e comentários sobre o Modernismo, realizaram recensões das obras portuguesas em verso e prosa mais significativas dos anos trinta, interessaram-se por escritores estrangeiros, como Proust, Apollinaire, Tolstoi, Dostoiewsky, Gide, entre outros.

Podemos, em síntese, afirmar que não se assistiu a uma ruptura, mas sim a uma continuidade entre o Primeiro Modernismo - Geração de *Orpheu* - e o Segundo Modernismo - Geração da *Presença*.

José Régio, um dos seus maiores vultos, sintetizou o programa de acção num famoso artigo intitulado "*Literatura Viva*", no primeiro número da *Presença*:

“Em arte, é vivo tudo o que é original. É original tudo o que provém da parte mais virgem, mais verdadeira e mais íntima duma personalidade artística. A primeira condição duma obra viva é pois ter uma personalidade e obedecer-lhe. (...) Eis como tudo se reduz a pouco: Literatura viva é aquela em que o artista insuflou a sua própria vida, e que por isso mesmo passa a viver de vida própria. Sendo esse artista um homem superior pela sensibilidade, pela inteligência e pela imaginação, a literatura viva que ele produza será superior; inacessível, portanto, às condições do tempo e do espaço.”⁶⁶

Deve-se a este grupo, como destaca Eugénio Lisboa na sua obra ***O Segundo Modernismo em Portugal***, um manancial de realizações determinantes para o panorama social e cultural de Portugal:

“ressuscita, impõe e consolida a geração do primeiro modernismo; (...) luta com uma coragem que os seus principais colaboradores manterão pela vida fora, contra todas as formas de servilismo intelectual (...); propõe e consagra um núcleo de poetas, romancistas, contistas, dramaturgos, que renovam o cenário das letras nacionais, através de uma “curiosidade” viva pelo homem; (...) cria as “edições presença”, para as quais o autor entrava com o dinheiro e a revista com o prestígio gradativamente crescente e cobijado; (...) mostra um interesse e vivo e crítico pelo cinema, como arte, desde o primeiro número; (...) começa a publicar uma série de Tábuas Bibliográficas dedicadas aos corifeus do modernismo; (...) estabelece (...) uma efectiva e não oficiosa aproximação com escritores brasileiros de vulto (...); agride com coragem e coerência (...) a política do Estado Novo; abre-se a colaboradores que, num futuro próximo, mudarão de campo (...); organiza exposições de pintura,

⁶⁶ José Régio, *Presença*, n.º 1, 10 de Março de 1927.

*concertos e conferências literárias; (...) vê crescer o seu prestígio (...).*⁶⁷

3.5. O Neo-Realismo

Ao contrário de países como Espanha e Itália, onde parte da *intelligentsia* aderiu ao Fascismo, a grande maioria dos intelectuais portugueses cedo se rebelou (sobretudo a partir da década de 30), recusando pactuar com um regime tão despótico e preferindo optar pela oposição frontal. Não é de surpreender, portanto, que muitos escritores, políticos, professores, artistas, intelectuais tenham sido perseguidos, vivido em exílio, voluntário ou forçado, como aconteceu, por exemplo com Afonso Costa, António Sérgio, Raúl Proença, Jaime Cortesão, e até com o Prémio Nobel português - Egas Moniz -, Mário Soares, Álvaro Cunhal e Domingos Monteiro, entre outros.

A sociedade mundial, em geral, e a portuguesa, em particular, sobretudo as suas elites intelectuais, presenciavam e sofriam um conjunto de transformações dramáticas, como sejam as resultantes da crise de 1929 e consequente grande depressão dos anos 30; o triunfo de regimes ditatoriais na Europa; a consolidação do Estado Novo português; o 1º Congresso de escritores soviéticos (1934) onde Jdanov pronunciou o seu discurso sobre o Realismo Socialista; a Guerra Civil Espanhola (1936); a Segunda Guerra Mundial (1939-1944), que alteraram a sua visão da realidade e, inclusivamente, a sua posição face ao processo de desenvolvimento, tornando-as mais activas e intervenientes.

⁶⁷ Eugénio Lisboa, *Op. cit.*, pp. 54 a 56. Para mais informações, ver na mesma obra Cap. II «O Segundo Modernismo: A "Presença"» (pp. 27-61) e Cap. III "Balanço do Movimento" (pp. 63-75).

Do mesmo autor, ver também " "Presença" Prudente", in *Poesia Portuguesa: do "Orfeu" ao Neo-Realismo*, 2ª edição, Biblioteca Breve, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Lisboa, Março de 1986.

Todos esses factos se fizeram sentir, também, na literatura e nas artes, em geral⁶⁸.

Num contexto influenciado por uma concepção mais empenhada da arte, os jovens intelectuais marxistas deste período começaram a criticar de forma bastante acutilante os presencistas, não só em termos teóricos, mas também práticos, por estes se terem, alegadamente, divorciado dos temas políticos e sociais, preocupando-se apenas com a "arte pela arte". Em 22 de Março de 1935, Rodrigues Miguéis afirmava:

*"Uma literatura que não responde às interrogações da sua época - pelo menos - está condenada ao desaparecimento (...) A própria literatura desinteressada, sem "parti-pris", convicta de neutralidade, tem de **mergulhar raízes na realidade social e moral do seu tempo.**"*⁶⁹

Estes jovens irão iniciar o movimento que ficará conhecido por **Neo-Realismo**, a que Rodrigues Miguéis, aliás, nunca pertenceu.

Ocorre-nos, agora, uma questão pertinente, a que urge responder: Como surgiram em Portugal estas novas ideias? A resposta não se nos afigura difícil, se nos lembrarmos do Primeiro Congresso dos Escritores Soviéticos supra mencionado (1934), no qual Gorky afirmou que o ser humano "*é uma unidade social e não um ser cósmico*" (realismo social); da ideologia marxista; dos romancistas norte-americanos (Steinbeck, John dos Passos, Erskine Caldwell) e brasileiros (Jorge Amado, José Lins do Rego, Graciliano Ramos), que, nas suas obras, denunciavam problemas económico-sociais, analisavam as condições de vida das classes mais

⁶⁸ Para mais desenvolvimentos sobre esta temática, veja-se Eugénio Lisboa, "Um «Arsenal de Esperança»: o Neo-Realismo", in *Poesia Portuguesa: do "Orfeu" ao Neo-Realismo*, 2ª edição, Biblioteca Breve, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Lisboa, Março de 1986, pp. 91-120.

⁶⁹ José Rodrigues Miguéis, citado por Fernando Guimarães, in *A poesia de Presença e o aparecimento do Neo-Realismo*, 1ª edição, Editora Inova, Porto, 1969, pp. 106-107 (o sublinhado é nosso).

desfavorecidas; das emissões radiofónicas e revistas estrangeiras (fornecidas por embaixadas), que, por não serem alvo de censura, eram uma porta aberta para o mundo.

O Neo-Realismo português teve início oficial com a publicação da obra *Gaibéus*, de Alves Redol, em 1939. Na epígrafe a este livro, o seu autor afirma: “Este romance não pretende ficar na Literatura como obra de arte. Quer ser, antes de tudo, um documentário humano fixado no Ribatejo. Depois disso, será o que os outros entenderem.”⁷⁰

Este romance pretendia ser, para além de ficção, um testemunho da realidade exterior.

No entanto, havia já manifestações anteriores que revelavam especial preocupação com o desajuste social (um dos temas mais caros aos neo-realistas), como é o caso de *A Selva* ou *Emigrantes*, de Ferreira de Castro.

As obras literárias de autores neo-realistas como Alves Redol, Afonso Ribeiro, Mário Dionísio, Manuel da Fonseca, Carlos de Oliveira, Soeiro Pereira Gomes, entre outros, pretendiam revelar uma outra realidade da sociedade portuguesa, com os seus males sociais, que urgia debelar. Muito mais do que mostrar a miséria dos pobres em contraste com a opulência dos ricos, era preciso revelar as contradições de uma organização social em crise, a miserável condição de vida dos camponeses, do proletariado rural e urbano. Assim, revelavam-se intervencionistas, pretendendo reeducar as massas, levando-as a abandonar o fatalismo, que, durante tanto tempo, as dominou.



ALVES REDOL

⁷⁰ Alves Redol, *Gaibéus*, Publicações Europa-América, Lisboa, 1975, p. 7.

Nunca como agora a obra literária valera tanto em função do seu significado ideológico, o que levava J. Almeida Pavão a referir que *“A história dum determinado homem, que nos comove, dá lugar à história de muitos homens unidos no mesmo sacrifício, na mesma luta pela sobrevivência, na mesma capacidade de sonho, na mesma esperança do amanhã que há-de vir.”*⁷¹

A função do escritor neo-realista era criar uma literatura de tese, cujo tema fundamental seria a luta de classes, a luta entre oprimidos e opressores, combatendo sempre ao lado do operariado explorado, contra o capitalismo, procurando contrariar a tese do fatalismo sociológico da pobreza.

A preocupação do Neo-Realismo com o Colectivo permite-nos compreender a sua intenção permanente de ***“integrar, no plano da ficção literária, os problemas de vastos grupos humanos, deste modo encarados como fonte de inspiração temática.”***⁷²

Como salientámos anteriormente, a censura foi um dos instrumentos utilizados pelo Estado Novo para controlar o país e, como tal, teve um papel determinante no impedimento da divulgação de certas ideias através da informação periódica. Deste modo, os escritores neo-realistas recorreram sobretudo à obra literária:

“E a verdade é que a substância poética ou romanesca mergulha mais rapidamente nas massas e nela age com maior eficácia do que através do ensaio ou da catequese demonstrativa. Foi na ficção que o Neo-Realismo exerceu a sua fecun-

⁷¹ J. Almeida Pavão, “Alves Redol e o Neo-Realismo”, in revista *Ocidente*, Vol. LVII, 1959, p. 70.

⁷² Carlos Reis, *O Discurso Ideológico do Neo-Realismo Português*, 1ª edição, Livraria Almedina, Coimbra, 1983, p. 158 (o sublinhado é nosso).

*da doutrinação, de vez que ele assumiu muito especificamente uma tendência literária.*⁷³

Estamos conscientes do facto de que as transformações económicas, políticas, sociais e literárias aqui apresentadas, em traços genéricos, estão longe de se esgotar no espaço que lhes foi dedicado. No entanto, cremos que este capítulo se reveste de uma importância fundamental, para compreendermos de forma mais cabal o sentido do cânone literário de Domingos Monteiro, especialmente a sua obra ficcional e a visão de *Paisagem Social Portuguesa* que nos apresenta.

4. Obra ficcional de Domingos Monteiro

4.1. Análise dos títulos

O título é, como sabemos, um elemento de carácter paratextual que nos permite inferir alguns indicadores de legibilidade.

Como salienta Carlos Reis:

*"O título sustenta com o texto literário relações de natureza diversa, no que toca à sua motivação. O que significa que o título de um texto não é, em princípio, uma escolha arbitrária, sendo possível, como tentou Genette, sistematizar em dois tipos dominantes (...) essa escolha: **títulos temáticos e títulos remáticos**. Os primeiros são os que remetem para elementos de conteúdo do texto (personagens, espaços, situações, etc.), enquanto que os segundos aludem a características de natureza formal, não raro dizendo respeito a atributos de género."*⁷⁴

⁷³ J. Almeida Pavão, *Op. cit.*, p. 204 (o sublinhado é nosso)..

⁷⁴ Carlos Reis, *O Conhecimento da Literatura - Introdução aos estudos literários*, 1ª edição, Livraria Almedina, Coimbra, 1995, pp. 214 (o sublinhado é nosso).

Neste sentido, consideramos pertinente indicar alguns **títulos temáticos** presentes na obra ficcional de Domingos Monteiro e que, como foi referido, remetem para personagens, espaços, situações, etc.

1943 - *Enfermaria, Prisão e Casa Mortuária*;

1945 - "O Mal e o Bem"; "A Menina Cega"; "O Encontro";

1947 - *O Caminho Para Lá* - 1ª parte: "A Criança e a Morte"; 2ª parte: "O Céu e a Terra"; 3ª parte: "Bifurcação";

1952 - "Os filhos da noite"; "O regresso"; "Ressurreição"; "Paternidade"; "A Ladrão";

1955 - "Terra Imortal"; "A mais linda mulher de Espanha"; "Tentação"; "As terras de Alvargonzalez";

1958 - *O Sortilégio do Natal*;

1961 - "O professor de húngaro"; "Um recado para o céu"; "O sono"; "Pureza"; "O milagre"; "A casa assombrada";

1963 - *O Dia Marcado* - "O dia marcado"; "Confissão"; "A Vingança"; "A mão fechada"; "Paixão";

1964 - "O menino Jesus que eu conheci"; "O milagre"; "O regresso"; "Ressurreição"; "Sortilégio do Natal";

1965 - *O Primeiro Crime de Simão Bolandas*;

1967 - "O desconto"; "A dúvida"; "O cão envergonhado"; "A bisca dos mortos"; "O senhor inspector"; "Desafrenta";

1969 - "A vinha da maldição"; "O instinto e a vida"; "A matadora"; "A morte de Diana a caçadora"; "A doença";

1970 - *O vento e os Caminhos* - "A minha tia Angelina"; "A morte é um facto natural"; "A verdade"; "O Vento e os Caminhos";

1971 - *O Destino e a Aventura* - "O Canteiro de Estremoz"; "O senhor engenheiro"; "A boleia"; "O gramofone";

1972 - *Letícia e o Lobo Júpiter* ;

1978 - "O sobreiro dos enforcados"; "A árvore que morreu de amor"; "O pinheiro das cegonhas".

Os **títulos** que "*aludem a características de natureza formal*" (**remáticos**) nas obras de prosa narrativa de Domingos Monteiro são:

1952 - *Contos do Dia e da Noite*;

1955 - *Histórias Castelhanas* - "Um prefácio que também é uma história"; "Uma história a contento de todos";

1961 - *Histórias Deste Mundo e do Outro*;

1964 - *Contos do Natal*;

1967 - *Histórias das Horas Vagas*;

1967 - *Histórias do Mês de Outubro*.

Em suma, podemos concluir que na obra ficcional de Domingos Monteiro predominam os títulos temáticos, o que pode estar associado à característica tendência do autor em criar e despertar no espírito do leitor a curiosidade e determinadas expectativas, que o conduzirão, inevitavelmente, à leitura da narrativa. No entanto, contista por excelência, Domingos Monteiro não podia deixar de intitular alguns dos seus textos utilizan-

do vocábulos que remetessem precisamente para o género, tais como o "histórias", "contos", etc.

De referir, ainda, que "*modernamente, encontram-se muitas vezes, sob a aparência de títulos remáticos (...) títulos mistos, isto é, com indicação simultânea de conteúdos de género*"⁷⁵, como acontece em alguns títulos de Domingos Monteiro, tais como: *O Mal e o Bem e Outras Novelas; Contos do Dia e da Noite; Histórias do mês de Outubro; A Vinha da Maldição e outras histórias quase verdadeiras; O Sobreiro dos Enforcados e Outras Narrativas Extraordinárias*; "Uma página de recordações a servir de prefácio".

O título de um texto literário "*constitui um elemento fundamental de identificação da narrativa*"⁷⁶. Poderá, pois, tornar-se uma primeira forma de revelação, visto que, por vezes, sugere alguns dados relacionados com o enredo, as personagens, a temática.

A interpretação que fizermos dos títulos permite-nos "levantar uma ponta do véu" da mundividência do autor, que se confirmará ou infirmará ao longo da leitura e análise das suas obras.

Os títulos das obras de Domingos Monteiro são testemunhos vivos do que acabámos de referir.

Apesar de o âmbito do nosso trabalho se centrar nas obras de prosa narrativa do autor, cremos que a observação dos títulos da sua obra poética – *Orações de Crepúsculo* (1920), *Nau Errante* (1921) e *Evasão* (1953) – nos revela, desde já, uma certa "*atitude brumosa, nostálgica e saudosista (...)*"⁷⁷, confirmando-o como "*um escritor de evasão, um homem que se evade, que se sublima, que poetiza.*"⁷⁸

⁷⁵ Idem, *ibidem*.

⁷⁶ Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes, *Op. cit.*, p. 395.

⁷⁷ Álvaro Ribeiro, *Escritores Doutrinados*, 1ª edição, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1965, p.137.

⁷⁸ Idem, *ibidem*.

Uma análise atenta dos títulos da sua obra ficcional narrativa, permitir-nos-á corroborar esta asserção, mas também retirar outras conclusões relevantes:

Ano de edição	Títulos das obras de prosa narrativa	Títulos das narrativas	Págs.
1943	<i>Enfermaria, Prisão e Casa Mortuária</i>	"Enfermaria"	7-56
		"Prisão"	57-116
		"Casa Mortuária"	117-143
1945	<i>O Mal e o Bem e Outras Novelas</i>	"O Mal e o Bem"	9-106
		"A Menina Cega"	109-154
		"O Encontro"	157-190
1947	<i>O Caminho Para Lá</i>	1ª parte: "A Criança e a Morte"	7-60
		2ª parte: "O Céu e a Terra"	63-181
		3ª parte: "Bifurcação"	185-320
1952	<i>Contos do Dia e da Noite</i>	"Os filhos da noite"	9-27
		"O regresso"	31-40
		"Ressurreição"	43-49
		"Paternidade"	53-127
		"A Ladra"	131-158
1955	<i>Histórias Castelhanas</i>	"Um prefácio que também é uma história"	15-31
		"Terra Imortal"	35-64
		"A mais linda mulher de Espanha"	67-84

		"Tentação"	87-117
		"Uma história a contento de todos"	121-164
		"As terras de Alvar-gonzalez"	167-179s
1958	<i>O Sortilégio do Natal</i>		9-28
1961	<i>Histórias Deste Mundo e do Outro</i>	"O professor de húngaro"	13-43
		"Um recado para o céu"	45-61
		"O sono"	65-86
		"Pureza"	89-120
		"O milagre"	123-137
		"A casa assombrada"	141-174
1963	<i>O Dia Marcado</i>	"O dia marcado"	9-33
		"Confissão"	37-65
		"A Vingança"	69-98
		"A mão fechada"	101-142
		"Paixão"	145-172
1964	<i>Contos do Natal</i>	"O menino Jesus que eu conheci"	9-14
		"O milagre"	17-33
		"Um recado para o céu"	37-59
		"O regresso"	63-79
		"Ressurreição"	83-94
		"Sortilégio do Natal"	97-117
		Nota do autor	119-121

1965	<i>O Primeiro Crime de Simão Bolandas</i>		11-128
1967	<i>Histórias das Horas Vagas</i>	"O desconto"	9-46
		"A dúvida"	49-68
		"O cão envergonhado"	71-92
		"A bisca dos mortos"	95-113
		"O senhor inspector"	117-135
		"Desafronta"	139-151
1967	<i>Histórias do Mês de Outubro</i>	"Preciso de uma estrela"	11-66
		"A última barba"	69-87
		"A casa circular"	91-121
		"A estrada que não vai dar a parte nenhuma"	125-140
		"O inimigo"	143- 154
1969	<i>A Vinha da Maldição e outras histórias quase verdadeiras</i>	"A vinha da maldição"	11-47
		"O instinto e a vida"	51-64
		"A matadora"	67-98
		"A morte de Diana a caçadora"	101-109
		"A doença"	113-179
1970	<i>O vento e os Caminhos</i>	"A minha tia Angelina"	15-50
		"A morte é um facto natural"	53-69
		"A verdade"	73-87
		"O Vento e os Caminhos"	91-173

1971	<i>O Destino e a Aventura</i>	"O Canteiro de Estremoz"	15-54
		"O senhor engenheiro"	57-79
		"A boleia"	83-104
		"O gramofone"	107-222
1972	<i>Letícia e o Lobo Júpiter</i>	I Parte - "Letícia"	15-145
		II Parte - Lobo Júpiter"	149-238
		Epílogo	241-246
1978	<i>O Sobreiro dos Enforcados e Outras Narrativas Extraordinárias</i>	Uma página de recordações a servir de prefácio	15-27
		"O sobreiro dos enforcados"	31-68
		"A árvore que morreu de amor"	71-88
		"O pinheiro das cegonhas"	91-112
		Nota final	115-120

Como podemos constatar, a produção literária narrativa de Domingos Monteiro revelou-se assaz profícua e regular, dado que publicou dezassete obras, contendo cerca de sessenta e sete contos, novelas e um romance. É, de facto, admirável, mas não surpreendente, dado que o autor sempre se assumiu como um **contista nato**, como já referimos anteriormente.

Ao percorrermos a obra ficcional do autor verificamos que é exemplar a sua propensão natural para contar histórias patente, inclusivamente, no facto de grande número dos títulos das suas obras literárias contem vocábulos que remetem para o **modo narrativo** como por exemplo

'contos' e 'histórias': *Contos do Dia e da Noite; Histórias Castelhanas; Histórias Deste Mundo e do outro; Contos do Natal; Histórias das Horas Vagas; Histórias do Mês de Outubro; A Vinha da Maldição e outras histórias quase verdadeiras; O Sobreiro dos Enforcados e Outras Narrativas Extraordinárias*. Estes títulos "convocam o leitor dotado de memória cultural e detentor de uma certa **competência narrativa** a adoptar uma atitude receptiva adequada a certo tipo de narrativa, às estratégias que usualmente a caracterizam, aos vectores temáticos eventualmente insinuados, etc."⁷⁹

É, igualmente, possível detectarmos nos títulos das suas narrativas, a presença de vários substantivos concretos, que designam "*objecto[s] físico[s], animado[s], localizado[s] (ou pelo menos, localizável[is]) espacio-temporalmente, com propriedades perceptuais directamente observáveis*."⁸⁰, como por exemplo, **Enfermaria, Prisão e Casa Mortuária** (1943); "A Criança e a Morte", in *O Caminho para Lá* (1947); "A casa assombrada", in *Histórias Deste Mundo e do Outro* (1961); "A mão fechada", in *O Dia Marcado* (1963); "O cão envergonhado", in *Histórias das Horas Vagas* (1967); **A Vinha da Maldição e outras histórias quase verdadeiras** (1969).

No entanto, é de toda a conveniência lembrar a profusão de substantivos abstractos em vários títulos das narrativas de Domingos Monteiro, nomeando "*objecto[s] não observável[is] directamente, não animado[s], não localizável[is] espacio-temporalmente (a não ser por referência ao espaço-tempo da enunciação)*"⁸¹, bem como noções, estados, qualidades e

⁷⁹ Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes, in *Dicionário de Narratologia*, 2ª edição, Livraria Almedina, Coimbra, 1990, p. 398

⁸⁰ Maria Helena Mira Mateus et alii, *Gramática da Língua Portuguesa*, 2ª edição, Editorial Caminho, Lisboa, 1989, p.54.

⁸¹ Idem, *ibidem*.

conceitos, como por exemplo, *O Mal e o Bem e Outras Novelas*; “A Criança e a **Morte**”; “**Ressurreição**” e “**Paternidade**”; “**Tentação**”; “**O sono**”, “**Pureza**” e “**O milagre**”; “**Confissão**”, “**A Vingança**” e “**Paixão**”; “**O milagre**” e “**Ressurreição**”; “**A dúvida**” e “**Desafronta**”; “**O instinto e a vida**”, in *A Vinha da Maldição e outras histórias quase verdadeiras*; “**A morte é um facto natural**” e “**A verdade**”; *O Destino e a Aventura*; “**A árvore que morreu de amor**”.

Estas considerações permitem-nos encaminhar a nossa reflexão de encontro a um traço característico da ficção de Domingos Monteiro: o fascínio por realidades não directamente, ou antes, fisicamente, observáveis. Títulos como “**O Céu e a Terra**”, in *O Caminho Para Lá* (1947); “**Um recado para o céu**”, in *Histórias deste Mundo e do Outro* (1961); “**O menino Jesus que eu conheci**”, “**O milagre**”, “**Ressurreição**” e “**Sortilégio do Natal**”, in *Contos do Natal* (1964); “**A bisca dos mortos**”, in *Histórias das Horas Vagas* (1967); “**A estrada que não vai dar a parte nenhuma**”, in *Histórias do Mês de Outubro* (1967)⁸² parecem confirmar esta conclusão. Ainda nesta linha de pensamento, parece-nos pertinente referir que estes títulos prenunciam a frequente intersecção entre o transcendente e o humano patente em algumas das suas obras.

Natércia Freire conta-nos um episódio por si presenciado e que sintetiza e corrobora as conclusões apresentadas anteriormente:

*“Há alguns anos, talvez em 1972, logo após a atribuição à sua obra do Prémio Nacional de Novelística, realizou-se um almoço de homenagem ao grande Escritor (...) o que de tudo sobreleva, em minha lembrança, o momento, é a Confissão pública, de espantosa veemência, em que o Escritor, para agradecer (...) repetia entre comovido e determinado: - **“Eu creio num universo transcendente. Eu creio num universo***

⁸² O sublinhado é nosso.

*transcendente. (...) é essa declaração, desferida como um grito, ou um arremesso de eternidade, lançado à efemeridade de cada instante, que essas palavras refluem, tumultuosas e longas, como um aviso proposto, exposto e logo ocultado, entre o Dia de um Homem que habitava a Terra.*⁸³

Relembramos, a propósito, as palavras de José Rodrigues Miguéis, grande amigo de adolescência de Domingos Monteiro, com quem havia partilhado um escritório de advocacia em plena baixa lisboeta, na década de 20, numa carta endereçada ao pai de David Mourão-Ferreira, datada de 28 de Agosto de 1927:

*“Escrevo-lhe ao ar livre, à porta duma gruta, sobre um lago onde cai um rosário contínuo de gotas e um repuxo transparente. Uma cortina azul de montanhas, uma sombra suave, um calor quase material – e o Domingos Monteiro a escrever uma novela transcendente, astralizante, abracadabrante, que imaginámos juntos uma destas noites aí pelas 4 da manhã.”*⁸⁴

Títulos como *O Dia Marcado* (1963), *A Vinha da Maldição* e outras histórias quase verdadeiras (1969), *O Destino* e *a Aventura* (1971) sugerem ao leitor a primordial importância que o **Destino** assume nas narrativas de Domingos Monteiro, como testemunha David Mourão-Ferreira:

“Eis-nos finalmente diante de um dos grandes temas, talvez o tema central, de toda a novelística de Domingos Monteiro: o da perene confrontação com o Destino, com o prome-

⁸³ Natércia Freire, “O Escritor Domingos Monteiro - As dimensões de ser Homem no mistério de existir”, in *Separata Bibliográfica*, da Fundação Calouste Gulbenkian, n.º 1, Lisboa, 1980, p. 3 (o sublinhado é nosso).

⁸⁴ David Mourão-Ferreira, “Confessar e Contar”, in *Boletim Cultural*, da Fundação Calouste Gulbenkian, VIII série, n.º 3, Lisboa, Setembro de 1996, Lisboa, pp. 12, 13 (o sublinhado é nosso).

*teico propósito de nele intervir, de o fazer inflectir ou de com ele colaborar”.*⁸⁵

Posteriormente, analisaremos esta temática de forma mais aprofundada.

Se nos concentrarmos em títulos como **O Mal e o Bem** (1945); “**O Céu e a Terra**”, in *O Caminho Para Lá* (1947); *Contos do Dia e da Noite* (1952) e *Histórias Deste Mundo e do Outro* (1961) deparar-nos-emos com a sugestão da **coexistência de elementos contrários**⁸⁶ que interagem ao longo das narrativas do autor:

“Domingos Monteiro parece sobretudo significar que todas as chaves e sinais que em nosso torno encontramos e constituem a mesma experiência em que nos baseamos para interpretar o real, têm mais do que um sentido, são como a

⁸⁵ David Mourão-Ferreira, *Op. cit.*, p.14.

⁸⁶ Cremos ser relevante para uma melhor compreensão desta temática aludir aos sistemas dualísticos:

*“estruturas simbólicas que recebem sua força de expressão da tensão entre dois componentes, sendo que cada um deles teria menos força isoladamente. Já na pintura das cavernas da era glacial se nota uma concepção dualística. Pares de opostos de todo tipo podem ser a base de tais bipolares: dia/noite, homem/mulher, vida/morte, animal/homem, na China antiga yin / yang (isto é, fecundidade / actividade), céu / terra, Deus / diabo, acima / abaixo, pureza / pecado, sol / lua, na alquimia enxofre / mercúrio (isto é, inflamável/volátil). A ordem do mundo baseado em sistemas dualísticos sempre novos tem um carácter claramente arquetípico e é difundido amplamente. Não é facilmente explicável a origem dessa tendência para a ordenação em pares de opostos. Pode-se supor que já no início da época tribal a experiência do Eu pessoal em relação ao mundo exterior conduziu a uma tal divisão do cosmos. Em contrapartida, é indiscutível a assertiva mais corrente, que vê a oposição dos sexos como a causa inicial. Em muitas culturas que não conhecem a escrita, a sociedade é dividida em duas metades complementares, cuja motivação é de cunho religioso. Antigas culturas superiores conhecem o fenómeno do duplo reinado. Na vida política da era moderna, nota-se com muita frequência a oposição entre dois grandes partidos e a política mundial regista a rivalidade entre dois blocos de força. As religiões que pretendem ser absolutas dividem a humanidade em irmãos de crença e “pagãos”, infiéis. Esta visão do mundo em tese (englobando o “eu”) e antítese contém um dinamismo tão forte e raízes tão profundas que não se deixa resolver por nenhuma síntese real (...).” (Hans Biedermann, *Dicionário Ilustrado de Símbolos*, Melhoramentos, São Paulo, 1994, pp. 129-130. O sublinhado é nosso).*

moeda, com as suas duas faces, sombra e luz, patente e oculto, visível e invisível.⁸⁷

Interessante, ainda, é verificar, que o autor raramente emprega nomes próprios nos títulos das suas narrativas, inclusivamente para referir o/a protagonista, valorizando o desconhecimento individualizado, como por exemplo “**A menina Cega**”, in *O Mal e o Bem e Outras Novelas* (1945); “**A Criança e a Morte**”, in *O Caminho Para Lá* (1947); “**Os Filhos da Noite**” e “**A Ladra**”, in *Contos do Dia e da noite* (1952); “**A mais linda mulher de Espanha**”, in *Histórias Castelhanas* (1955); “**O professor de húngaro**”, in *Histórias Deste Mundo e do Outro* (1961); “**O senhor inspetor**”, in *Histórias das Horas vagas* (1967); “**O inimigo**”, in *Histórias do Mês de Outubro* (1967); “**A matadora**”, in *A Vinha da Maldição e outras histórias quase verdadeiras* (1969); “**O senhor engenheiro**”, in *O Destino e a Aventura* (1971). No entanto, constatamos que cada um dos nomes destes títulos é antecedido de um determinante artigo definido e não indefinido, o que parece enfatizar “*acentuar o carácter único ou universal do elemento representado pelo substantivo (...). É o que se chama ARTIGO DE NOTORIEDADE.*”⁸⁸

De facto, ao observarmos os títulos das suas narrativas, verificamos que é exemplar o modo como o autor consegue despertar a curiosidade do leitor e o desejo de ler a narrativa.

4.2. Técnica narrativa veiculadora da temática

A obra ficcional de Domingos Monteiro seduz, desde o primeiro momento, o leitor, que acompanha o desenrolar dos acontecimentos nos

⁸⁷ António Quadros, “Na fronteira do Visível”, in *Crítica e Verdade – Introdução à actual Literatura Portuguesa*, 1ª edição, Lisboa, Clássica, 1964, p. 186 (o sublinhado é nosso).

⁸⁸ Celso Cunha e Lindley Cintra, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 7ª edição, Edições João Sá da Costa, Lisboa, Fevereiro de 1990, p. 214.

seus contos, novelas e romance, com emocionada curiosidade, envolvendo-se de tal forma, que não se consegue desprender da história. Para tal, contribui o narrador de diversas maneiras, recorrendo a vários processos de aproximação ao leitor: uma certa familiaridade no vocabulário, o emprego do discurso directo, interpelativo, as repetições vocabulares próprias da linguagem coloquial:

"Tornou a pensar que o seu acto qualquer outro o teria praticado e, sentindo a consciência sossegada, assoou-se ruidosamente à manga do casaco, cobrindo, com o barulho que fêz, a voz áfona e monocórdia do Juiz."⁸⁹;

Na narrativa "O cão envergonhado", a personagem D. Isolina, viúva abastada de sessenta anos, tinha uma grande afeição pelo seu cão *Gaúcho*, que, depois de ser tosquiado de forma algo "estranha", começou a ser rejeitado pelos outros cães, tendo perdido o apetite e começado a definhar. Então, D. Isolina entrega-o aos cuidados de Arnaldo Ferrador. O diálogo travado entre as duas personagens é extremamente interessante, pitoresco, revelando a mestria de Domingos Monteiro no que concerne aos processos de aproximação ao leitor:

"- Então, se a Senhora D. Isolina não me leva a mal, eu explico.

- Não levo.

- É que a culpa - peço mil perdões - foi de V. S.^a

- Minha?

- Sim. V. S.^a nunca ouviu dizer que, por bem fazer, mal haver? É por isso que digo que, embora por bem, a culpa foi de V. S.^a. Eu quando aqui cheguei, percebi logo, o que o cãozinho tinha.

⁸⁹ Domingos Monteiro, "Prisão", in *Enfermaria, Prisão e Casa Mortuária*, 1ª edição, Editorial Gleba, Lisboa, 1943, p. 60.

- Então o que era que ele tinha?

- Eu já digo. Tenha V. S.^a um pouco de paciência. Quando levei para casa - onde tenho uma canzoada - já sabia o que ia acontecer (...) Apenas entrei com ele, os outros cães começaram a rir-se. Devo dizer que eu, se fosse cão também me ria. Porque o bicho que eu levava, com aquela cabeleira de "madama", as costas rapadas e o rabo de espanador, era tudo menos um cão. (...) Porque o resto era simples: bastava-lhe o pêlo (como o fiz) onde ele o tinha a mais e besuntá-lo todos os dias, para que o pêlo crescesse (...). É que, senhora D. Isolina - e aqui o tom de Arnaldo tornou-se sentencioso - fique V. S.^a sabendo: um homem é um homem, um gato é um bicho e um cão é um cão, e como tal tem de ser tratado. Calou-se um momento e acrescentou:

- Depois disso já V. S.^a ficou sabendo de que sofria o seu cãozinho.

- Não, não sei - respondeu D. Isolina, ligeiramente ruborizada..

- Então se V. S.^a me não leva a mal, eu digo-lhe: o que o cãozinho de V. S.^a tinha, era vergonha... Sim vergonha e com muita razão. E quando alguém está envergonhado - se tiver algum brio - até perde a vontade de comer e vomita o que dão.

- Mas agora o que hei-de fazer, Senhor Arnaldo?

- Nada, minha senhora. Deixar-lhe crescer o pêlo à vontade de Deus.⁹⁰

O excerto que se segue, retirado do conto "Uma história a contento de todos", exemplifica o 'diálogo' que o narrador estabelece com o leitor:

⁹⁰ "O cão envergonhado", in *Histórias das Horas Vagas*, 1ª edição, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1967, pp. 90, 91

“Antes, porém, que D. Ramon chegue a casa de D. Soledad Ibañes, tem o **autor que prestar um esclarecimento aos seus estimáveis leitores**. Dado que a decisão de D. Ramon é irrevogável, e **tendo o autor prometido**, como consta do título, **escrever uma história que satisfaça todos os gostos**, sente-se na obrigação de apontar, antes que os acontecimentos prossigam no seu curso inelutável, além da que teve, mais duas soluções que a história poderia ter. (...) solução muito ao gosto das inúmeras pessoas que apreciam os finais com acordes da mão esquerda, isto é, os fins dramáticos (...) Esta solução destina-se a dar satisfação moral aos que acreditam (e eles lá saberão porquê!) que “a ociosidade é a mãe de todos os vícios”. **Os leitores exigentes** e nas condições referidas, poderão escolher qualquer das duas e dar a história por finda. Mas se a sua curiosidade for maior – o que acontece quase sempre – do que os seus desejos e convicções, **verificarão que o Destino, mesmo quando assume um aspecto literário, não se conforma nem com as intenções do autor nem com a vontade dos leitores**. (...) E foi assim que, **tendo o autor criado um D. Ramon ocioso e jogador** (...) e uma D. Soledad rica, formosíssima e, além disso, portadora dum temperamento vivo e impetuoso, não podia deixar de lhes conceder a liberdade consoante a sua natureza e sujeitar-se – visto que acredita na vida real dos seus personagens – a todas as consequências. Por esta razão, **a história veio a ter, como se verá, um fim bastante diferente, mas sobre o qual o autor conserva a esperança de que ainda tenha sido a contento de todos...**”⁹¹

⁹¹ Domingos Monteiro, “Uma história a contento de todos”, in *Histórias Castelhanas*, pp. 140-142 (o sublinhado é nosso).

*Cremos que este excerto é bastante elucidativo quanto à estreita relação que se estabelece entre o narrador e o leitor ao longo da narrativa, à forma como aquele desperta a curiosidade deste, jogando com as suas expectativas, apresentando várias hipóteses de solução da história que possam ir de encontro aos desejos de vários públicos: "(...) *a história veio a ter, como se verá, um fim bastante diferente (...)*", procurando, igualmente, antever e responder a eventuais questões que possam assaltar o espírito do leitor: "*Ao chegar a este ponto vê-se o autor obrigado, bem contra a sua vontade, a intervir novamente para responder às possíveis dúvidas dos leitores a quem custe acreditar que um homem (...). Posto isto, vejamos qual foi a reacção de D. Soledad Ibañes.*"⁹²

Estas considerações relativas à estreita interacção narrador/ leitor - "*Aqui entre nós que ninguém nos ouve.*"⁹³ - permitem-nos encaminhar esta reflexão de encontro a um ponto de convergência de Domingos Monteiro com um dos autores que mais admirava, Camilo Castelo Branco, que na sua emblemática obra *Amor de Perdição* escreveu: "*O leitor decerto se compungia; e a leitora, se lhe dissessem em menos de uma linha a história daqueles dezoito anos, choraria!*"⁹⁴ Este é um dos inúmeros exemplos em que

"[na arte narrativa burguesa do século XIX] *predomina o esforço para manter a mais curta distância, a mais estreita intimidade com o leitor. Conhecem-se as apóstrofes célebres ao «querido leitor», e conhecem-se os processos técnicos para aumentar esta intimidade: as alocações, as divagações com o*

⁹² Idem, *ibidem*, pp. 149, 150.

⁹³ Domingos Monteiro, "Um recado para o céu", in *Histórias Deste Mundo e do Outro*, p. 51.

⁹⁴ Camilo Castelo Branco, *Amor de Perdição*, 1ª edição, Livraria Moré, Porto, 1862, Porto (edição consultada: Porto Editora, Porto, 1986, p. 39.

leitor durante a narrativa, o diálogo já no prefácio, etc. Camilo fornece bastante exemplos (...).⁹⁵

Ainda nesta linha de pensamento, lembremos que:

*"Escrever um texto narrativo é, pois solicitar a atenção de um **leitor** cujas coordenadas histórico-culturais e ideológico-sociais o autor conhece em maior ou menor pormenor; e é por conta desse conhecimento que o autor perfilha estratégias literárias que, obedecendo com regularidade à curiosidade do **leitor** de textos narrativos, geram calculadamente as suas expectativas em relação ao desenrolar do relato."⁹⁶*

Domingos Monteiro privilegiou, ao longo do seu percurso literário, o **modo narrativo**, apesar de ter produzido várias obras líricas e uma dramática. No entanto, dentro do modo narrativo que, como sabemos, é constituído por **três géneros - conto, novela e romance**⁹⁷ - o autor de *Contos do Dia e da Noite* preferiu, sem sombra de dúvida, o conto, embo-

⁹⁵ Wolfgang Kayser, *Análise da obra Literária (introdução à Ciência da Literatura)*, Vol. I, Arménio Amado, Editor, Sucessor, Coimbra, 1970, p. 317 (o sublinhado é nosso).

⁹⁶ Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes, *Op. cit.*, Livraria Almedina, Coimbra, 1990, p.210.

⁹⁷ Segundo Carlos Reis, estes géneros possuem três propriedades fundamentais:

*"Os textos narrativos traduzem uma atitude de exteriorização, centrada num narrador que conta a história [porque neles procura-se descrever e caracterizar um universo autónomo, integrado por personagens, espaços e acções. Esse universo autónomo configura-se pelo labor de uma entidade fundamental: trata-se do **narrador**]; em função dessa atitude, os textos narrativos implicam uma representação de tendência objectiva [capacidade que a narrativa literária possui para nos dar a conhecer, de forma não raro muito pormenorizada, algo que é **objectivamente** distinto do sujeito que relata; assim, em princípio não é o **narrador** que constitui o centro de atenção da narrativa, mas sim as coisas, os lugares, as personagens, os acontecimentos, etc. - em suma: a **história**]; os textos narrativos contemplam procedimentos que instauram uma dinâmica de sucessividade [directamente relacionada com o devir do tempo em que se projectam os factos relatados e também com os termos em que neles se descrevem espaços, personagens, etc.]"* (Carlos Reis, *O Conhecimento da Literatura - Introdução aos Estudos Literários*, 1ª edição, Livraria Almedina, Coimbra, 1995, pp. 347-350.

Para um aprofundamento dos conhecimentos sobre a narrativa literária, consulte-se o Cap. V desta obra, pp. 343-373.

ra tenha publicado várias novelas e um romance, tendo-se assumido, desde sempre, e acima de tudo, como um **contista**.

Em termos materiais, o **conto** é uma narrativa pouco extensa e como observou H. Bonheim:

"não há dúvida de que esta limitação de extensão arastou outras limitações que tendem a ser observadas: um reduzido elenco de personagens, um esquema temporal restrito, uma acção simples ou pelo menos apenas poucas acções separadas, e uma unidade de técnica e de tom (...) que o romance é muito menos capaz de manter."⁹⁸

A Domingos Monteiro basta um reduzido número de páginas para nos contar, segundo João Gaspar Simões, *"as mais belas histórias que se escreveram em Portugal, durante os últimos cinquenta anos."*⁹⁹

O óbvio prazer com que conta as histórias e que se torna evidente para o leitor, foi confirmado pela sua filha em encontro realizado, em Lisboa, no dia catorze de Julho de 1998.¹⁰⁰

Este extraordinário **contador de histórias** entregava-se ao prazer de as narrar com uma simplicidade, facilidade e nitidez ao nível do estilo e técnica narrativa, uma imaginação de tal forma fértil que surpreendem e cativam - *"(...) de uma extrema simplicidade lexical, de uma grande linearidade sintáctica, de uma perfeita e imediata funcionalidade de todos os meios expressivos."*¹⁰¹ O seu estilo transparente, liberto de

⁹⁸ Bonheim, H, *The Narrative Modes. Techniques of the Short Story*, D. S. Brewer, Cambridge, 1982, p. 166, citado por Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes, in *Dicionário de Narratologia*, 2ª edição, Livraria Almedina, Coimbra, 1990, p. 76.

⁹⁹ João Gaspar Simões, citado por Natércia Freire no artigo "O escritor Domingos Monteiro. As dimensões de ser homem no mistério de existir", in *Separata Bibliográfica*, n.º 1, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1980, p. 3.

¹⁰⁰ Cf. anexo.

¹⁰¹ David Mourão-Ferreira, *Op. cit.*, p. 14 (o sublinhado é nosso) .

grandes preocupações estilísticas fascina o leitor e torna o autor uma excepção no nosso panorama literário, no qual, como afirmava José Régio, predominam os estilistas. João Gaspar Simões corrobora esta asserção quando afirma: "**O seu estilo analítico, sóbrio e desataviado, é raro em obras portuguesas.**"¹⁰²

Um dos aspectos peculiares da técnica narrativa do autor é-nos revelado pelas palavras de Sérgio Mourisca, personagem principal do conto "O Milagre", que, ao tentar redigir uma missiva ao seu pai, conclui:

*"Agora já estava melhor. Não havia nada que chegasse à sobriedade de um substantivo isolado... Não havia nada que restringisse tanto como um adjetivo... (...) Os adjectivos são como as más companhias: comprometem e diminuem (...)."*¹⁰³

Está, assim, explicado o motivo que leva ao predomínio dos substantivos e verbos (narração) em detrimento dos adjectivos (descrição/travagem) nas obras de prosa narrativa de Domingos Monteiro, o que está, igualmente, relacionado com o predomínio da **narração**¹⁰⁴ no género literário mais cultivado por Domingos Monteiro: o **conto**.¹⁰⁵

Ao longo das suas narrativas é também frequente encontrarmos a presença de **diálogo**, a forma de interacção verbal por excelência, que nos revela, muitas vezes a verdadeira essência das personagens, os seus sentimentos, propósitos e, até o ambiente social em que se movimentam,

¹⁰² João Gaspar Simões, *Crítica IV*, INCM, Lisboa, 1981, p. 43 (o sublinhado é nosso).

¹⁰³ Domingos Monteiro, "O milagre", in *Histórias deste Mundo e do Outro*, p. 123 (o sublinhado é nosso).

¹⁰⁴ Apresentamos a propósito o conceito de **narração** recordado por Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes: "(...) aquele procedimento representativo dominado pelo expresso relato de eventos e de conflitos que configuram o desenvolvimento de uma acção, o que obviamente só se compreende em função de um movimento temporal que transmita à narrativa a dinâmica mencionada." (*Dicionário de Narratologia*, p. 240).

¹⁰⁵ Para mais informações sobre este género literário, veja-se, por exemplo, idem, *ibidem*, pp. 75-79.

permitindo a sua caracterização indirecta, satisfazendo a exigência de credibilidade e verosimilhança¹⁰⁶. A **verosimilhança** é reforçada pela utilização frequente de regionalismos, como por exemplo: "*Bonda a forma (...)*"¹⁰⁷; de expressões populares, tais como "*(...) tens que te botar ao caminho...*"*(...)* "*Diz a este e mais àquele, e a esta e mais àquela...*"¹⁰⁸; "*Foi então que a "coisa" se deu.*"¹⁰⁹; "*Não se faça de Lucas*"¹¹⁰; pela referência a inúmeros personagens com nomes caracteristicamente populares, como "a Gertrudes do Soutelo", "o cego das Estevas, o corcundinhas das Lajes, e a Esmeraldinha do Vale das Casas"¹¹¹, o Arnaldo Ferrador: "*com os seus 70 anos, o Arnaldo Ferrador tinha um olhar vivo em que cintilavam, de vez em quando, laivos dessa saborosa ironia popular que é mais feita de gestos do que de palavras*"¹¹²". O diálogo estabelecido entre a personagem João Bolandas e o seu filho Simão em *O Primeiro Crime de Simão Bolandas*, acerca de uma viagem que aquele teria que fazer por ordem do patrão, D. Lourenço, um fidalgo de província, reitera as conclusões apresentadas:

"- Pai - disse ele, e no seu olhar havia uma ternura dolorosa -
Pai, não vá...

João parou surpreendido.

¹⁰⁶ Segundo Filipe Furtado: "*em princípio só a verdade corresponde integralmente ao real, mantendo-se portanto no plano do ser, o verosímil não faz mais do que aparentar essa correspondência, remetendo-se sempre ao que se pode chamar o plano do parecer. Assim, tentando simular uma inteira adequação ao real e, desse modo, confundir-se com a verdade, o verosímil apenas adequa de facto à ideia que a opinião pública dele faz às exigências da classe de textos literários em que a obra se inclui.*" (*A Construção do Fantástico na Narrativa*, Livros Horizonte L.da., Lisboa, 1980, pp. 47, 48. O sublinhado é nosso).

¹⁰⁷ Domingos Monteiro, "O regresso", in *Contos do Dia e da Noite*, p. 31.

¹⁰⁸ Idem, "Um recado para o céu", in *Histórias Deste Mundo e do Outro*, pp. 48, 49.

¹⁰⁹ "O encontro", in *O Mal e o Bem*, p. 159

¹¹⁰ "Preciso de uma estrela", in *Histórias do Mês de Outubro*, p.13.

¹¹¹ "Um recado para o céu", in *Histórias Deste Mundo e do Outro*, p.55.

¹¹² "O Cão envergonhado", in *Histórias das Horas Vagas*, p. 84.

- Não vou? Não vou onde?
 - Não se vá embora. - E o olhar de Simão tornara-se suplicante.
 - Não vou, porquê?
 - Tenho medo, pai...
 - Medo de quê?
 - Não sei, pai... Tenho medo.
 - E quem te ensinou a ter medo?
 - O medo também se ensina?
 - Também. Mas não fui eu.
 - Ninguém mo ensinou, pai, aprendi-o sozinho. - E insistiu: - Não vá, pai. Adivinho uma desgraça.
 - Qual desgraça?
 - Não sei...
- O rosto de João endureceu e, numa voz que não admitia réplica, ordenou:
- Tem juízo e não fales mais nisso. Recebi ordem para ir, e vou. As ordens são para se cumprir. Vamos cear.¹¹³

O excerto apresentado exemplifica, igualmente, uma outra característica do estilo de Domingos Monteiro, desta feita, ao nível da pontuação: a constante utilização das reticências que reforçam hesitações, suspensões provocadas pela emoção e consequente utilização do ponto de exclamação, frases incompletas que cabe ao leitor completar.

Efectivamente, na obra de ficção de Domingos Monteiro, impera a concisão de linguagem (como reconhece o próprio narrador de "O inimigo": "**Tudo isto, porém, que acabo de relatar em parcimonioso estilo, como convém a factos desta natureza (...)**"¹¹⁴), límpido poder verbal,

¹¹³ O *Primeiro Crime de Simão Bolandas*, pp. 19, 20.

¹¹⁴ "O inimigo", in *Histórias do Mês de Outubro*, p. 144 (o sublinhado é nosso).

fluidez, naturalidade, espontaneidade e elegância - *“Domingos Monteiro tem como que o pudor das obras longas e palavrosas (...)”*.¹¹⁵

Na verdade, somos atraídos pelas frases curtas, exclamativas, reticentes, repletas de subjectividade; pela linguagem intencionalmente coloquial, intimista, apelativa, familiar (interpelações directas ao leitor, interrogações, expressões familiares):

“- Vamos, desembuche...”

Fez o gesto de recusar, mas a solicitação era mais forte do que ela.

- Se o senhor me prometer que não diz nada ao senhor Gomes...

- Prometo. Mas quem é o senhor Gomes?

- É o meu patrão, o que tem o escritório na Rua dos Correeiros...

- Ah!

- É que se ele sabe que lho disse, põe-me na rua e eu tenho um marido doente e dois filhos a sustentar...

- E porque é que ele não quer que você conte a história?

- É que se eu lha contar (acabava sempre por a saber porque aqui na terra todos a conhecem) o senhor já não quer a casa...

- Quem sabe!

A mulher olhou para ele compadecido:

- Não quer... E se quiser, pior para si e para a sua senhora. Uma senhora tão perfeita e um casal tão simpático...

E se o senhor quiser...a sua senhora não quer de certeza - acrescentou a mulher como quem se aferra a uma última esperança.

¹¹⁵ João Pedro de Andrade, “O Vento e os Caminhos”, in *Revista Colóquio - Letras*, n.º 4, Lisboa, Dezembro de 1971, p. 90.

Chamada a terreiro, Noémia resolveu intervir na conversa.

- Talvez queira e talvez não. Conte lá... Conte que estou cheia de curiosidade...

- Os senhores juram que não dizem nada ao senhor Gomes?

- À fé de quem somos - disseram em uníssonos - Pode ficar descansada...

- Bem... - disse ela como quem lhe tira um peso de cima - É melhor assim. Estou a proceder mal para quem me paga, mas ao menos livro-me dum carregamento de consciência... Se os não prevenisse, nem podia dormir sossegada. E depois... seja o que Deus quiser... - acrescentou como quem não confia inteiramente no sigilo prometido.

- Se o senhor Gomes souber acabou-se...

- Por nós não sabe, fique descansada...

Estava vencida a última resistência e a mulher respirou fundo:

- Isto é uma coisa maligna, minha senhora - começou ela, voltada para Noémia. - Uma casa onde só sucedem desgraças... E assim há-de ser até que venha um fogo que a consuma. O povo diz que está assombrada e eu acredito.... Acredito porque tenho razões para acreditar... (...)¹¹⁶

Como já referimos anteriormente, os géneros literários preferidos do autor são precisamente o conto e a novela, especialmente o primeiro. Devido à sua curta extensão, várias categorias da narrativa são afectadas, nomeadamente a acção (tendência para a concentração de acontecimentos), a personagem (não pode ser uma figura complexa) e o tempo

¹¹⁶ Domingos Monteiro, "A casa assombrada", in *Histórias Deste Mundo e do Outro*, pp. 142, 143, 144.

"(...) o narrador trata de organizar o tempo de forma consideravelmente económica; por isso, predominam no conto velocidades narrativas tão reductoras como o sumário e a elipse, desvalorizando-se a pausa descritiva (...)")¹¹⁷.

O facto de Domingos Monteiro estar fundamentalmente interessado em contar uma boa história, veiculando o "pano de fundo" da 'Paisagem Social Portuguesa', de forma simples sem grande sofisticação narratológica, leva-o a adoptar o 'velho' e tradicional narrador heterodiegético (não participa na acção, informa o leitor acerca de acontecimentos que não lhe dizem directamente respeito, mas sim a terceiros - as personagens da história) omnisciente (mostra ao longo do enunciado narrativo conhecer os pensamentos mais íntimos das personagens, inclusivamente o código de valores por que se regem). Deste modo, reforça a sua credibilidade perante o leitor. Atentemos, então, no seguinte exemplo retirado de "O vento e os caminhos":

"Uma surda irritação tomara-o. Estava à espera de uma negativa mas não previra que alguém tivesse a coragem, o descaramento de o não receber a ele, António Sequeira, fidalgo dos quatro costados, instruído e bem educado e, para mais, rico e herdado de pai, afora as grandes fortunas que tinha ainda a receber da mãe e das várias tias a quem S. Gonçalo, padroeiro daquela região, não concedera a graça de casarem e de quem era herdeiro presuntivo. Estava habituado ao caloroso acolhimento das famílias, às mal disfarçadas solicitações, às rendidas facilidades com que as mulheres acolhiam os seus atrevimentos e sobretudo a não ser contrariado nos seus apetites e desejos. Tinha fama de irresistível e tudo aquilo feria o

¹¹⁷ Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes, *Op. cit.*, p. 78.

seu orgulho de homem habituado mais a ser solicitado do que a solicitar."¹¹⁸

Este tipo de narrador *"tende a adoptar uma atitude demiúrgica em relação à história que conta, surgindo dotado de uma autoridade que normalmente não é posta em causa; predominantemente (...) exprime-se na terceira pessoa (...)"*¹¹⁹; controla o tempo diegético - *"Na noite em que começa esta narrativa, a conversa recaíra sobre automobilismo,"*¹²⁰ - recorre a analepses e a prolepses como verificamos, por exemplo, nos seguintes trechos, respectivamente:

*"Quando o José Alarcão regressara a Portugal, muitos anos atrás, trouxera consigo aquela neta já supradita que guardava ciosamente, mal a deixando brincar com as outras crianças e a quem acompanhara até morrer, quando ela já se aproximava dos vinte e cinco anos."*¹²¹;

*"- A sua mão é indecifrável. O que me parece ver nela não é tão claro que me permita dizer alguma coisa. Posso apenas afirmar-lhe que vai fazer dentro de algum tempo uma grande viagem... E que Deus o proteja. - Depois acrescentou: - Que Deus o proteja a si e aos outros..."*¹²²

Os narradores das narrativas de Domingos Monteiro apresentam-

¹¹⁸ Domingos Monteiro, "O vento e os caminhos", in *O Vento e os Caminhos*, pp. 100, 101.

¹¹⁹ Carlos Reis, *O Conhecimento da Literatura - Introdução aos Estudos Literários*, 1ª edição, Livraria Almedina, Coimbra, p. 371.

¹²⁰ Domingos Monteiro, "A estrada que não vai dar a parte nenhuma", in *Histórias do Mês de Outubro*, p. 127.

¹²¹ "O vento e os caminhos", in *O Vento e os Caminhos*, p. 92.

¹²² "O Gramofone", in *O Destino e a Aventura*, p. 126.

-nos dados fundamentais para uma melhor compreensão da 'Paisagem Social Portuguesa' coeva do autor. Na verdade, em "Enfermaria", o narrador apresenta-nos a triste realidade social de pessoas que se encontravam hospitalizadas na enfermaria de um hospital destinado a pessoas mais desfavorecidas, onde, apesar de existirem precárias condições de saúde (comprovando, assim, o deficiente sistema de saúde de que o país dispunha), imperava, acima de tudo, a grandeza moral, espiritual daquelas personagens, graças à sua humildade, ao seu "saber de experiências feito", à entreatajuda, ao sofrimento. Assim, a presença de Fausto Salema, um industrial falido, abandonado pelos amigos e pela própria família, doente e hospitalizado no meio daquela gente humilde, evidencia a crueldade, a indiferença a que os membros da classe mais favorecida votavam os outros cidadãos, especialmente os mais humildes e, inclusivamente, aqueles que havendo pertencido ao seu seio ficavam arruinados, recusando-se a ajudá-los.

No conto "A ladra", constatamos que as diferenças sociais entre os mais abastados e os mais pobres atingem de forma cruel o mundo das crianças. De facto, Marianinha, menina pobre, filha de um ajudante de farmácia, era a melhor aluna do seu curso, mas não conseguia obter os bens materiais que abundavam na vida de Carmelita, a menina rica que, no entanto, era uma péssima aluna. Apesar de muito humilde, o pai de Marianinha era um homem extremamente honesto e honrado, que procura transmitir estes valores a sua filha. No entanto, o desejo de possuir uma caneta de Carmelita, levou Marianinha a roubá-la e, conseqüentemente, a ser descoberta e expulsa do liceu. Grande é o desgosto que vai dar a seu pai e, por isso, Marianinha sofre atrozmente.

As carências da população mais desfavorecida estão, mais uma vez, patentes na narrativa "Um recado para o céu". Aí testemunhamos a sua necessidade de **recorrer ao transcendente** para procurar suportar e, até, ultrapassar a desgraça e a miséria terrenas em que se encontrava:

"(...) nunca deixava de rezar por aqueles que a procuravam, relatando, com todos os pormenores, os males e tristezas que os afligiam, e rogando a Deus, em orações improvisadas, com a crença funda de que Ele a ouviria com atenção particular (...) remédio e consolação"¹²³; (...) "Um a um, todos foram entrando e formulando os seus pedidos. Este queria saber o nome do ladrão que lhe tinha roubado o dinheiro da junta de bois, que escondera debaixo de uma pedra. Aquele pretendia ganhar a demanda das águas, perdida havia já muitos anos. Uma mulher viera suplicar o regresso do filho, morto no Brasil... E assim por diante."¹²⁴

Nos anos trinta, quarenta, cinquenta e até sessenta, era muito frequente a **deslocação de jovens da província para a capital** ou para Coimbra, a fim de frequentarem as instituições universitárias. Tornava-se, pois, flagrante aos olhos deste jovens a diferença cultural, económica e social existente entre o litoral (mais desenvolvido) e o interior (menos desenvolvido). O interior rural tornava-se-lhes, portanto, muito pouco atractivo após a conclusão dos seus cursos, passando a maioria a fixar residência no litoral. Encontramos várias personagens jovens com este perfil, bem como esta triste realidade em algumas narrativas de Domingos Monteiro, como é o caso por exemplo, de "Paternidade", "A busca dos mortos", "O instinto e a vida":

"Robusto e saudável como era, nem sequer se sentia cansado. Provinciano e sem família em Lisboa, morava num quarto alugado no outro extremo, na encosta da Penha. (...) Além disso, amava aquela cidade prosapiosa e modesta, de-

¹²³ "Um recado para o céu", in *Contos do Natal*, 1ª edição, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1965, pp. 45, 46.

¹²⁴ Idem, *ibidem*, p. 55.

bruçada quase furtivamente sobre um rio que carreara durante centos de anos todas as alegrias e tristezas e todas as ambições dum povo e que permanecia idêntica a si mesma (...), na dignidade estática das suas tradições. Amava-a também pela alegria convivente da sua gente e pelo sorriso falsamente prometedor das suas mulheres."¹²⁵

As miseráveis condições de vida em que grande parte da população vivia, bem como algum espírito aventureiro conduziram muitos portugueses para a **emigração**, com destino ao Brasil, Venezuela, durante várias décadas. Domingos Monteiro dá-nos conta desta situação em "A última barba" e "O vento e os caminhos."

A exploração a que a camada mais favorecida da população sujeitava as camadas populares era de tal forma cruel e excessiva que levou uma personagem da narrativa "A vinha da maldição", filho de uma rica proprietária de várias explorações agrícolas, a condená-la veementemente. Torna-se, assim, evidente que, tal como o autor refere no ensaio *Paisagem Social portuguesa*, estas pessoas que suportam tanto e sofrem com tamanha humildade, espírito de solidariedade, são o verdadeiro sustentáculo do nosso país, a fonte da grandeza de Portugal enquanto nação.

Em outras narrativas do autor encontramos situações narrativas em que o responsável pela narração da história é simultaneamente autor, narrador e protagonista, como acontece, por exemplo, em "Uma página de recordações a servir de prefácio", in *O Sobreiro dos Enforcados* ; "Um prefácio que também é uma história", in *Histórias Castelhanas*. Trata-se

¹²⁵ "O instinto e a vida", in *A Vinha da Maldição e outras histórias extraordinárias*, 1ª edição, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1969, pp. 52, 53.

de narrativas obviamente de cariz autobiográfico. Aliás, o autor afirmava que muitas das narrativas por si publicadas haviam sido por si vividas.¹²⁶

Quando o narrador "*veicula informações advindas da sua própria experiência diegética*"¹²⁷, pois participou na acção enquanto personagem secundária e detém conhecimento directo dos acontecimentos é designado, de acordo com a terminologia apresentada por Genette, narrador homodiegético.¹²⁸ Esta entidade. É o que constatamos, por exemplo, no seguinte excerto retirado de "O menino Jesus que eu conheci":

*"Se alguém se pode gabar de ter conhecido pessoalmente o "Menino Jesus", essa pessoa sou eu. Acontece, porém, que o "Menino Jesus que eu conheci era um pobre inocente a quem tinham posto esse nome pela vulgaríssima coincidência de ter nascido no dia de Natal, de ter sido encontrado num monte ermo, embrulhado num xaile velho, e deitado sobre palhas, na cavidade de um rochedo."*¹²⁹

O confronto entre a personalidade do narrador homodiegético e a do protagonista pode revelar diferentes visões / perspectivas dos acontecimentos, do contexto em que estão inseridos. Este aspecto pode ser bastante relevante no que concerne à 'Paisagem Social Portuguesa', pois narrador e protagonista podem encará-la de diferentes modos, como acontece em "A vingança", onde o narrador manifesta a sua convicção de que só a partir da segunda metade do século XX a mulher se conseguiu emancipar. Por seu lado, o protagonista considera que "*o Universo é da*

¹²⁶ Informação prestada pela filha do autor e presente em anexo.

¹²⁷ Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes, *Op. cit.*, p.257.

¹²⁸ Cf. Gerard Genette, *Figures III*, Éditions du Seuil, Paris, 1972, pp. 251-253.

¹²⁹ Domingos Monteiro, "O Menino Jesus que eu conheci", in *Contos do Natal*, p. 9.

*fêmea, e o macho - sem exclusão do homem é um acidente na criação.*¹³⁰

Esta narrativa gira em torno da oposição entre macho e fêmea, não só ao nível do ser humano, mas também do reino animal. Narrador e protagonista procuram provar a validade das suas teses.

Em "O professor de Húngaro", o protagonista, Isolino Pimenta, manifesta a importância que atribui às línguas estrangeiras e ao conhecimento, por oposição ao narrador que discorda inteiramente.¹³¹

Ao percorrermos a obra ficcional de Domingos Monteiro, verificamos que a maioria das suas narrativas é, de um modo geral, relativamente pouco extensa, não abunda a descrição e, conseqüentemente, a caracterização directa das personagens é realizada de forma breve, revelando, apenas, o que se considera essencial¹³², como por exemplo:

*"Eram ambas altas. A mais nova teria os seus vinte anos, quando muito. Tinha o rosto pálido, uns olhos castanhos e enormes, e, nêles, uma expressão de sonho interrompido e de inocência desamparada. Era esvelta e bonita, de uma beleza que se desconhece, tímida e recatada. O vestido preto, certamente improvisado, apertava-a demasiado no busto."*¹³³;

"Eu conhecia há muito tempo o Dr. Silveira. Pequenininho, magro, comunicativo, rira-me muitas vezes com as anedotas que ele contava ao seu numeroso grupo de amigos, na mesa

¹³⁰ "A vingança", in *O Dia Marcado*, p. 69.

¹³¹ Cf. "O professor de Húngaro", in *Histórias Deste Mundo e do outro*, pp. 16, 17.

¹³² Cf. a propósito um dado biográfico relatado pela filha do autor em encontro realizado em 14 de Julho de 1998, registado em cassete áudio e presente em anexo, que corrobora esta afirmação: "interessava-lhe muito mais o que estava dentro [da pessoa] do que o aspecto físico." Daí a clara distinção que estabelecia entre 'aparência' e 'aparição', valorizando esta em detrimento daquela.

¹³³ Domingos Monteiro, "O encontro", in *O Mal e o Bem*, p. 159.

*ao lado. O Dr. Silveira tinha sempre uma história para contar ou um comentário a fazer.*¹³⁴

Parece-nos que, de uma forma global, a caracterização física das **personagens** das narrativas do autor é geralmente executada de forma directa (descrição dos atributos das personagens feita pelo narrador, por outras personagens ou pelas próprias), ao passo que a caracterização psicológica das mesmas é conseguida de forma indirecta (conhecemos as personagens não pelo que delas se diz, mas sim pelo modo como actuam, se comportam):

*"Em qualquer caso a **caracterização** (sobretudo a **directa**) constituirá um domínio de inevitável manifestação, pela via da subjectividade, das posições ideológico-afectivas do narrador em relação à personagem visada; e uma tal posição será decisiva para a definição dos fundamentais eixos semânticos que regem a construção da narrativa.*¹³⁵

Cabe, pois, ao leitor inferir as características das personagens ao nível psicológico, ideológico e social, através dos seus discursos e atitudes, o que o obriga a estar permanentemente atento a todas as acções e reacções das personagens, despertando, inclusivamente, a sua curiosidade, pois é como se estivesse a assistir a um processo constante de "construção" da personagem. É precisamente através da caracterização indirecta que podemos detectar o cinismo e arrogância de algumas personagens, que representam as classes mais favorecidas, relativamente às mais desfavorecidas, como acontece por exemplo com a personagem Augusto Rodrigues do conto "O mal e o bem":

¹³⁴ "Paternidade", in *Contos do Dia e da Noite*, p. 53.

¹³⁵ Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes, *Op. cit.*, p. 52.

"- Ora bem – declarou Rodrigues, calmamente, - ora bem, instale-se porque ainda temos muito que conversar. Claro que o senhor fica porque quer, por sua espontânea vontade... Eu não o obrigo a coisa alguma. Deus me livre... O facto do senhor ter assinado aquele papel não me autoriza a ser incorrecto. De forma nenhuma... É uma grande coisa a cortezia, não acha? Uma admirável invenção do homem! «As boas maneiras são uma virtude da alma» - lá o dizia o Emerson que não era parvo de todo... Com boas maneiras tudo se pode fazer, meu caro senhor... Até matar!..."¹³⁶

Como vimos, a obra ficcional de Domingos Monteiro conquistam o interesse e a atenção do leitor, não só devido à fluência da narrativa, mas também à evolução das suas personagens, especialmente em termos psicológicos.

Estas considerações permitem-nos encaminhar a nossa reflexão para um aspecto extremamente importante na técnica narrativa de Domingos Monteiro: uma impressiva e profunda caracterização psicológica e um intenso recorte psicossocial das personagens. De facto, O autor revela uma especial predilecção pela caracterização psicológica das personagens:

"Aquela mulher provocava-me uma intensa curiosidade, mas eu sei que quando se quer saber alguma coisa, ou antes, que quando se quer realmente conhecer a verdade, o melhor é não perguntar nada. Todo o ser humano por mais fechado que seja, tem necessidade de comunicar e até de se confessar. E é em geral um desconhecido que se escolhe. E sabia, sabia de ciência certa, que ela acabaria por me revelar espontânea-

¹³⁶ Domingos Monteiro, "O mal e o bem", in *O Mal e o Bem*, p. 19, 20.

mente o seu mistério. Porque havia com certeza um mistério - e terrível - na vida dessa mulher."¹³⁷

Lembremos, a propósito, a admiração que o autor nutria pelo escritor que elevou a um grau nunca atingido a análise dos contrastes psicológicos personagens e a complexidade da alma humana - **Dostoi**
ewsky.

O narrador de "Confissão" refere a importância do escritor russo:

*"Os personagens deste escritor são muitas vezes complicados e alguns deles cometem faltas e até crimes...Pois quase todos vêm a confessar o que fizeram. É esta a forma como o escritor os redime e o expediente com que eles se libertam dos fantasmas que lhes povoam o espírito. Psicologicamente está certo. De certa maneira foi este escritor, e alguns séculos antes dele, Inácio de Loyola, que inventaram a psicanálise."*¹³⁸

Creemos que o autor de *O Primeiro Crime de Simão Bolandas* procurou seguir-lhe as pisadas, não esquecendo o contexto social em que as personagens se inseriam.

João Gaspar Simões apresenta-nos o caso de "Paternidade":

"Em "Paternidade", Domingos Monteiro dispõe do tempo que precisa para aprofundar o estudo da psicologia do seu Dr. Silveira, mitómano de condição, personificação, afinal, da genuína psicologia de todo o novelista - ser que inventa situações e casos e que, inventando-os, acaba por acreditar neles e por levar os seus leitores a aceitá-los como se, realmente conscientes da sua ficção, nem por isso pudessem deixar de

¹³⁷ "A matadora", in *A Vinha da Maldição*, p. 83.

¹³⁸ "Confissão", in *O Dia Marcado*, p. 41.

*acreditar no que sabem só ter realidade no mundo das imagens."*¹³⁹

Esta tendência característica encontra-se presente em outras narrativas:

*"Todos o [Diogo Tavares] conhecíamos ou pensávamos conhecê-lo. E todos apreciávamos na medida em que o egoísmo exacerbado pelas preocupações quotidianas nos permitia apreciar alguém. Era inteligente e corajoso mas com qualquer coisa de desconcertante que não nos consentia entrar na sua verdadeira intimidade. Dele sabíamos o que contava de si próprio, na realidade muito pouco para se conhecer bem uma pessoa." (...)Uma ávida vontade de saber o que se passava naquela alma tomou-me inteiramente. Mas não foi preciso interrogar. Eu conseguira, afinal, abrir a porta que dá para o caminho das confidências."*¹⁴⁰;

*"Porfírio mexeu-se na cadeira. Uma onda de indignação tomara-o. O seu acto, embora reprovável, não podia obrigá-lo a assistir impassível àquela manifestação desvairada de cinismo. Antes ser julgado, por um tribunal regular e condenado... A idéia da condenação fê-lo estremecer e, de novo a figura do pai, moribundo, numa enfermaria da cadeia, se desenhava, no seu pensamento, como uma imagem branca numa câmara escura."*¹⁴¹.

Vejamos, neste momento, um exemplo de conhecimento da psicologia feminina patente em "O sono":

¹³⁹ João Gaspar Simões, *Crítica IV*, 1ª edição, INCM, Lisboa, 1981, p. 47.

¹⁴⁰ Domingos Monteiro, "O Canteiro de Estremoz", in *O Destino e a Aventura*, pp. 16 e 26.

¹⁴¹ "O Mal e o Bem", in *O Mal e o Bem*, pp. 37, 38.

"Até aí procurara atingi-la nos seus afectos e sentimentos, isto é, na parte psicológica do seu ser. Porque não procurar atacar a sua natureza de mulher - sabido como é, que esta, com os seus hábitos e necessidades, é muito mais ciosa das suas prerrogativas e direitos?

«A ideia consistia apenas em perturbar os seus hábitos, aqueles que - com razão ou sem ela - ela reputava necessários para conservar a sua saúde e juventude. (...)»¹⁴²

Por vezes, Domingos Monteiro ao referir-se a uma personagem, sugere mais do que diz, o que contribui para lhe aumentar a espessura humana:

"A reserva de minha mãe contra ela, o halo de mistério que nimbava as suas andanças pelo mundo, o próprio falazar do povo, de que eu já tivera conhecimento, tornavam-na uma espécie de fruto proibido e por isso mais saboroso."¹⁴³

A observação dos sentimentos mais profundos do ser humano, sejam eles sofrimento ("Enfermaria"), amor ("A menina cega"), entre outros, bem como a problematização das contradições da sua existência são uma constante nas suas narrativas.

Observemos agora a sagaz e fina ironia com que o autor analisa criticamente aspectos tão humanos da sociedade:

*"E vocemecê a dar-lhe!...
- É o que te digo, filha. Bonda a forma como ele te es-
creve. Vem mais pobre do que foi e para te comer o resto...
Os olhos da velha fuzilaram. Sentada na arca, junto do
fogo, o seu rosto cavado de rugas tinha uma cor de marfim ve-*

¹⁴² "O sono", in *Histórias Deste Mundo e do Outro*, p. 80.

¹⁴³ "A minha tia Angelina", in *O Vento e os Caminhos*, p. 17.

lho, em que as labaredas punham, de vez em quando, um tom avermelhado. As mãos pousadas no regaço dedilhavam, maquinalmente, o terço, e com a boca desdentada ia mastigando orações e proferindo invectivas, misturando o seu fervor de crente e o antigo rancor por aquele alma do diabo que ali aparecera um dia, só para lhe estragar todos os projectos.

*Avé-Maria, cheia de graça!... É o que eu te digo. Escusas de contar com a minha ajuda... O Senhor é convosco... A leira, ainda a deixei vender, só para me ver livre dele. Pensei que, com o génio que tem... Bendita sois vós entre as mulheres!... o matassem por lá... Bendito é o fruto do vosso ventre... ou que as febres o acabassem... Amen!...*¹⁴⁴

O discurso sagrado e o discurso profano (este incompatível com a essência daquele) entrecruzam-se neste excerto, contribuindo para esta toada simultaneamente irónica e crítica.

Este excerto, bem como muitos outros revelam a religiosidade tão radicada na alma humana. Urge salientar, neste momento, que a religiosidade manifestada pela grande maioria das personagens das narrativas de Domingos Monteiro é eminentemente prática, como acontece em "Um recado para o céu", in *Contos do Natal*, em que os aldeãos se dirigem a Gertrudes do Soutelo pois "sabem" que ela pode levar os seus "recados" para o céu; em *O Caminho para lá* encontramos o jovem Renato, personagem extremamente religiosa e que procura a presença de Deus em situações concretas.

É curioso referirmos, neste momento, que no processo de leitura das suas obras de ficção somos convidados a aceder a um mundo em que, de uma maneira geral, não encontramos personagens politicamente

¹⁴⁴ "O regresso", in *Contos do Dia e da Noite*, p. 31.

comprometidas (com excepção do conto "A boleia", in *O Destino e a Aventura*, 1971)¹⁴⁵, apesar de em determinada fase da sua vida, o autor ter sido extremamente empenhado politicamente. Como sabemos, a sua actividade política cessou nos finais da década de trinta.

A sua inabalável resolução, e até algum radicalismo, em separar a produção literária da luta política (Domingos Monteiro considerava que "*devia fazer as suas obras independentemente da política.*"¹⁴⁶), levou-o ao extremo de não relatar acontecimentos políticos nas suas obras de ficção narrativa, nem criar personagens envolvidas em questões políticas.

É nossa convicção que o facto de o autor não estar comprometido politicamente, não o impediria de apresentar lutas políticas e personagens comprometidas, como aconteceu com outros autores literários. Aqui encontramos, mais uma vez, a evidência de que Domingos Monteiro sempre preservou, de forma quase obsessiva, a sua liberdade e a sua independência, não só em termos literários (não se inseriu em qualquer movimento literário), mas também políticos.

Mas, se por um lado, era apologista da separação entre a produção literária e a política, o mesmo já não acontecia entre a ficção e a realidade, isto é, a fronteira entre ambas era muito ténue, deixando, por vezes de existir.¹⁴⁷ Em função do exposto, tornam-se elucidativas as palavras do narrador de "O Canteiro de Estremoz" relativamente à história que a personagem Diogo Tavares estava a contar:

¹⁴⁵ Neste conto, é-nos apresentada a personagem de um antigo vidraceiro que por haver participado numa greve geral de vidraceiros foi preso e condenado ao exílio durante dez anos. Durante esse tempo morreram os dois filhos e a mulher "amigou-se" com outro homem. (p.100).

¹⁴⁶ Dado biográfico relatado pela filha do autor, em encontro registado em cassette áudio e presente em anexo.

¹⁴⁷ Cf. com as palavras da personagem Diogo Tavares em "O Canteiro de Estremoz": "*(...) a vida real está mais no que os escritores contam nos seus livros do que naquele que pensamos que pensamos viver. Isso me deu a margem de sonho suficiente para não apodrecer de tédio.*" (*O Destino e a Aventura*, p. 18).

"Havia qualquer coisa de absurdo e irreal naquela narrativa mas todos nós queríamos saber o fim. **Fantasia ou realidade também se improvisa e inventa. E o que não era passa a ser.**"¹⁴⁸

Também em *O Sobreiro dos Enforcados* (1978), o narrador afirma:

"Alguns dos meus leitores, acreditarão neste livro. A grande maioria, contudo, pôr-lhe-á restrições e possivelmente – embora apreciando-o como tal – **tomá-lo-á como um produto da imaginação e da fantasia do seu autor. É a esses que particularmente me dirijo, dado que o reputo um dos mais autênticos e verdadeiros que até agora escrevi.**"¹⁴⁹

A criação literária de *O Sobreiro dos Enforcados e Outras Narrativas Extraordinárias* era, muitas vezes, desencadeada por um acontecimento da realidade que havia vivido, como nos confirma nesta mesma obra:

"*O Sobreiro dos Enforcados* existiu – e possivelmente existe – algures no Alentejo (...) **Eu mesmo estive junto dele e dei conta, por mim próprio, da sua maligna influência.** (...) A oliveirinha que é a personagem principal da história «A Árvore que Morreu de Amor», **conheci-a de perto.** (...) O que é certo é **que tudo se passou objectivamente como eu o relato.**"¹⁵⁰

¹⁴⁸ Domingos Monteiro, "O Canteiro de Estremoz", in *O Destino e a Aventura*, pp. 32,33 (o sublinhado é nosso).

¹⁴⁹ "Nota Final", in *O sobreiro dos Enforcados*, p. 117, 118 (o sublinhado é nosso).

¹⁵⁰ *ibidem*, p. 118, 119 (o sublinhado é nosso).

A “Nota Final” de *Histórias castelhanas* (1955) comprova esta linha de pensamento: **“Todas as situações deste livro – em que se não narrem factos ocorridos com o autor – são de pura ficção.”**¹⁵¹

Este é um de vários exemplos que ilustram a contaminação autobiográfica em várias narrativas de Domingos Monteiro como é o caso, por exemplo, de “Uma Página de Recordações a Servir de Prefácio”.¹⁵²

Segundo testemunhos da filha do autor, este imaginava as histórias durante dois ou três meses e escrevia-as numa ou duas semanas. O autor chegou a afirmar:

“Eu vivo as histórias antes de as escrever. Primeiro penso-as, burilo-as. Depois sento-me e escrevo.”¹⁵³

Eis, enfim, o **processo de criação literária de Domingos Monteiro**, que valoriza mais o conteúdo do que a forma, indiciando uma grande facilidade em escrever textos narrativos, em contar histórias, nas quais, muitas vezes, prevalece o mistério e a dúvida:

*“Tudo em mim é previsto e regulado (...) faço todas as previsões (...) Mas isso não anula, de forma alguma, o mistério que plana sobre a vida. E é nessa cultura que a monotonia se rompe - a monotonia que confere segurança à natureza humana, mas que na verdade, a diminui e vulgariza.”*¹⁵⁴

É possível verificar, ao longo das suas narrativas, uma certa parcimónia ao nível das **referências temporais** (o que se pode dever à redu-

¹⁵¹ *Histórias Castelhanas*, p. 181 (o sublinhado é nosso).

¹⁵² “Uma Página de Recordações a Servir de Prefácio”, in *O Sobreiro dos Enforcados*, pp. 15-27.

¹⁵³ Dado biográfico relatado pela filha do autor, em encontro registado em cassete audio e presente em anexo (o sublinhado é nosso).

¹⁵⁴ “Uma Página de Recordações a Servir de Prefácio”, in *O Sobreiro dos Enforcados*, p. 15.

zida extensão das narrativas, que não permite uma profusão das mesmas, como já foi explanado anteriormente) e até políticas, que dificultam ao leitor a localização temporal da acção em termos históricos, o que poderá contribuir para um certo cariz atemporal das mesmas. No entanto, grande parte dos acontecimentos de "Paternidade", in *Contos do Dia e da Noite* oferece-nos uma referência temporal concreta: decorreu durante a época da Segunda Guerra Mundial. O quadro temporal subjacente ao *Romance O Caminho para lá* também nos transporta ao início do século, ao Regicídio, à implantação da República: "*Mataram o Rei e o príncipe real. Só escaparam a rainha e o infante (...)*"¹⁵⁵. De referir, ainda, que no conto "A Matadora", in *A vinha da Maldição*, é possível encontrarmos referência à Guerra da Argélia, aos refugiados, ao General De Gaulle, à França.

Apesar de também os **elementos físicos**, que servem de cenário ao desenrolar da acção e à movimentação das personagens, escassearem, 'obrigando' o leitor a concentrar-se, tal como o autor deseja, na essência, na mensagem, é possível localizar a maioria das narrativas em espaços geográficos familiares ao autor: Trás-os-Montes (sua região natal), Lisboa (onde estudou e fixou residência), Alentejo (onde apreciava caçar), Espanha (país que lhe era muito caro) e Brasil (onde morou quando criança com a sua família).

A escolha do espaço físico de **Trás-os-Montes**, que serve de cenário para o desenrolar das intrigas de algumas narrativas, bem como à definição da movimentação das personagens, especialmente as populares, teve lugar, por exemplo, em: "Paternidade", "O dia marcado", "A mão fechada", "O desconto"; "A casa circular" (especial referência ao rio Douro).

¹⁵⁵ Domingos Monteiro, *O Caminho para lá*, 1ª edição, Editorial Ibérica, Porto, 1947, p. 21.

A cidade de **Lisboa**, enquanto espaço físico mais delimitado, materializa realidades físicas representativas de um mundo real cognoscível, no qual se movimentam algumas personagens, como acontece em: "Paternidade"; "A menina cega"; "O sono" - "*Da varanda da casa, florida de glicínias brancas, avistava-se o Tejo e o Monchão da Póvoa.*"¹⁵⁶; "O milagre" - "*A cidade ia adormecendo tranquila. Ali, da Costa do castelo, via uma grande parte dela. (...) Só o clarão do Rossio e da Avenida se projectava no céu (...) O farol de Cacilhas tartamudeava.*"¹⁵⁷; "O dia marcado" - "[Lisboa] a cidade atropelante e barulhenta que hoje conhecemos." ¹⁵⁸; "A dúvida"

A acção de "A Matadora" localiza-se, por seu turno, em Sevilha, **Espanha**, um dos países que o autor mais apreciava.

Como sabemos, Domingos Monteiro era um apaixonado da caça, apreciando sobremaneira caçar no **Alentejo**. Não é, pois, de surpreender que algumas das suas obras contenham referências ao Alentejo, como é o caso, por exemplo, de "O Mal e o Bem" (um primo da personagem Rodrigues possuía uma herdade no Alentejo).

Como referimos anteriormente, as precárias condições de vida e o espírito de aventura levaram milhões de portugueses a abandonar a sua pátria. Assim, sempre que em qualquer narrativa do autor é focado o tema da **emigração**, a acção localiza-se nos países de acolhimento, como por exemplo, o Brasil em "A última barba", "A doença"; "O gramofone"; a Venezuela em "O vento e os caminhos"; África em "A minha tia Angelina".

No Capítulo II, procederemos a um maior desenvolvimento desta matéria.

¹⁵⁶ "O sono", in *Histórias Deste Mundo e do Outro*, p. 66.

¹⁵⁷ "O milagre", in *Histórias Deste Mundo e do outro*, p. 125.

¹⁵⁸ "O dia marcado", in *O Dia Marcado*, pp. 13, 14.

Domingos Monteiro tem o cuidado de apresentar **espaços verosímeis** nas suas narrativas, como por exemplo a **casa** - "*símbolo do próprio homem que encontrou o seu lugar estável no Cosmo.*"¹⁵⁹:

*"Na sala, iluminada com a luz duma lâmpada velada, ouvia-se apenas o tic-tac do relógio de parede. Era uma sala ampla, mobilada com gosto, com móveis antigos, onde se respirava uma **atmosfera tranquila de paz e conforto.**"*¹⁶⁰

No entanto, tal não o impede de, paulatinamente, combinar elementos que evocam simultaneamente **o real e o sobrenatural**, como sucede em "A casa assombrada" ou em "A estrada que não vai dar a parte nenhuma":

*"Aquela estrada era - ou devia ser - não uma estrada no sentido próprio, mas a via que conduz, em linha recta, ao Universo transcendente - aquele em que se mergulha ou na ignorância total ou na total compreensão. (...) Só eu - e aqui a voz do Xavier Cosme adquiriu um acento grave e quase doloroso - mas eu andei pela «estrada que não vai dar a parte nenhuma.»"*¹⁶¹

O autor é, igualmente, exímio na construção de grandes momentos de ambiguidade e mistério:

*"- Diga-me: há quanto tempo não mora ninguém aqui?
O preço baixo surpreendera-o e fizera-o desconfiar.
A mulher demorou a resposta como quem procura recordar-se:
- Bem... Talvez há uns seis ou sete anos... Desde que...*

¹⁵⁹ Hans Biedermann, *Op. cit.*, p. 76.

¹⁶⁰ Domingos Monteiro, "O Encontro", in *O Mal e o Bem*, p. 165.

¹⁶¹ "A estrada que não vai dar a parte nenhuma", in *Histórias do Mês de Outubro*, pp. 136, 137 e 140.

- Desde o quê?
- O senhor não sabe? (...)
- Não, não sei nada.
- Sim?... Bem me queria parecer.
- Bem lhe queria parecer o quê? - interrogou Silvério.
- Que o senhor não sabia. (...)
- Isto é uma casa maligna, minha senhora - começou ela, voltada para Noémia - Uma casa onde só sucedem desgraças... E assim há-de ser (...) Quando a casa foi feita ainda eu não vivia nesta terra (...) Esta casa já teve três donos e ainda há-de ter muitos mais. O primeiro - um senhor muito rico de Lisboa - que a mandou fazer e que ao que me dizem tinha muito gosto nela - enforcou-se no candeeiro da entrada - aquele candeeiro de que os senhores gostaram tanto...¹⁶²

São vários os **meios sociais** em que se movimentam as personagens (espaço social) patentes em diversas narrativas do autor.

A descrição da casa das personagens Teresinha e D. Carminda em "A menina cega", revela-nos um meio social e economicamente degradado:

"A casa, com dois compartimentos, tinha uma aspecto miserável e quási repulsivo. A luz entrava pela porta e por uma janelinha com vidros partidos, colados com papel. A um canto havia um alguidar com água de sabão e um monte de roupa suja. Uma panela fervia sôbre um fogareiro de carvão. O ar empestava de Maus cheiros - morno e oleoso.

Logo que entrou viu a mulher deitada numa enxêrga sôbre o chão de terra batida. A pequena estava sentada, ao lado, num caixote."¹⁶³

¹⁶² "A Casa Assombrada", in *Histórias Deste Mundo e do Outro*, pp. 141-144.

¹⁶³ "A menina cega", in *O Mal e o Bem*, p. 140.

Encontramos as mesmas condições miseráveis de vida das classes populares em *O Caminho para lá*; "A Vinha da Maldição", "A Casa Assombrada"; "O Menino Jesus que eu conheci", entre outros.

Por outro lado, é frequente encontrarmos espaços sociais bastante mais favorecidos, como em *O Caminho Para Lá*, "A casa assombrada"; "A mão fechada", "O inimigo", "O Senhor Engenheiro" - "(...) quem não fosse formado em Direito na minha família, era como se lhe faltasse uma perna ou um braço (...)".¹⁶⁴ cremos que no exemplo apresentado é possível detectar orgulho de classe e, talvez, até uma certa presunção do pai da personagem.

Estes aspectos serão profusamente desenvolvidos no Capítulo II.

Se, como vimos anteriormente, **o estilo e a técnica narrativa** de Domingos Monteiro se caracterizam pela simplicidade, quase transparência, o mesmo já não se pode afirmar acerca da **temática**, que é bastante complexa. A prioridade do autor não é prender o leitor nas teias da narrativa através de artifícios estilísticos, mas sim ir de encontro ao que ele considera essencial, transmitir uma mensagem, um meio, um ambiente, uma emoção. De facto, o uso de uma técnica transparente é uma garantia de passar melhor a mensagem complexa ao leitor.

António Quadros escreveu a propósito:

"Domingos Monteiro parece sobretudo significar que todas as chaves e sinais que em nosso torno encontramos e constituem a mesma experiência em que nos baseamos para interpretar o real, tem mais do que um sentido, são como a

¹⁶⁴ "O senhor engenheiro", in *O Destino e a Aventura*, p. 62

*moeda, com duas faces, sombra e luz, patente e oculta, visível e invisível.*¹⁶⁵

Na esteira do que atrás foi referido: *“É sempre a intenção segunda que governa a Arte Literária de Domingos Monteiro.”*¹⁶⁶

Em suma, *“Nada do que Domingos Monteiro escreve é insignificante.”*¹⁶⁷

Na verdade, confluem nas suas narrativas **a ambiguidade, a sugestão**, que obrigam o leitor a estar constantemente alerta em relação ao permanente jogo de perversão do real e do sentido de humor apurado, permitindo-nos detectar a transgressão dos pressupostos comuns que acaba por definir a essência ambivalente, ambígua da sua obra. Daí, o próprio autor referir numa nota prévia à obra *Histórias deste Mundo e do Outro*: **“A linha que separa este Mundo do Outro é de tal forma invisível que são muito poucos os que dão conta de que já passaram a fronteira...”**¹⁶⁸. Nesta linha de pensamento, a personagem Dr. Antunes do conto *“A Casa Assombrada”* afirma:

“Vocês [Noémia, trinta anos e Silvério, trinta e cinco anos] ainda estão na idade em que só se acredita na realidade do mundo sensível... É muito pouco, ou melhor, não é coisa nenhuma. (...) Porque há outras realidades... Menos perceptíveis, menos comprováveis, mas nem por isso menos

¹⁶⁵ António Quadros, *Crítica e Verdade Introdução à actual Literatura Portuguesa*, 1ª edição, Clássica, Lisboa, 1964, p. 186..

¹⁶⁶ “Livros Escolhidos - «Histórias do Mês de Outubro»” (sem autor), in *Separata Bibliográfica* do Serviço de Bibliotecas da Fundação Calouste Gulbenkian, n.º 1, Lisboa, 1980, p. 7.

¹⁶⁷ Albano Nogueira, “O Sobreiro dos Enforcados e outras narrativas extraordinárias”, in *Revista Colóquio – Letras*, n.º 57, Lisboa, Setembro de 1980, p. 86.

¹⁶⁸ Domingos Monteiro, *Histórias deste Mundo e do Outro*, p. 11 (o sublinhado é nosso).

reais (...) *Por ser um homem de Ciência é que tenho todas as dúvidas. (...) Por estar velho é que vi e sei coisas que vocês ainda não sabem. Por exemplo sei – e o povo tem disso, pela experiência acumulada de séculos, uma segura percepção – que o destino está tão ligado às coisas como às pessoas.*¹⁶⁹

A personagem Fausto Salema confirma esta asserção:

*“Não - pensava agora – nós não vivemos num universo lógico! Nem os sentimentos, nem as ideias se podem exprimir por fórmulas e por números. Racionalizar inteiramente a vida é privá-la do seu mais íntimo e profundo significado...”*¹⁷⁰

Também a personagem Simplício Saavedra refere: *“(...) a minha ideia estava certa: a de que os homens fartos de realidade e de sociedades de consumo precisam de ilusão e de sonho (...).”*¹⁷¹

Na esteira do que temos vindo a referir, cumpre apresentar um dos temas mais recorrentes na obra ficcional de Domingos Monteiro: o **destino**, enquanto força superior e irresistível, que rege o curso dos acontecimentos e da existência das personagens, as quais se revelam incapazes de dominar os acontecimentos da sua vida e de a construir por si. Daí, que não se afigure possível qualquer outra conclusão para além da apresentada na narrativa, como podemos comprovar através dos seguintes exemplos:

¹⁶⁹ “A Casa Assombrada”, in *Histórias deste Mundo e do Outro*, pp. 152-154 (o sublinhado é nosso).

¹⁷⁰ “Enfermaria”, in *Enfermaria, Prisão e Casa Mortuária*, p. 38.

¹⁷¹ “O senhor engenheiro”, in *O Destino e a Aventura*, p. 78.

"Bem sei que é triste ter tentado tanto e ter que continuar nesta vida. Mas **não há nada a fazer: é destino.**"¹⁷²; "Homem - (...) - isso não é coisa que se abandone. Se esse fôr o seu verdadeiro caminho, **o destino se encarregará de o fazer voltar a ele...**"¹⁷³; "E uma noite, numa dessas minhas divagações pelos velhos bairros de Lisboa, que são tanto do meu agrado, **o Destino veio, mais uma vez, provar-me que é superior às decisões do homem.**"¹⁷⁴; "**Tudo fora preparado cuidadosamente pelo destino.**"¹⁷⁵; "**Ninguém foge ao seu destino.**"¹⁷⁶; "Na altura não percebi porquê - mas agora sei. **Foi o dedo do destino que me apontou o caminho (...)** Era um apelo, um chamamento a que não pude resistir".¹⁷⁷ "Apeteci-lhe prolongar aquela noite, **como se tivesse de cumprir um destino, acabar qualquer coisa que sabia inacabado.**"¹⁷⁸; "Sou, por minha índole, um bocado **fatalista** e embora saiba que o **Destino** é feito em grande parte pelas nossas mãos, também sei que ele nos **reserva algumas surpresas em que a nossa vontade não colabora.** E a essas há que aceitá-las humildemente porque **resistir ao Destino é como nadar contra a corrente.**"¹⁷⁹

¹⁷² "Os filhos da noite", in *Contos do Dia e da Noite*, p. 23 (o sublinhado é nosso).

¹⁷³ "Um prefácio que também é uma história", in *Histórias Castelhanas*, p. 29 (o sublinhado é nosso).

¹⁷⁴ "O professor de húngaro", in *Histórias Deste Mundo e do Outro*, p. 41 (o sublinhado é nosso).

¹⁷⁵ "O Canteiro de Estremoz", in *O Destino e a Aventura*, p. 46.(o sublinhado é nosso).

¹⁷⁶ *ibidem*, p. 52 (o sublinhado é nosso);

¹⁷⁷ "O instinto e a vida", in *A Vinha da Maldição e outras histórias quase verdadeiras*, p. 63 (o sublinhado é nosso).

¹⁷⁸ *ibidem*, p. 53 (o sublinhado é nosso).

¹⁷⁹ "A matadora", in *A Vinha da Maldição e outras histórias quase verdadeiras*, p. 73 (o sublinhado é nosso).

A recorrência deste tema na sua obra ficcional está, igualmente, patente no título da obra *O Destino e a Aventura* (1971).

Como já referenciámos aquando da análise dos títulos das obras do autor, é frequente a presença de **elementos opostos**, nomeadamente **bem / mal** (cf. *O Mal e o Bem*), **luz / escuridão** (cf. *Contos do Dia e da Noite*), **beleza / fealdade** (cf. "A menina cega", in *O Mal e o Bem*), **realidade / transcendente** (cf. *O Caminho para Lá; Histórias Deste Mundo e do Outro*).

Em "Casa Mortuária" o protagonista, que é o narrador, reitera esta linha de pensamento:

*"Na vida - pensei - é preciso ser ao mesmo tempo caridoso e mau, estúpido e inteligente, corajoso e covarde, apaixonado e indiferente, justo e parcial, generoso e egoísta... **E tudo isto ao mesmo tempo, pois que só assim se é humano, e porque a lógica da vida resulta do equilíbrio das suas monstruosas contradições.**"¹⁸⁰*

Apesar de **seres opostos**¹⁸¹, estes elementos não são perspectivados pelo autor como absolutos separados, inconciliáveis, muito pelo contrário. Eles chegam, inclusivamente a **trocar as suas posições tradicionais**, como é o caso, por exemplo, em "A menina cega". Nesta narrativa, a beleza física da personagem Teresinha, que é cega, contrasta vivamente com a fealdade física da sua mãe. No entanto, a filha, movida pelo amor, "vê com o coração" apenas o que é fundamental: a beleza interior de sua mãe, que prevalece sobre o seu aspecto físico menos favorável. Estamos, pois, perante a relativização do valor de cada um destes elementos opostos.

¹⁸⁰ "Casa Mortuária", in *Enfermaria, Prisão e Casa Mortuária*, p. 130 (o sublinhado é nosso).

¹⁸¹ Remetemos para a nota 86 desta dissertação, p. 59.

Na narrativa "O mal e o bem", estes elementos opostos, corporizados nas personagens Augusto Rodrigues e Porfírio Gonçalves, respectivamente, trocam as suas posições tradicionais, reiterando a ideia de que, apesar de parecerem aparentemente inconciliáveis, não são forças separadas e distintas, podendo, assim, coexistir:

*"(...) eu cometo todos os actos, que o senhor reputa maus, a coberto da lei e até com o seu auxílio (...) O homem de bem é aquele que respeita as disposições legais e aceita a moral comum (... E eu desafio que haja alguém que demonstre que eu não respeitei, durante toda a minha vida, as regras de conduta que a moral e o direito preconizam. Sou, **por isso, um homem de bem em toda a acepção da palavra.** (...) O senhor, para praticar os seus actos de generosidade, precisa de a [lei] infringir... O seu conceito de homem de bem, senhor Porfírio, é profundamente errado."¹⁸²*

A díade **realidade / transcendente**, a que já aludimos anteriormente, encontra-se, também muito presente em várias obras de Domingos Monteiro: "Um recado para o céu", "O milagre" e "A casa assombrada", "O dia marcado", "O menino Jesus que eu conheci", "A estrada que não vai dar a parte nenhuma", entre outras. Nestas narrativas, a fronteira entre estes dois elementos é muito ténue chegando, por vezes a desaparecer, como refere, aliás o próprio autor na nota de abertura da obra *Histórias Deste Mundo e do Outro*. Relembremos:

¹⁸² "O mal e o bem", in *O Mal e o Bem*, p. 23 (o sublinhado é nosso).

*"A linha que separa este Mundo do Outro é de tal forma invisível que são muito poucos os que dão conta de que já passaram a fronteira..."*¹⁸³

Ainda dentro desta temática, no conto "Ressurreição" encontramos uma personagem fisicamente debilitada, que alega ser Cristo, apesar de não ir de encontro ao protótipo físico a que os seres humanos estavam habituados, mas envolvido numa tal aura de transcendência, que vai transformar para sempre a vida de duas personagens bastante ligadas ao mundo material e algo cépticas: o pintor e a modelo - *"Disse que não te perturbasse e que a sua missão estava cumprida. Que já te tinha restituído a fé em ti mesmo e que, afinal, também tinhas acreditado nele..."*¹⁸⁴

Outro dos temas presente na obra ficcional do autor é a **viagem**. Algumas das personagens das suas narrativas só se realizam através da viagem, pois provam a si próprias que têm capacidade para sobreviver e até vencer pelos seus próprio meios, como acontece, por exemplo, com o protagonista de "O Gramofone", que encetou uma viagem até ao Brasil; com Agostinho, personagem de "Preciso de uma estrela", que só amadureceu física e psicologicamente depois de ter saído de casa para estudar.

Este tema da viagem está, como podemos constatar, intimamente associado, a uma certa **iniciação** no mundo adulto, maturidade física e psicológica, como acontece à personagem José, de "O Gramofone", que, ao viajar para o Brasil, prova que é autónomo (**"Não quero herdar a vida, como quem herda uma propriedade. Quero construí-la, quero fazê-la eu com as minhas próprias mãos.** Se não der conta do recado, não te-

¹⁸³ *Histórias Deste Mundo e do outro*, p. 11.

¹⁸⁴ "Ressurreição", in *Contos do Natal*, p. 94.

nho que me queixar de ninguém."¹⁸⁵) e, ao matar o primeiro homem, prova, que se tornou "um homem a sério", ("«*Dá cá um aperto de mão...*» - E com certa comoção que eu diria paternal, acrescentou: «**És um homem a sério.**»"¹⁸⁶) de acordo com as regras de Pirandu, uma localidade no interior de Minas Gerais, Brasil :

"«(...) E agora vou prevenir-te de uma coisa: tu vais ser provocado muita vez. Umas para te experimentarem, outras para fazerem pouco de ti. E se isso acontecer, não estás com meias medidas: agarras no gramofone...»

«No gramofone?...» - inquiri surpreendido.

«Sim, no gramofone. Nisto.» - E curvando-se um pouco, de uma prateleira oculta debaixo do balcão, tirou um revólver Smith de seis balas. «Como ia dizendo», prosseguiu, «agarras no gramofone e atiras. Mas atiras a matar, ao centro do peito.»"¹⁸⁷

Para concluirmos, cumpre referir um tema muito querido de Domingos Monteiro: o amor pela natureza e a profunda ligação e relação de amor existente entre o ser humano português e a natureza, com a qual, por vezes, se identifica, como acontece com a personagem Chico Fali-nhas em *O Caminho Para Lá*; em *O Primeiro Crime de Simão Bolandas*, na qual o pastor da serra Zé Lua mantém uma ligação muito íntima e estreita com a serra: "*Zé Lua humanizava tudo como se entendesse a alma dos elementos e as vozes silenciosas das coisas inanimadas.*"¹⁸⁸; em *Le-tícia e o Lobo Júpiter*, a personagem popular Manuel Azenheiro, de quem o narrador

¹⁸⁵ "O Gramofone", in *O Destino e a Aventura*, p. 113 (o sublinhado é nosso) .

¹⁸⁶ *ibidem*, p. 184 (o sublinhado é nosso).

¹⁸⁷ *ibidem*, p. 175, 176.

¹⁸⁸ *O Primeiro Crime de Simão Bolandas*, p. 54.

*"recordava a velha sabedoria de coisas não aprendidas, mas sabidas de ciência certa (...). Com ele aprendi muitas coisas que nunca mais ninguém me ensinou e entre elas uma meteorologia em que não entravam ciclones, mas que nunca errava nas suas previsões (...)"*¹⁸⁹

Nessa mesma obra, desta feita na narrativa "O Lobo Júpiter" confirmamos a ligação que Letícia, uma personagem popular, mantém com a natureza:

*"Sabia que, no fundo, Letícia era uma panteísta e que esse panteísmo lhe fora inculcado por uma longa tradição popular. (...) Havia nela a consciência das forças naturais não dominadas pelo Homem e que certos povos antigos tinham en-deusado. Sem dúvida que ela convivia com eles por uma forma que para mim [narrador] permanece misteriosa. Era um ser essencialmente religioso que instintivamente praticava uma religião mesclada de que o Cristianismo não era totalmente excluído."*¹⁹⁰

A personagem Arnaldo Ferrador: *"com os seus 70 anos, (...) tinha um olhar vivo em que cintilavam, de vez em quando, laivos dessa saborosa ironia popular que é mais feita de gestos do que de palavras"*¹⁹¹

¹⁹²; e em *O Sobreiro dos Enforcados e Outras Narrativas Extraordinárias* o narrador refere:

¹⁸⁹ "Letícia", in *Letícia e o Lobo Júpiter*, p. 16.

¹⁹⁰ "O Lobo Júpiter", in *Letícia e o Lobo Júpiter*, pp. 190, 191.

¹⁹¹ "O Cão envergonhado", in *Histórias das Horas Vagas*, p. 84.

¹⁹² "Letícia", in *Letícia e o Lobo Júpiter*, p. 16.

*"É que com este livro eu não quis provar nem demonstrar seja o que for. Como sei que vivemos num universo cumulativamente lógico e ilógico, em que todos os grandes problemas estão por desvendar, desde a origem até à sua razão de ser, **pretendi apenas afirmar o meu amor pelas coisas da natureza e, se tanto me fosse possível incuti-lo naqueles que me lêem.**"¹⁹³*

Efectivamente, a **sabedoria popular** é profundamente admirada e valorizada nas narrativas de Domingos Monteiro.

Nestas constatamos, igualmente, a fragilidade do ser humano face às forças da natureza, como por exemplo:

*"A terra estremeceu e os ramos começaram a cair. Foi um espectáculo súbito e terrível - um espectáculo que nos deu bem a **noção da fragilidade do homem face às forças da natureza dos desígnios de Deus.**"¹⁹⁴*

Também em *O Sobreiro dos Enforcados e outras narrativas extraordinárias* encontramos a personificação da natureza, a memória da infância feliz do narrador em contacto directo com a natureza:

*"Dirigi-me em silêncio ao sobreiro, a rogar-lhe que acabasse com os seus malefícios e de súbito uma ideia surgiu-me: **"vou ver se lhes ouço bater o coração, tal como outrora fizera com as árvores quando era criança"**.*"¹⁹⁵

¹⁹³ "Nota final", in *O Sobreiro dos Enforcados e Outras Narrativas Extraordinárias*, p. 120 (o sublinhado é nosso).

¹⁹⁴ "O desconto", in *Histórias das Horas Vagas*, p. 36 (o sublinhado é nosso).

¹⁹⁵ "A árvore que morreu de amor", in *O Sobreiro dos Enforcados e outras narrativas extraordinárias*, p. 63.

Outras narrativas do autor, testemunham as **preocupações sociais** que dominavam a *intelligentsia* portuguesa dos anos trinta e quarenta, bem como uma certa comoção perante as condições de vida das classes mais desfavorecidas, como podemos constatar através do seguinte exemplo:

*“A fome milenária da gente do povo tinha que ser saciada, fôsse como fôsse (...). Se os deixassem, eram capazes de comer por si, pelo pai, pelo avô, **por tôda a fome duma estirpe de cavadores ou de operários mal alimentados através das gerações**, e até pelos filhos lá por fora, ao abandono... Mais do que a satisfação duma necessidade fisiológica, era uma acção solene e vingativa que eles praticavam, uma espécie de recuperação, de reparação – um acto de justiça.¹⁹⁶ (...)”;* *“O que é certo é que durante dois anos **a minha mãe trabalhou como uma moira. Ela costurava para fora; minha irmã, que era mais velha do que eu, tratava da casa. Eu andava aos recados. Os dois mais pequenos, esses não faziam mais nada **senão pedir pão****... Mas lá íamos vivendo.¹⁹⁷*

No entanto, a sua obra ficcional também nos apresenta um retrato do português total, com a sua componente social e existencial:

*“Havia nele uma força, uma força que ele próprio desconhecía. **Fora preciso aquele banho de humildade e de tortura para se revelar. Tinha sido necessário aquele contacto com a miséria**, com a doença e com a morte para que se manifestasse. **A sua vida, agora, tinha um sentido. A força que havia nele tinha que ser aproveitada, não egoistamente,***

¹⁹⁶ *Enfermaria, Prisão e Casa Mortuária*, p. 21 (o sublinhado é nosso).

¹⁹⁷ *ibidem*, pp. 39, 40 (o sublinhado é nosso).

*como o fizera até ali, mas a favor daquela multidão dolorosa de vencidos, de sacrificados e de vítimas... **Dentro da sua consciência, houve um grito de triunfo e, pela primeira vez, despertou nele a noção, bela e terrível, dum dever a cumprir.***¹⁹⁸

Em guisa de conclusão, cumpre salientar que Domingos Monteiro se serviu, como vimos, de uma técnica transparente como pré-condição para transmitir com a máxima eficácia a complexidade da 'Paisagem Social Portuguesa'. Procuraremos desenvolver de forma mais detalhada este tópico no capítulo que se segue.

Como sabemos e já foi referido, os portugueses estão, de uma maneira geral, muito ligados à religião, embora de modo quase sempre pouco profundo, o que constitui a sua força para encarar e superar as adversidades da vida. Paradoxalmente, este povo é bastante supersticioso, encontrando-se alguns dos seus membros associados a bruxas, crendices populares, como podemos verificar através dos seguintes excertos:

*"Muitas vezes ouvi afirmar, a camponeses e a camponesas ignorantes, essa convicção, como lhes ouvi afirmar também convictamente a existência de bruxas e lobisomens."*¹⁹⁹;
*"Eugénio não acreditava em nada e acreditava em tudo, como bom camponês que era: nos lobisomens, nas almas penadas, no mau olhado e sobretudo nos pensamentos, embora logicamente se risse das suas crendices..."*²⁰⁰

¹⁹⁸ *ibidem*, pp. 55, 56.

¹⁹⁹ "Tentação", in *Histórias Castelhanas*, p. 94.

²⁰⁰ "O instinto e a vida", in *A vinha da Maldição*, p. 55.

Toda esta **estreita ligação entre o ser humano que trabalha o campo e a natureza** conduzem a "*um conhecimento de experiências feito*", como diria Camões. Daí que conheça como ninguém as condições meteorológicas, as melhores sementes, os locais ideais para se protegerem, caçarem, etc. Este é, de facto, o mais genuíno exemplo de sabedoria popular.

Capítulo II

Revisitar a

Paisagem Social Portuguesa

A preocupação e amor que Domingos Monteiro sempre revelou pela sua pátria e pelos seus destinos levaram-no a escrever o ensaio *Paisagem Social Portuguesa*, a criar a Sociedade de Expansão Cultural (uma editora que só publicava obras de autores portugueses), a promover o gosto pela leitura nos portugueses, enquanto responsável pelo Serviço de Bibliotecas Itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian (a partir de 1958), a fundar o jornal *Pátria* (1976) e a imbuir as suas obras desse amor e, por vezes, dessa preocupação.

A década de trinta assistiu, como já salientámos anteriormente, ao empenhamento activo do autor em acções de carácter cívico e à redacção de textos de doutrinação política, em oposição aberta ao regime saído do 28 de Maio de 1926. Deste modo, assistimos à sua participação no movimento da Renovação Democrática, à redacção de *Bases da Organização Política dos Regimes Democráticos* (1931) e *Crise de Idealismo na Arte e na Vida Social* (1933) e *Paisagem Social Portuguesa* (1944), que foram apreendidas pela Polícia de Informação e Defesa do Estado. De facto, as preocupações sociais que dominavam a *intelligentsia* portuguesa dos anos 30 e 40 atraíram-no.

Dois dos trabalhos acima mencionados, que lhe valeram a sua apreensão pela PIDE - *A Crise de Idealismo na Arte e na Vida Social* e *Paisagem Social Portuguesa* - foram publicados num só volume intitulado, ironicamente, ***Livros Proibidos***, precisamente no ano em que foi restaurada a liberdade e a Democracia em Portugal: **1974**.

O primeiro texto, datado de 1933, constitui, segundo Domingos Monteiro

“um ataque cerrado ao fascismo e ao nazismo que serviam de paradigma e exemplo à ditadura portuguesa. Em 1944 publiquei, finalmente, a “Paisagem Social Portuguesa”, estudo

*sociológico e simbólico sobre as condições de vida do povo português.*¹

Neste **Capítulo II**, procuraremos, de uma forma comparativa, demonstrar que as linhas gerais e os contornos da paisagem social portuguesa apresentados por Domingos Monteiro no ensaio *Paisagem Social Portuguesa* estão presentes nas suas obras prosa narrativa, permitindo-nos, assim, perceber, em termos genéricos, a sua visão das condições económicas e sociais que imperavam na sociedade portuguesa. Estamos, pois, perante uma tentativa de interpretação novelística da psicologia do povo português e do ambiente geofísico que o rodeava e o ajudava a determinar.

Convém referir que na construção discursiva deste “*estudo sociológico e simbólico sobre as condições de vida do povo português*”, que tanto agradou ao público e se esgotou em poucas semanas, o autor emprega vocabulário da geografia física.

Não faremos uma análise minuciosa das várias partes que compõem este estudo, salientaremos, sim, aspectos que consideramos fundamentais para uma melhor compreensão da *Paisagem Social Portuguesa em Domingos Monteiro* e, conseqüentemente da sua prosa narrativa.

O ensaio² *Paisagem Social Portuguesa* é constituído por um **prefácio** (pp. 5-10), **parte I** (pp. 11-19), **II** (pp. 20-35), **III -‘Relevo Orográfico’-** (pp. 36-61), **IV -‘O Sistema Fluvial’-** (pp. 62-72), **V -‘Os Vales e as Sombras’** (pp. 73-81) e, finalmente, um **epílogo** (pp. 82-83).

¹ Domingos Monteiro, *Paisagem Social Portuguesa*, 1ª edição, Porto, Editora Educação Nacional, 1944, p. 19.

² A propósito do ensaio e suas características veja-se Sílvia Lima, *Ensaio sobre a Essência do Ensaio*, 2ª edição, Arménio Amado, Editora Sucessor, Coimbra, 1964. Segundo o autor, o ensaio é uma negação do autoritarismo, constituindo inclusivamente a expressão literária de uma atitude mental: a atitude crítica (cf. p. 56), que exercita o intelecto, robustecendo-o (cf. p. 64). As principais características dos ensaios, de uma maneira geral: “o auto-exercício, a autonomia mental, a vivência experiencial, a universalidade” (p. 77).

Optámos por dividir este Capítulo II de acordo com as várias partes constitutivas do ensaio supramencionado, pois ele apresenta-nos os dados fundamentais à nossa compreensão da *"Paisagem Social Portuguesa"* dos anos trinta e quarenta, permitindo-nos, assim, demonstrar que as obras de prosa narrativa do autor estão imbuídas desta sua visão das condições económicas e sociais do Portugal de então.

1. Prefácio

O primeiro contacto com o ensaio estabelece-se através da leitura do prefácio. Neste, o autor refere que a geografia física de Portugal está bem conhecida e estudada, mas que há uma grave lacuna no que toca ao conhecimento da geografia humana - *"Do **homem**, porém elemento essencial da paisagem, que constitui, por assim dizer a sua alma, esquecem-se quasi sempre."*³ Este desconhecimento, esta *"ignorância voluntária"* do elemento essencial da paisagem - o homem - é, um fenómeno tipicamente português, extensível, inclusivamente, à literatura portuguesa. Há excepções, naturalmente, como é o caso de Eça de Queirós, Camilo Castelo Branco, etc. De facto, só a partir de autores como Abel Botelho, Ferreira de Castro, entre outros, é que o homem social, com *"os seus sentimentos de ordem geral e as suas manifestações colectivas"*⁴, começa a aparecer na Literatura. Posteriormente, a preocupação com o homem social passou a ser elemento obrigatório das obras de alguns escritores contemporâneos de Domingos Monteiro, como Alves Redol, Manuel da Fonseca, Fernando Namora, Carlos de Oliveira, Mário Dionísio, Soeiro Pereira Gomes, ligados ao movimento neo-realista, que se ocupava de

³ Domingos Monteiro, *Op. cit.*, p. 6 (o sublinhado é nosso).

⁴ *ibidem*, p. 7.

todo o contexto social, económico e político do Portugal dos anos trinta e quarenta, a que já aludimos anteriormente.

Domingos Monteiro salienta a necessidade de se empreender um *“tratado sobre o homem em Portugal, com as suas necessidades, aspirações e interesses, o que só poderá ser obra extensa dum conjunto de indivíduos especializados...”*, e não cabe nos limites deste seu trabalho, devido às suas dimensões e, diz o autor, *“nem para isso temos competência e capacidade.”*⁵

Este prefácio termina com a apresentação do **objectivo do ensaio**:

*“dar a mancha geral da nossa população, com os seus recortes, suas diferentes tonalidades, seu relevo orográfico, as impetuosas torrentes da sua sensibilidade e energia e os vales fundos e misteriosos onde ela se inutiliza e se perde”*⁶.

Daí a designação de ***Paisagem Social Portuguesa***.

Este propósito confirma algumas preocupações de ordem social, por parte do autor, que estão igualmente presentes em algumas das suas obras de ficção, como constataremos oportunamente.

2. I

Todo o complexo de ideias exposto anteriormente é fundamental para compreendermos esta *Paisagem Social Portuguesa*, em geral, e esta primeira parte, em particular (a qual, curiosamente, não tem título).

O autor apresenta-nos uma caracterização geral da população portuguesa, afirmando que o seu corpo e a sua alma estão vestidos de negro, o que a leva a preferir a cor preta, como se estivesse de luto, e a

⁵ *ibidem*, p. 9.

⁶ *ibidem*, p. 10.

aceitar o destino sem esperanças.⁷ *"Isto explica a pergunta daquele estrangeiro que inquiria com ingenuidade.*

- Quem morreria a toda esta gente?"⁸

Este facto espelharia, precisamente, o **carácter sombrio e triste** que domina grande parte da população portuguesa.

Coloca-se-nos, agora, uma questão pertinente: Qual a razão desta tristeza nacional? A resposta residiria na **aceitação de um destino sem ambições e sem esperanças**. Quase ousaríamos afirmar estarmos perante um fatalismo sociológico.⁹

De salientar que as obras de prosa narrativa de Domingos Monteiro são pródigas em exemplos desta tendência característica da *Paisagem Social Portuguesa*, como constatamos em "Enfermaria":

"(...) aquêlê homem não adivinhara nem compreendera: sentira, o que era muito pior. Sentira êsse invisível nevoeiro de maldição que se evola da alma e dos corpos pela fatalidade. Êle tinha razão. Perante ela só há um recurso inteligente: sorrir-se ... e fugir, porque não há nada tão contagioso como a desgraça. (...) Os desígnios misteriosos da fatalidade."¹⁰

⁷ Cf. *ibidem*, p. 11.

⁸ *ibidem*, p. 12.

⁹ De facto, também António José Saraiva no capítulo "Algumas feições persistentes da personalidade cultural portuguesa"⁹ corrobora esta afirmação:

"Seria também de apontar o culto da dor, o "gosto de ser triste", de que fala Camões, e que é patente em autores como Bernardim Ribeiro, Fr. Tomé de Jesus, Raul Brandão, António Nobre e Fernando Pessoa (...). O Fado é a expressão mais popular deste "gosto de ser triste": é um lamento entrecortado de soluços." ("Algumas feições persistentes da personalidade cultural portuguesa", in *A Cultura em Portugal - Teoria e História*, Bertrand, Lisboa, 1982, p. 90).

¹⁰ Domingos Monteiro, "Enfermaria", in *Enfermaria, Prisão e Casa Mortuária*, pp. 11, 12, 14.

ou em "O encontro", in *O Mal e Bem*,(p. 158):

"Os seus vultos negros começavam a confundir-se com a treva envolvente e criava, entre elas, uma identidade tão grande como a sua dor."¹¹

Em "Paternidade" é-nos apresentado, desta feita, o fatalismo de uma esposa que se considera estéril:

"A verdade é que [D. Lucília] não lhe [ao Dr. Silveira] podia ter dado o que a outra [Kitty] lhe deu e o destino lhe tirou [um filho]... Mas o destino, na verdade, não lhe tirara tudo. O John, pensando bem, continuava presente, e a sua imagem enchi, como nunca a casa toda."¹²

A mãe da personagem Teresinha, "A menina cega":

*"Era uma mulher magra, sem idade definida, que tanto podia ter trinta, como quarenta, como cinquenta anos. Tinha a pele cheia de rugas. Nos olhos, encarquilhados, havia um ar de **resolução trágica**. Estava vestida pobremente. Do lenço **preto** que lhe cobria a cabeça, saíam umas farripas de cabelo sujo e mal tratado. Trazia um chaille (sic) esfarrapado, cruzado sôbre o peito, prêso por um alfinete de dama, à laia de blusa. A saia azul e remendada escorregava-lhe da cintura e deixava ver uma nesga de camisa de côr duvidosa. Sem se levantar, disse para o condutor:*

¹¹ "O Encontro", in *O Mal e o Bem*, p. 158.

¹² "Paternidade", in *Contos do Dia e da Noite*, p. 94.

- Vocemecê bem me podia deixar ir... - **A sua voz, sem revolta, exprimia conformidade com o destino. Via-se que estava acostumada a coisas daquelas.**¹³

Esta "*conformidade com o destino*", esta aceitação resignada do curso dos acontecimentos, esta fatalidade caracterizariam a personalidade do 'português' em geral, e caracterizam, sem dúvida, a personalidade do ficcionista Domingos Monteiro em particular, uma vez que, como vimos anteriormente, o tema do destino é extremamente recorrente na sua obra ficcional: "*Ninguém foge ao seu destino*"¹⁴

Apesar do carácter sombrio e das dificuldades que muitos portugueses enfrentavam, estes ter-se-iam revelado trabalhadores incansáveis, dotados de uma energia espantosa, mas insuficientemente alimentados:

*"Daí a desarmonia do seu aspecto físico, a sua estatura relativamente pequena, as pernas curvas e arqueadas, as sifoses e escolioses predominantes, os braços enormes e um desenvolvimento muscular excessivo, traduzindo uma ginástica imoderada de esforço, que é quasi sempre acompanhada duma real fraqueza orgânica."*¹⁵

Esta descrição da população dos campos é semelhante à que encontramos em algumas narrativas do autor. A propósito de produção agrícola, cumpre apontar um aspecto característico dos membros da 'Paisagem Social Portuguesa' - a sua especial ligação à terra, à natureza que lhes dá o alimento, o sustento, a alegria -:

¹³ "A menina cega", in *O Mal e o Bem*, p. 110 (o sublinhado é nosso).

¹⁴ "O canteiro de Estremoz", in *O Destino e a Aventura*, p. 52.

¹⁵ *Paisagem Social Portuguesa*, p. 16.

"A serra era para êle como se fôsse sua mãe. Conhecia-lhe todos os escaninhos, todos os rochedos, tôdas as curvas. Sabia de sítios onde nem o lobo nem a águia iriam dar com êle. (...) Sim, a serra era a liberdade, a liberdade sem peias, sem limites (...)"¹⁶

Domingos Monteiro, nas suas obras de prosa narrativa, apresenta-nos vários exemplos desse traço tão peculiar: em *O Caminho para lá* (1947) verificamos a ligação dos homens à terra e às vinhas, às suas tradições e costumes; *Leticia e o Lobo Júpiter* (1972) inclui duas narrativas que constituem um exemplo vivo dos profundos laços que unem os seres humanos aos vários elementos da natureza e a íntima interacção e o respeito existentes entre ambos. *A vinha da Maldição e outras histórias quase verdadeiras* (1969), *O Dia Marcado* (1963) apresentam-nos várias narrativas nas quais constatamos, uma vez mais, essa ligação entre o português e a mãe-natureza.

Perante a força da natureza, o ser humano encontra-se reduzido à sua verdadeira dimensão e real posição no Cosmos:

*"Foi um espectáculo súbito e invariável - um espectáculo que nos deu bem a noção da fragilidade do homem em face das forças da Natureza e dos desígnios de Deus."*¹⁷

É frequente encontrarmos nas suas narrativas alguns elementos da natureza personificados, segredos da natureza revelados, o que patenteia a especial ligação que o autor considerava existir entre o ser humano e a Natureza, como acontece, por exemplo nas obras anteriormente referenciadas, mas também em *O Sobreiro dos Enforcados* (1978):

¹⁶ "Prisão", in *Enfermaria, Prisão e Casa Mortuária*, p. 105

¹⁷ "O Desconto", in *Histórias das Horas Vagas*, p. 36 (o sublinhado é nosso).

"as árvores têm alma como as pessoas. Umhas são boas e outras são más e vingativas" (p. 149); "(...) acredito, (...) que, no reino vegetal, como no animal, há seres benéficos e seres malignos. E a ideia de que aquele sobreiro fosse uma árvore maldita era uma razão para me atrair (...)" (p. 56); "dirigi-me em silêncio ao sobreiro, a rogar-lhe que acabasse com os seus malefícios (...)" (p.63); "estava certamente naquela árvore uma força profunda e atormentada, uma espécie de revolta que não conseguia exprimir-se e senti, também que, se não tomasse uma decisão corajosa, aquela força acabaria por me enredar nos seus misteriosos ditames" (p. 64).

A "Nota Final" que encerra esta obra, publicada em 1978, e inclusive o percurso literário de Domingos Monteiro (falecido em 1980) termina com palavras reveladoras da sua riqueza e especial mestria e tolerância, amor pela natureza¹⁸ e, enfim, pela vida em geral:

*"Uma coisa me resta a dizer. É que com este livro eu não quis provar nem demonstrar seja o que for. Como sei que vivemos com um uso cumulativamente lógico e ilógico, em que todos os grandes problemas estão por desvendar, desde a origem da vida até à sua razão de ser, pretendi, apenas afirmar o meu amor pelas coisas da natureza e, se tudo me fosse possível, incuti-lo naqueles que me lêem."*¹⁹

Procuremos, agora, descortinar as razões que levam a que grande parte da população viva em condições tão precárias, quase infra-

¹⁸ Não poderíamos deixar de referenciar uma das actividades que Domingos Monteiro mais apreciava e praticava: a caça, e que lhe permitia percorrer este seu país que tanto amava e estar, assim, em contacto directo com a natureza e a população. A sua narrativa "A morte de Diana a caçadora", in *A Vinha da Maldição e outras histórias quase verdadeiras* (1969) ilustra o que acabámos de referenciar.

¹⁹ "Nota Final", in *O Sobreiro dos Enforcados*, p. 120.

-humanas. Estas são apontadas e desenvolvidas no ensaio *Paisagem Social Portuguesa*: o aumento brusco da população, a pobreza do nosso solo, bem como a proliferação de doenças.²⁰

Poderíamos ser levados a pensar que esta “*debilidade congénita*”, “*fraqueza orgânica*” e “*falta de ar puro*”²¹ conduziriam à nossa extinção. No entanto, a História, contra todas as expectativas, teria provado que os portugueses conseguiram sobreviver, enquanto povo, com uma identidade própria e superar as dificuldades que se lhes tinham deparado, sendo, portanto, dignos de admiração:

*“a nossa história demonstra que [a raça portuguesa] é capaz de empreendimentos em que outras sossobriariam ou se veriam obrigadas a desistir, e que ela levou persistente e gloriamente ao fim.”*²²

Estaríamos, pois, perante um aglomerado humano de excepcionais características, digno de admiração, detentor, de uma coragem inigualável, uma energia inexplicável (tanto no campo, como na cidade) - “(...)Tenho um marido doente e dois filhos a sustentar”²³; “O pai de Marianinha esfalfava-se a trabalhar (...)”²⁴ - , uma humildade impressionante, que só o engrandece em termos morais - “(...) é porque sabem que me podem entregar oiro em pó. É por ser sério... Sempre se lucra alguma

²⁰ *Paisagem Social Portuguesa*, p. 19.

²¹ *ibidem*, p. 18.

²² *ibidem*, p. 18.

²³ “A casa assombrada”, in *Histórias Deste Mundo e do Outro*, p. 142.

²⁴ “A ladra”, in *Contos do Dia e da Noite*, p. 132.

coisa em ser honrado (...) Antes queria morrer do que me acusassem de ladrão.¹²⁵

Segundo Domingos Monteiro, o 'português' ter-se-ia uniformizado pela "força dos hábitos comuns, pela exigência cruel das mesmas necessidades, pelas sílabas da mesma língua, pela prática da mesma religião"²⁶ Será que podemos afirmar, então, que existe uma raça portuguesa? O autor considera que, em sentido próprio, não podemos, uma vez que "o português é fruto de todas as raças invasoras da Europa"²⁷

A uniformidade que os portugueses foram adquirindo traduziria uma "**identidade interior real**"²⁸ e explicaria a sua superioridade e a sua sobrevivência enquanto nação independente.

O autor não termina esta primeira parte do seu ensaio sem antes alertar para o facto de se ter vindo a verificar um decréscimo substancial da força fisiológica do 'português', de há um século a esta parte, agravado, nos últimos cinquenta anos, pela pobreza do nosso solo, pelas doenças, pelo aumento acelerado da população. A responsabilidade desta situação encontrar-se-ia "colectivamente disseminada e vem[-se] transmitindo através de sucessivas gerações, **numa herança de indiferença, de ignorância e, sobretudo, de egoísmo.**"²⁹ Este egoísmo colectivo, relativo, por exemplo, à saúde, encontra-se ilustrado na narrativa "A menina cega":

"(...) [Júlio de Lemos, médico de profissão] sentia a fome, a angústia e o desespero sem remédio. E sofria com

²⁵ *ibidem*, p. 137.

²⁶ *Paisagem Social Portuguesa*, p. 13.

²⁷ *ibidem*, p. 13.

²⁸ *ibidem*, p. 14 (o sublinhado é nosso).

²⁹ *ibidem*, p. 18 (o sublinhado é nosso).

isso, revoltando-se por saber que devia haver uma solução para aquilo, mas a cuja descoberta o **egoísmo colectivo** (e quem sabe se o seu próprio!) se opunham. (...)

O Antunes (...) afirmava:

- A pena não serve para nada, filho. Não remedeia o mal dos outros e causa-nos sofrimento a nós. Diminui-nos e tira-nos a coragem para fazer... E o que é preciso é fazer alguma coisa.³⁰

Para Domingos Monteiro o problema só poderia ser solucionado “por todos os homens de boa vontade sem distinção de ideias, de classe ou de posição, ou não o será nunca por ninguém.”³¹

3. II

A contribuição para o estudo da 'Paisagem Social Portuguesa' continua nesta segunda parte do ensaio que, tal como a primeira, não tem título.

Nesta, a 'Paisagem Social Portuguesa' é-nos descrita como “religiosa e espectante (sic) (...) E por religiosidade, indiferença ou fatalismo **aceita o seu destino cósmico sem protesto.**”³² Note-se que, esta descrição segue a mesma linha de pensamento apresentada na primeira parte.

O estudo sumário de cada um dos “*acidentes geo-sociais*” da nossa paisagem social será o próximo intuito do autor.

³⁰ “A menina cega”, in *O Mal e o Bem*, p. 121 (o sublinhado é nosso).

³¹ *Paisagem Social Portuguesa*, p. 19.

³² *Ibidem*, p. 21 (o sublinhado é nosso).

Esse estudo iniciar-se-á pela base - a **planície**. Esta designação, aparentemente estranha, seria adequada, uma vez que a existência desta classe "*decorre rasa, sem altos nem baixos, tragicamente uniforme do nascimento até a morte.*"³³

É rejeitada, no entanto, a identificação da planície com o 'povo', pois este seria constituído por todas as classes sociais e não apenas pela classe trabalhadora. Segundo o autor, as classes sociais seriam, acima de tudo, interdependentes: "*todas elas, embora involuntariamente, procuram atingir um fim comum (...) e nada do que uma faça é indiferente à outra.*"³⁴

O problema que se colocaria na sociedade portuguesa seria:

"a formação de castas dentro das classes com fim de transmitirem hereditariamente os benefícios de que gozam, àqueles que não provaram ainda, socialmente, tê-los merecido (...) Uma casta tende necessariamente para o parasitismo, o que é socialmente inadmissível."³⁵

Esta questão encontra-se claramente evidenciada na narrativa "A vinha da maldição", na qual os três filhos e uma filha da viúva D. Carlota, apesar de virem a herdar as vinte e seis quintas da família, não auxiliam a mãe na gestão das mesmas, pretendendo, apenas, usufruir dos rendimentos que elas proporcionam.³⁶ Também em "O senhor engenheiro" a encontramos patente:

³³ *ibidem*, p. 24.

³⁴ *ibidem*, p. 23

³⁵ *ibidem*, p. 24 (o sublinhado é nosso).

³⁶ Cf. "A vinha da maldição", in *A Vinha da Maldição e outras histórias quase verdadeiras*, pp. 25, 26.

"Devo acrescentar agora que não sou só Simplício, mas também Dr. Simplício, posto que me licenciiei em Direito (...) Não tinha vontade de o ser, mas quem não fosse formado em Direito na minha família, era como se lhe faltasse uma perna ou um braço. Meu pai era-o, meu avô fora-o, e meu bisavô - glória da família e quem, ao que parece iniciara a tradição - tinha sido mesmo Doutor de Borla e Capelo. Eu, entretanto, sonhador como sempre fui e sempre disposto a evadir-me das realidades comezinhas, o que pretendia era ser engenheiro. (...)". Segundo o pai do protagonista: "Um engenheiro não passa de um operário qualificado. Mais nada... Apenas, um serralheiro ou um mecânico mais esclarecido. Um homem sempre destinado a ter um lugar secundário e a obedecer. A grande ciência - continuou, empolgando-se com as suas próprias palavras - foi, é e será sempre o Direito. Ele é a cúpula de tudo. O Direito é que constrói a lei e determina as relações e obrigações entre os indivíduos e entre eles e o Estado. **Os homens de Direito são aqueles que Deus destinou para governarem o mundo. Os outros, quer queiram, quer não, não passam de simples executores e serventuários.**"³⁷

O facto de estas castas serem tão fechadas aos outros, não favoreceria a comunicação entre os diversos membros da população e a melhoria da situação do país.

Domingos Monteiro considera, portanto, que:

"A planície é, por consequência, para nós, essa classe informe - reservatório natural donde tudo provém e para onde tudo reverte que constitui, economicamente, o último escalão da nossa orgânica social e de que fazem parte o trabalhador

³⁷ "O senhor engenheiro", in *O Destino e a Aventura*, pp. 61, 62, 65 (o sublinhado é nosso).

rural, o operário não especializado, o pescador, em resumo, todos aqueles cujo único sustento resulta dum trabalho inseguro e deficientemente remunerado - classe que abrange uma grande parte da população dos campos e uma parte também relativamente importante da população dos agrupamentos urbanos.³⁸

Estas considerações tecidas pelo ensaísta sobre a **planície** revelam uma certa simpatia e admiração pela classe social mais desfavorecida e desprotegida, aquela que tudo suporta e a tudo resiste, apesar das adversidades: salários diminutos, fraqueza orgânica, numeroso agregado familiar (apesar de os **filhos** constituírem a certeza de um futuro assegurado, a única certeza de uma velhice protegida, uma ajuda preciosa no trabalho e na economia doméstica - "(...) os filhos são a riqueza dos pobres. Dão trabalhos, aflições, mas compensam tudo o que fazem passar... Olhe para a minha mãe, coitada, o que havia de ser dela se não fôsse eu...".³⁹), doenças, miséria, crime. Nela residiria o que de melhor existe num país, o mais autêntico.

Um exemplo elucidativo é a personagem João Bolandas da narrativa *O Primeiro Crime de Simão Bolandas*, homem humilde, digno, diligente, escrupuloso, tudo faz para honrar e defender os interesses do seu patrão, D. Lourenço, fidalgo da província, que, por seu turno, aproveitando a sua ausência, se envolve com a sua mulher. Moralmente, João Bolandas, trabalhador rural, é, de facto, superior a D. Lourenço, que não revela quaisquer escrúpulos, nem princípios morais.

A narrativa "Enfermaria", ao apresentar-nos uma visão extremamente pungente e tão humana dos dramas pessoais e, acima de tudo

³⁸ *Paisagem Social Portuguesa*, p. 24.

³⁹ "Enfermaria", in *Enfermaria, Prisão e Casa Mortuária*, p. 49.

existenciais dos membros da **planície**, acaba por conquistar a simpatia do leitor e da personagem Fausto Salema, outrora um importante industrial:

*"Onde, porém, a transformação se dera, definitiva, fôra na sua alma. O contacto com aquela gente humilde e pobre melhorara-o. (...) **Surpreendera-o, sobretudo** (sic), **que aquela gente rude e dura, que tão corajosamente suportava a dor física, tivesse também uma alma e julgasse os grandes problemas humanos com muito mais realidade e compreensão que êle.**"⁴⁰*

Paradoxalmente, o que estes homens e mulheres recebiam em troca era um salário extremamente reduzido, que mal dava para assegurar a alimentação das suas famílias, conduzindo-as ao limiar da sobrevivência e, muitas vezes à **miséria**⁴¹, um dos piores **vales** apresentados no ensaio *Paisagem Social Portuguesa*. Segundo o ensaísta, os **vales** constituem *"invisíveis e fundas ravinas escavadas na estrutura interna da planície, das colinas e dos montes."*⁴² Não seria de surpreender, portanto, que se assistisse ao seu gradual deperecimento físico e moral, como podemos comprovar através do seguinte excerto de "Enfermaria":

"O meu pai [o da personagem 13] falava muito, e se tinha um bocadinho de pinga era uma satisfação ouvi-lo. (...) Morreu quando eu tinha onze anos. Era trolha e caiu dum andaime. Foi morrer ao hospital... A mim é capaz de me acontecer o mesmo, porque estas coisas também se herdam... (...) durante dois anos a minha mãe trabalhou como uma moira. Ela costurava para fora; a minha irmã, que era mais velha do que eu tratava da casa. Eu andava aos recados. Os dois

⁴⁰ *ibidem*, p. 37 (o sublinhado é nosso).

⁴¹ *Paisagem Social Portuguesa*, p. 74

⁴² *ibidem*, p. 73.

*mais pequenos, esses não faziam mais nada senão pedir pão... Mas lá íamos vivendo.*⁴³

Várias são, de acordo com Domingos Monteiro no seu ensaio, as causas que explicariam esta situação:

*“extrema pobreza do solo português, aumento rápido da população, irregularidade do clima, pouca segurança dos mercados, nível de vida muito baixo, que se reflecte nos salários e excessiva individualização da propriedade.”*⁴⁴

É, portanto, novamente salientada a ideia de que seria nesta classe sofredora **“que se acumula e perdura o potencial inesgotável do génio da raça portuguesa.”**⁴⁵ É ela **“a matriz de quase todas as outras classes”**⁴⁶, provendo a sociedade portuguesa com uma grande parte da energia.

Recordemos, portanto, a importância da sabedoria popular de diversas personagens populares em várias obras de ficção do autor: Arnaldo Ferrador⁴⁷; Manuel Azenheiro, da narrativa "Letícia",

"de quem recordava a velha sabedoria de coisas não aprendidas, mas sabidas de ciência certa (...). Era homem de poucas palavras, mas desde criança (...) criara a convicção de que tudo quanto ele dizia estava certo (...). Com ele aprendi muitas coisas que mais ninguém me ensinou e entre eles na

⁴³ "Enfermaria", in *Enfermaria, Prisão e Casa Mortuária*, pp. 39, 40.

⁴⁴ *ibidem*, p. 34.

⁴⁵ *ibidem*, p. 33 (o sublinhado é nosso).

⁴⁶ *ibidem*, p. 33 (o sublinhado é nosso).

⁴⁷ Cf. "O cão envergonhado", in *Histórias das Horas Vagas*.

*meteorologia em que não entravam ciclones mas anticiclones, mas que nunca errava nas suas previsões.*⁴⁸;

Chico Falinhas, do romance *O Caminho para lá*, conhece como ninguém todos os elementos da natureza, estes constituem inclusivamente a sua própria família.

A sabedoria popular encontra-se, igualmente nos provérbios, como o atesta o narrador de "O Milagre":

*"Como bom camponês, conhecia o poder de consolação dos provérbios para a gente simples."*⁴⁹

Em suma, cremos ser evidente ao longo do ensaio e das obras de prosa narrativa a permanente e reiterada admiração, ousaríamos mesmo afirmar, uma especial predilecção do autor por aqueles membros da sociedade que pertenciam à *planície*, pois, apesar de todas as adversidades, tinham revelado, ao longo da história, um elevado grau de resistência:

*"É ela (...) a que mais que nenhuma outra entrega, dardivamente, em ocasiões de perigo colectivo, a carne freme-mente de abnegação que se sacrifica nos campos de batalha."*⁵⁰

Segundo o autor, urgiria solucionar os problemas sociais apresentados anteriormente e que estariam a contribuir para o deperecimento físico e moral dos membros da 'planície', através da criação de legislação social adequada e, acima de tudo, procurando ultrapassar o principal obstáculo: "a voluntária ignorância e indiferença egoísta das classes mais

⁴⁸ *Letícia e o Lobo Júpiter*, 1972, p. 16

⁴⁹ *Histórias Deste Mundo e do Outro*, 1961, p. 130

⁵⁰ *Paisagem Social Portuguesa*, pp. 24, 25.

ricas, cujo bem-estar assenta sobre o trabalho da planície".⁵¹ Este obstáculo constituiria inclusivamente uma das **sombras** que pesaria sobre a nossa 'Paisagem Social Portuguesa'⁵².

Em "A vinha da maldição", um dos filhos da proprietária agrícola, D. Carlota, critica a mãe pela forma como os trabalhadores agrícolas viviam e eram explorados, chamando, assim, a atenção para a sua situação económica e social, bem como para a discrepância social entre os mais abastados e os mais humildes:

"- (...) eu bem sei quem se podia queixar.

- Então quem era?

- Os que cavam a terra, podam a vinha, acarretam os cestos para o lagar, pisam o vinho, etc., etc., isto por tuta e meia, enquanto a Mãe arrecada a massa. Esses, sim!"⁵³

4. O Relevo Orográfico

Esta é, curiosamente, a primeira vez que Domingos Monteiro intitula uma das partes deste seu ensaio sobre a *Paisagem Social Portuguesa*. O próprio título escolhido não deixa de ser interessante. Como sabemos, a orografia consiste no estudo descritivo dos relevos do terreno. Mas que orografia propõe o autor estudar? A que se refere?

⁵¹ *ibidem*, p. 35.

⁵² Cf. *ibidem*, p. 81

⁵³ "A vinha da maldição", in *A Vinha da Maldição e outras histórias quase verdadeiras*, p. 26 (o sublinhado é nosso).

A fim de conseguirmos uma resposta satisfatória, não nos podemos esquecer da construção discursiva do ensaio, em que na análise sociológica portuguesa se emprega o vocabulário da geografia física.

O próprio autor revela a resposta:

*“pode distinguir[-se] nitidamente, a partir da planície, uma série de colinas onduladas de encosta suave, montanhas de altitude média que a essas colinas se apoiam como se fossem a sua natural combinação, procedendo outras directamente, em transição brusca, dessa mesma planície, e, finalmente uma montanha única e isolada de grande altitude, de relevo hostil e encostas abruptas (...) Estes três aspectos correspondem, aparentemente, àquilo que costuma designar-se por pequena, média e grande burguesia”.*⁵⁴

O primeiro acidente orográfico a ser estudado será as **colinas onduladas de encosta suave** - pequena burguesia, cuja “constituição do terreno é a mesma da planície.”⁵⁵

Os seus membros não possuiriam ainda uma forte consciência de classe, pois provinham da planície, apesar de beneficiarem de um maior desafogo em termos financeiros. Seria constituída, portanto, por pequenos proprietários rurais, funcionários do Estado de categoria inferior, pequenos comerciantes, operários especializados da cidade. Apesar de terem origens geográficas, objectivos de vida, e interesses muito diversos, em suma, uma “constituição geológica” diferente, possuiriam um nível económico similar, e uma semelhante maneira de viver, que não seriam, no entanto, suficientes para criar uma forte consciência de classe entre os seus ‘membros’. Este seu desafogo económico permitiria aos descen-

⁵⁴ *ibidem*, p. 37.

⁵⁵ *ibidem*, p. 37.

dentes dos pequenos burgueses uma educação escolar, uma melhoria social, momentos de diversão e de cultivo do espírito.

Estas possibilidades contrastavam vivamente com a fatalidade, a indiferença e o abandono a que estariam votados os membros da *planície*.

Não obstante constituírem um terço da paisagem social portuguesa e de possuírem uma função económica importante para o país, estas "colinas onduladas de encosta suave", não possuiriam uma significação social equivalente, devido, principalmente à sua heterogeneidade. O ensaísta considera, inclusivamente, que a pequena burguesia não se conseguiu consolidar em Portugal, devido principalmente à instabilidade económica que tem assolado o país.

Segundo A. H. de Oliveira Marques: "*A média e a pequena burguesias, uns 15 a 25% da população activa no conjunto do País, mas a maioria em cidades como Lisboa e Porto (...)*".⁵⁶

Ao longo das obras de prosa narrativa de Domingos Monteiro, encontramos várias personagens que pertencem a esta pequena burguesia, como por exemplo Martins, funcionário público, na narrativa "Os filhos da noite":

*"Passo horas sentado a uma secretária manuseando papéis de cuja significação nunca me apercebi completamente e onde tenho de pôr, ora uma rubrica, ora um selo em branco. Já os conheço pelo aspecto e pela cor, e nunca me engano."*⁵⁷;

ou a personagem Artur, em "A busca dos mortos":

⁵⁶ A. H. de Oliveira Marques, *Op. cit.*, p. 485.

⁵⁷ Domingos Monteiro, "Os filhos da noite", in *Contos do Dia e da Noite*, p. 9.

*"era filho dum merceeiro, que tinha muitos irmãos - que o invejavam e quase o odiavam por ele andar a estudar (...) A escassa mesada que o pai lhe mandava era censurada por todos - excepto pela irmã - como uma despesa inútil."*⁵⁸

Apesar de tudo, parece-nos que estas personagens não possuem a carga negativa associada às da alta burguesia, referida anteriormente, pois não exploravam a camada popular, revelavam preocupações sinceras com a existência e o bem-estar dos seus descendentes, proporcionando-lhes, com maior ou menor dificuldade, a possibilidade de estudarem e, assim, assegurarem o seu futuro

O acidente orográfico que se segue - **montanhas de altitude média** - deteria uma estrutura interna mais sólida e mais resistente, possuiria leis mais definidas e permanentes que o anterior. Em termos de classes sociais corresponderia à média burguesia. Segundo o autor do ensaio, esta seria a única digna deste nome, devido às razões apontadas anteriormente.

Em resumo, o que seria, então, a **burguesia**?

*"Se, por um lado, o critério que no-la define como uma classe que goza dum certo bem-estar económico, assente sobre a posse e propriedade da terra, ou sobre o exercício do comércio em grande escala ou no rendimento do capital - benefícios esses hereditariamente transmissíveis - nos parece aceitável, por outro lado, tal critério se nos antolha ou demasiado extenso ou demasiado limitativo."*⁵⁹

⁵⁸ "A bisca dos mortos", in *Histórias das Horas Vagas*, p. 97.

⁵⁹ *Paisagem Social portuguesa*, p. 46.

Apesar de, no passado, o factor económico ter sido muito relevante e determinante na formação desta burguesia, chegando a ser a sua arma contra a aristocracia de sangue, actualmente, haveria muitos outros factores a ter em consideração, nomeadamente, a sua consciência de classe, que se traduziria num distanciamento face às outras classes sociais:

“o sentimento de posição hierárquica na escala social, e uma moral definida com as suas regras de conduta e certas noções particularistas de honra e de dever, hereditariamente transmitidas e que só a ela pertencem”⁶⁰.

É compreensível que possua igualmente interesses e ideias próprios: *“um certo conceito de propriedade, de honra, de dever, de pátria e de família”⁶¹.*

Um indivíduo só seria considerado burguês de pleno direito após duas ou três gerações. Assim, se compreende o desprezo e a desconfiança a que o novo-rico -

“Ele [José Alarcão] não exagerava sobre a sua fortuna. Tinha “fazendas”, prédios, fábricas, concessão de minas e gozava dessa espécie de simpatia receosa que certos homens de acção, sem fazerem aparentemente nada para isso - conseguem inspirar.”⁶² -

- e o brasileiro -

“(…) João Alves, brasileiro rico e também viúvo (...) Era um homenzarrão, de mais de cinquenta anos, de faces lisas e sobranceiras espessas. For a para o Brasil pobre e voltara de

⁶⁰ *ibidem*, p. 47.

⁶¹ *ibidem*, p. 48.

⁶² “O Vento e os Caminhos”, in *O Vento e os Caminhos*, p. 120.

*lá podre de rico, vinte anos depois. Como enriquecera não se sabia, embora se dissesse que fizera por lá grandes patifarias e até que for a dono de uma casa "suspeita". Mas como era rico, e para mais de mãos abertas, ninguém pensou mais nisso.*⁶³ -

- eram votados.

O desenvolvimento industrial bastante acentuado que se registou desde a fase final da primeira metade do século XIX até às vésperas da Segunda Guerra Mundial, acarretou o aparecimento de um **proletariado** consciente dos seus direitos e importância e a formação

*“duma **aristocracia económica**, cujos interesses (...) são antagónicos dos verdadeiros interesses da **burguesia**. Essa aristocracia económica não serve a burguesia, ‘serve-se’ dela o que é absolutamente diferente. E tanto assim é que o seu aparecimento provocou, pela formação de trusts, sociedades anónimas e toda a espécie de integrações horizontais e verticais de produção, absorção de indústria individual, o desaparecimento da pequena propriedade, a subordinação do comércio retalhista e, conseqüentemente, a polarização da pequena burguesia (aonde ela existe) bem como o rebaixamento da importância económica e social da burguesia média e, em parte, o seu empobrecimento.” (...) A burguesia “pensou que o seu interesse consistia em procurar a protecção dessa aristocracia e que supunha ver uma espécie de quartel general, dirigindo a defesa dos seus interesses ideais.”⁶⁴*

⁶³ "A última barba", in *Histórias do Mês de Outubro*, pp. 71, 73.

⁶⁴ *Paisagem Social Portuguesa*, pp. 50, 51.

Consequentemente, a burguesia encontrar-se-ia numa situação de desorientação e interrogação quanto ao seu papel na paisagem social.

De acordo com o ensaísta, existiriam diferenças claras entre a **burguesia** e a **aristocracia económica**. Enquanto que a primeira defenderia um determinado tipo de organização familiar, respeitaria as normas legais e seria nacionalista, a segunda seria indiferente à pátria, internacionalista e só pretenderia ampliar o seu poderio económico e social. Não admira, portanto, que a aristocracia económica tenha utilizado o Fascismo como "*organização agressiva de combate*."⁶⁵

A fim de otimizarmos a nossa compreensão desta questão é importante termos em linha de conta o contexto em que estas afirmações do autor foram expressas. A Segunda Guerra Mundial estava a decorrer, o Fascismo era uma ameaça real à liberdade dos povos, milhares de vidas eram ceifadas pelo anti-semitismo e xenofobia, as ditaduras prosperavam.

Creemos poder afirmar que está implícita uma **crítica**, não só a uma classe social indiferente aos assuntos da pátria, mas também a um sistema político abominável que espalhou o terror pelo Velho Continente e, quiçá, até ao regime de Salazar.

Terão estas afirmações contribuído para a apreensão deste ensaio pela PIDE? Pensamos que a resposta é afirmativa.

Esta luta de titãs entre a burguesia e a aristocracia económica teria, segundo Domingos Monteiro, o mérito de contribuir para a tomada de consciência, por parte da burguesia, especialmente através dos seus "*intelectuais mais esclarecidos*"⁶⁶, da necessidade de evoluir e adaptar-se. E a única forma de o conseguir seria:

⁶⁵ *ibidem*, p. 52.

⁶⁶ *ibidem*, p. 52.

*“rompendo a casca da sua indiferença e do seu egoísmo e abandonando uma grande parte dos seus privilégios económicos (doutra forma ser-lhe-ão absorvidos violentamente pela aristocracia económica e ficará moralmente contaminada) que conservará aquilo com que contribuiu de nobre e de elevado para a civilização”*⁶⁷

A fim de *“demonstrar a importância da burguesia em Portugal, desde as épocas remotas”*⁶⁸, sempre *“a favor dos verdadeiros interesses nacionais.”*⁶⁹, Domingos Monteiro tem a preocupação de descrever pormenorizadamente a sua evolução ao longo da história nacional, recordando vários episódios exemplificativos. Segundo o autor, a burguesia data da formação da nacionalidade e nunca necessitou de derrubar a aristocracia para se impor, ao contrário do que aconteceu em outros países europeus. E aqui residiria, precisamente, uma das nossas especificidades nacionais. A enorme capacidade de adaptação e evolução reveladas por esta classe, ao longo dos tempos, diminuiu grandemente a partir dos inícios do século XX, tendo-se ‘ossificado’, uma vez que se *“esvaziou do seu conteúdo social”*⁷⁰. Consequentemente, é compreensível que esta burguesia, indiferente ao povo, ossificada, submissa à aristocracia, *“que se traduz pela cega aceitação dos seus ditames”*⁷¹, quase irreconhecível, tenha sido alvo de violentas críticas e caricatura por autores como Eça de Queirós, Camilo Castelo Branco, Guerra Junqueiro.

Que contraste entre a burguesia do passado e a do presente!

⁶⁷ *ibidem*, p. 53.

⁶⁸ *ibidem*, p. 57.

⁶⁹ *ibidem*, p. 56.

⁷⁰ *ibidem*, p. 57.

⁷¹ *ibidem*, p. 58.

Em consequência, a única forma de a burguesia ultrapassar esta situação seria procurar adaptar-se à realidade.

A **“montanha isolada de aspecto hostil que domina todo o conjunto orográfico e, para a qual, só há um difícil caminho de acesso”**⁷² simbolizaria a alta burguesia e será a última classe social a ser analisada no ensaio.

Domingos Monteiro considera que, em Portugal, existiria uma correspondência entre a alta burguesia e a aristocracia económica, anteriormente referenciada, uma vez que a maioria dos seus bens económicos teriam sido transmitidos hereditariamente e não conquistados através de mérito ou esforço, domina economicamente o país, e, conseqüentemente, grande número dos postos de trabalho das pessoas da planície, não revelando grandes preocupações com os sofrimentos ou as necessidades dos seus subordinados, não se integraria na colectividade, não se preocuparia com os interesses nacionais (ao contrário da burguesia ‘genuína’ do passado), seria desapiedada.

“- Sim - respondeu ela [Maria José] - sou mesmo muito rica. Herdei do meu avô uma imensa fortuna. Tenho fábricas e minas na Venezuela, onde nasci, propriedades e casas em Portugal e muito dinheiro nos bancos. Ao mesmo tempo tenho sido a pessoa mais pobre do mundo: até agora não tinha alegria de viver e nada me interessava. Que maior pobreza pode haver do que essa? (...)

- (...) as pessoas ricas raramente são generosas - o que inteiramente se compreende. Só os pobres e os que vivem do seu trabalho é que o podem ser livremente porque,

⁷² *ibidem*, p. 59.

como não chegam a conviver com o dinheiro, não chegam a amá-lo e podem desfazer-se dele sem tristeza."⁷³

Esta aristocracia "sabe que, lá em baixo, trabalha para ela um **formigueiro de homens**, mas é insensível demais para imaginar o esforço e os sofrimentos de que padecem e está longe demais, também, para ouvir as suas queixas e gemidos."⁷⁴

As crianças da **planície**, tal como os seus pais, sofreriam e aceitariam resignadamente as árduas condições de vida, como se pode constatar, por exemplo, no conto "O Menino Jesus que eu conheci...":

*"O «Menino Jesus» fora criado pela Joaquininha Corcunda - uma enjeitada como ele - e viviam ambos da caridade pública, uma caridade intermitente, está bem de ver, como pode ser a dos camponeses pobres, e é, em geral, a da gente rica, que tem datas certas para matar a fome aos outros..."*⁷⁵

Estas considerações recordam-nos um excerto de Alves Redol, na sua obra *Marés*, sobre estes homens sofredores:

"A gente sobe, sobe... E os olhos cegam-se para baixo. Às vezes, quando se anda, pisam-se os outros que não puderam subir. É como eu com as formigas aqui no armazém. Não reparo no seu caminho e mato-as sem ver que andam na sua vida. Nos homens há formigas e há homens. Eu tenho de ficar formiga. Tu tens jeito de subir. Sei lá se ainda me vais pisar. (...) A vida é só para os que têm querer. Para os que erguem a

⁷³ "O vento e os caminhos", in *O Vento e os Caminhos*, pp. 154, 155 (o sublinhado é nosso).

⁷⁴ *Paisagem Social Portuguesa*, p. 60.

⁷⁵ "O Menino Jesus que eu conheci", in *Contos do Natal*, p. 10.

*cabeça e caminham, sem repara que as **formigas** morrem de-
baixo dos seus pés.*⁷⁶

Seria, de facto, manifesta a distância que separaria a **planície** da alta burguesia e da aristocracia económica⁷⁷ - **montanha isolada de aspecto hostil**⁷⁸ -, que dominam economicamente o país.

Esta aristocracia económica, que se confundiria com a alta burguesia, não primária, como referenciámos, pela demonstração dos seus sentimentos, pela compaixão pelo seu semelhante, nem que fosse um dos seus membros, ou até o seu próprio cônjuge, como aconteceu com a personagem Fausto Salema, em "Enfermaria":

*"Via também sua mulher. Via-a sobretudo a ela e às suas feições clássicas e regulares, demasiadamente regulares. Os cabelos castanhos e revoltos, os olhos brilhantes e duros, os dentes brancos de **animal carnívoro**. O corpo era perfeito, duma perfeição de "magazine", insexuada e longuífnea. Só os lábios, ligeiramente grossos humanizavam um pouco a **nitidez cruel das feições**. Mas êle amara-a assim, e durante dez anos modelara a sua alma e tornara-se **insensível e egoísta** .*

Entre os dois nunca houvera nenhuma dessas cenas mesquinhas que são o verdadeiro cimento da vida conjugal.

⁷⁶ Alves Redol, *Marés*, 5ª edição, Publicações Europa-América, Lisboa, 1978, pp. 98, 162 (o sublinhado é nosso).

⁷⁷ Segundo A. H. de Oliveira Marques:, a alta burguesia era constituída apenas por 0,5% da população dos meados do século (*História de Portugal*, vol. III, p. 481).

⁷⁸ Esta designação da geografia física utilizada, como sabemos, por Domingos Monteiro no ensaio *Paisagem Social portuguesa*, caracteriza essa classe, que prima pelo distanciamento face aos outros grupos sociais, "O sentimento de posição hierárquica na escala social, e uma moral definida com as suas regras de conduta e certas noções particularistas de honra e de dever, hereditariamente transmitidas e que só a ela pertencem. (...) um certo conceito de propriedade, de honra, de dever, de pátria e de família." (pp. 47 e 48) Um indivíduo só seria considerado burguês de pleno direito após duas ou três gerações. Daí o seu desprezo pelo novo rico e pelo brasileiro, já anteriormente referidos.

Nem ciúmes irraciocinados nem momentos de mau humor, nem horas de angústia repartida, nada do que verdadeiramente prende dois seres que vivem lado a lado.

*Por isso, quando chegara o momento em que precisara dela, da sua ternura, do seu sacrifício, **ela negara-se a salvá-lo. Ter-lhe-ia podido evitar a falência, com os seus bens próprios, mas não quis.** Depois duma cena curta e violenta, êle propusera-lhe o divórcio e ela aceitara friamente (...) nunca mais se tinham visto.*⁷⁹

Algumas narrativas de Domingos Monteiro já anteriormente mencionadas reflectem este distanciamento, frieza das classes mais favorecidas: "A mão fechada"; "O gramofone"; "A vinha da maldição"; *O Primeiro Crime de Simão Bolandas*. Em *O Caminho Para Lá*, o portador do telegrama que anunciava a morte da personagem Maria do Carmo

"ficara à espera do ataque de choro, para apresentar as condolências (...) mas tivera que se ir embora, desiludido, com os dois tostões do estilo.

- Raios partam esta gente, que nem tem alma, nem água para deitar cá para fora...

*E fora pelo caminho adiante a resmungar contra a frieza e o orgulho dos fidalgos e dos ricos que até têm vergonha de chorar na presença dos pobres...*⁸⁰

O protagonista de "Enfermaria", Fausto Salema, aflora este problema com especial acuidade:

"Onde, porém, a transformação se dera, definitiva, fôra na sua alma. O contacto com aquela gente humilde e pobre

⁷⁹ Domingos Monteiro, "Enfermaria", in *Enfermaria, Prisão e Casa Mortuária*, pp.26, 27 (o sublinhado é nosso).

⁸⁰ *O Caminho Para Lá*, pp. 26, 27 (o sublinhado é nosso).

*melhorara-o. Espantava-se de ter chegado aos quarenta anos, com uma vida que supusera tão rica de emoções e de acontecimentos, sem a conhecer. E quantos, irmãos daqueles que ali estavam, não tinham servido sob as suas ordens!*⁸¹

Por todas as razões acima apresentadas, urgiria dotar o país de legislação social que protegesse estes homens e mulheres tão explorados e sofredores

Em função do exposto, cremos ser plausível referir que nos parece haver uma convergência entre **Domingos Monteiro** e **Dostoiewsky** que, como sabemos, era um dos autores que mais admirava⁸². Esta convergência consiste precisamente na apresentação, nas suas obras, da incompreensão das classes superiores do seu país relativamente às necessidades de bem-estar da classe popular, bem como a constatação da complexidade da alma humana: **"A alma humana tem movimentos contraditórios, e o que é mais extraordinário, simultaneamente contraditórios."**⁸³

Já **Teixeira de Pascoaes**, que tanto marcou Domingos Monteiro ao nível do amor pelas 'coisas' nacionais, havia denunciado que *"a maior parte da nossa gente culta ignora por completo a sua Raça, de tal forma essa gente está adulterada pelas influências exteriores."*⁸⁴

Em guisa de conclusão, poderíamos afirmar que nas primeira, segunda e terceira partes deste *"estudo sociológico e simbólico sobre as*

⁸¹ "Enfermaria", in *Enfermaria, Prisão e Casa Mortuária*, p. 37.

⁸² De salientar que Domingos Monteiro faz alusão a este grande escritor da literatura mundial em duas das suas narrativas, nomeadamente, "O Milagre", in *Histórias Deste Mundo e do Outro*, p. 129 e "Confissão", in *O Dia Marcado*, pp. 40, 41.

⁸³ "Enfermaria", in *Enfermaria, Prisão e Casa Mortuária*, p. 43 (o sublinhado é nosso).

⁸⁴ Teixeira de Pascoaes, citado por Jacinto do Prado Coelho, "Fernando Pessoa e Teixeira de Pascoaes", in *A Letra e o Leitor*, Lello & Irmão - Editores, Porto, 1996, p. 221.

condições de vida do povo português", estão patentes algumas preocupações de ordem social e um retrato da sociedade portuguesa das décadas de trinta e quarenta bastante inquietante e até perturbador, se também tivermos em atenção o contexto social, político e económico em que o mesmo foi redigido e publicado.

5. IV - O Sistema Fluvial

O título desta secção da obra *"corresponde às migrações, em massa, da população, quer dentro, quer para fora do país"*⁸⁵.

Se, de facto, as razões económicas sempre foram determinantes na existência deste fenómeno⁸⁶, não o seriam menos, segundo o autor, *"a natural tendência ambulatória, um espírito de aventura que predispõe [os portugueses'] para essas migrações."*⁸⁷

Não deixa de ser curioso mencionar esta tensão característica da maneira portuguesa de estar na vida, pois se, por um lado existe um certo conformismo face a alguns factos da vida colectiva, como confirmámos, na primeira parte, aquando da caracterização da população portuguesa

⁸⁵ Domingos Monteiro, *Paisagem Social Portuguesa*, p. 62.

⁸⁶ Orlando Ribeiro e Hermann Lautensach referem a este propósito:

"Provindo das áreas mais povoadas de Portugal, ou de lugares que, pela sua pobreza, a despeito da baixa densidade, se podem considerar próximos da saturação, a emigração nem sempre é devida à falta de trabalho, pois se emigra de sítios onde há carência de braços. Os salários muito baixos, que condenam o homem simultaneamente ao esforço rude e à pobreza, o desejo de fazer economias na esperança de melhor vida, as histórias aliantes dos que tiveram sorte e fazem esquecer o fracasso de tantos, constituem o influxo que, até aos mais remotos lugarejos das montanhas sacode a rotina da vida rural e aponta o êxodo como a única redenção." (in *Op. cit.*, p. 765)

⁸⁷ Domingos Monteiro, *Paisagem Social Portuguesa*, p. 63.

por outro lado, encontra-se este espírito de aventura, o desejo de conhecer novos destinos concretizado no fenómeno da emigração.

A prosa narrativa de Domingos Monteiro, apresenta-nos inúmeros exemplos destas migrações: a personagem João Loureiro de "O Gramofone" parte, por desejo de aventura e afirmação, para o Brasil; em "A minha tia Angelina", a protagonista percorre Paris, África do Sul, Angola; o protagonista de "A última barba" parte para o Brasil com o objectivo de enriquecer, o que acontece, regressando, depois, à sua terra natal; n'«O Vento e os Caminhos», José Alarcão percorre o mundo e faz fortuna na Venezuela; n'«O Canteiro de Estremoz», o destino é Angola.

Na verdade, é possível constatar que:

*"a emigração portuguesa não é uma emigração de qualidade. Recrutada principalmente entre rurais, transforma, muitas vezes sem preparação, o cavador em marçano e o agricultor em caixeiro (...). No comércio, o emigrante português não passa de retalhista, na indústria de operário ou trabalhador braçal. Em muitos lugares é olhado com um misto de desprezo e inveja, pela humildade da sua origem e pelo frenesim com que labuta. Mas, desta massa de homens rudes e incultos saíram comerciantes que enriqueceram, empresários empreendedores, pessoas que se poliram e elevaram socialmente. **Por outro lado, e por toda a parte, o português conserva ou afina as suas qualidades essenciais: trabalhador, resistente, sóbrio, ordeiro, dotado de um grande sentido de solidariedade.** Curtindo saudades da terra que lhe alimentam a esperança de volver, ou fundindo-se entre a população dos países que lhe garantem outro nível de vida, o português emigrante cumpre um inevitável destino, que, desde o século XV, o levou a trocar as suas pobres leiras pelos grandes caminhos do Globo. Atraído por terras novas, muito menos místico do que*

*aventureiro e traficante, rude trabalhador debaixo dos climas mais inóspitos (...).*⁸⁸

Até meados do século XIX, a principal causa da **emigração** portuguesa foi a ambição, o desejo de conseguir uma vida mais desafogada. Todavia, a partir dessa data, o agravamento das dificuldades económicas obrigou muitos cidadãos portugueses a abandonar a sua terra natal. Estas dificuldades foram já apontadas pelo ensaísta na II Parte relativa à **planície**.

Não admiraria, portanto, que o imenso **rio**, que nasceu na **planície**, se fosse rasgando, abandonando a terra-mãe em direcção ao mar. "A sua nascente principal é o Norte"⁸⁹ e o *caudal principal* dirigia-se para o Brasil. Lembremos obras de prosa narrativa de Domingos Monteiro que o testemunham: "A matadora" - "(...) meu primo Rodrigo - um 'brasileiro' riquíssimo que era uma espécie de vice-rei do café de S. Paulo."⁹⁰ -; "A última barba" entre outras anteriormente referidas ao longo deste trabalho.

De acordo com o ensaísta, esta emigração teria proporcionado vários benefícios ao país: conservação da sua importância nessa ex-colónia; "compensação para o desequilíbrio da nossa balança económica"⁹¹; um certo progresso material e aumento de obras de beneficência, concretizadas em instituições de assistência privadas, conseguidas graças ao "**brasileiro**"- o português que emigrou para o Brasil, lá fez fortuna e, posteriormente, regressou à sua terra natal, que em outros tempos, lhe foi ma-drasta.

⁸⁸ Orlando Ribeiro e Hermann Lautensach, *Op. cit.* p. 768 (o sublinhado é nosso).

⁸⁹ Domingos Monteiro, *Paisagem Social Portuguesa*, p. 66.

⁹⁰ "A matadora", in *A Vinha da Maldição e outras histórias extraordinárias*, p. 68.

⁹¹ *Paisagem Social Portuguesa*, p. 67.

Esta problemática da emigração para o Brasil está também admiravelmente retratada em algumas obras de ficção de Ferreira de Castro, como por exemplo *Emigrantes* (1928) e *A Selva* (1930).

O afastamento da terra natal origina a característica *saudade*, esse sentimento tão português, que o nosso folclore tão bem retrata.

Seguindo a linha de pensamento de Domingos Monteiro ao longo do ensaio, constatamos que *os rios humanos* não correriam apenas para o exterior, correriam também para o interior do país. Este fluxo migratório deve-se ia a razões económicas, temporárias ou permanentes.

A transumância, a deslocação das populações por ocasião das ceifas ou das colheitas seriam exemplos de migrações temporárias, visando a procura, igualmente temporária, de melhores condições económicas. De acordo com o ensaísta, o seu significado social não seria grave, comparado com o fluxo migratório para o estrangeiro.

Não obstante estes reflexos migratórios, haveria ainda uma outra migração que se avolumou cada vez mais (especialmente nos anos trinta e quarenta), qual *rio caudaloso* - o **urbanismo**. Este revestir-se-ia de características bem diversas da transumância, por exemplo, uma vez que implica fixação permanente das populações que vinham dos campos (êxodo rural), muitas vezes para trabalhar nas fábricas que se foram criando nas cidades, atraídas pela perspectiva de melhores salários, pela ambição de uma vida mais confortável e, até, pelo espírito de aventura.

O aumento deste *rio caudaloso* poder-se-ia comprovar-se pela comparação do censo de 1940 com o de 1930. Só na cidade de Lisboa registou-se um aumento de mais de cem mil habitantes.⁹²

⁹² Cf. *ibidem*, p. 71

Assistiu-se, pois, a um crescimento urbano muito acelerado, especialmente nas áreas de Lisboa e Porto:

*"As maiores cidades, Lisboa e Porto, reuniam, em 1864, 6 por cento da população total do país, em 1900, 10 por cento, em 1950, 14 por cento. O movimento da concentração urbana acentua-se pois sem que o campo se despovoe, as promessas de trabalho, os salários mais altos, a vida mais solta, exercem irresistível atracção sobre a gente rural."*⁹³

Cumprir registrar o cuidado que o autor coloca na procura de fontes para fundamentar as suas afirmações credibilizando, deste modo, o seu ensaio.

Domingos Monteiro conclui o seu estudo do **sistema fluvial da Paisagem Social Portuguesa** apresentando uma peculiaridade deste **rio do urbanismo** que o distinguiria dos outros **rios humanos**:

*"enquanto os outros nascem sempre da **planície** e dela se alimentam, esta procede também das **colinas** que à cidade se dirigem pelo desejo ambicioso de crescimento e de altitude..."*⁹⁴

Este "**desejo ambicioso de crescimento e altitude**" que levaria os pequenos burgueses ou os seus descendentes a deslocarem-se até aos centros urbanos encontra-se profusamente presente em algumas narrativas do autor como é o caso de "A menina Cega", na qual a personagem Júlio de Lemos "*Viera da Beira Alta para Lisboa e ali se fixara. Não tinha outra família senão a mãe, com quem vivia e exercia em Campolide, onde morava, uma modesta clínica de bairro*"; e de outras já anteriormente mencionadas ao longo desta dissertação.

⁹³ Orlando Ribeiro e Hermann Lautensach, *Op. cit.*, p. 760.

⁹⁴ Domingos Monteiro, *Paisagem Social Portuguesa*, p. 72 (o sublinhado é nosso).

6. V - Os Vales e as Sombras

Chegamos, neste momento, à última parte deste ensaio sobre as condições de vida do 'português'.

O seu título tem o seu quê de sinistro e até assustador. De facto, o seu conteúdo confirmará, de alguma forma, esta primeira impressão.

De facto, segundo Domingos Monteiro, **os vales** são "*invisíveis e fundas ravinas escavadas na estrutura interna da planície, das colinas e dos montes*"⁹⁵, por onde se dissiparia a energia física e psicológica do 'português', gerando um ambiente de tristeza e amargura que se apodera da *paisagem*.

A **miséria** seria, de acordo com o autor, o **vale** mais fundo, localizando-se sob a **planície**.

Mais uma vez, são apontadas as suas causas: pobreza económica, a deficiente organização da economia, factores climatéricos e geológicos, que poderiam ser resolvidos se houvesse vontade, especialmente da classe que mais teria lucrado com esta situação - a aristocracia económica.

Conclusões semelhantes às presentes no ensaio *Paisagem Social Portuguesa* estão patentes na obra de Orlando Ribeiro e Herman Lautensach, intitulada *Geografia de Portugal III. O Povo Português*, na qual se procede à apresentação de um estudo sobre a evolução da população portuguesa desde o início deste século.

Passamos, assim, a citar:

"(...) A mortalidade elevada resulta das condições sanitárias desfavoráveis, da insuficiente assistência médica nas

⁹⁵ *Ibidem*, p. 73.

povoações pequenas, da falta de instrução geral, que se exprime na percentagem de analfabetos, e da forte incidência de doenças contagiosas, principalmente a tuberculose pulmonar (...) O habitual desleixo dos particulares e dos serviços públicos manifesta-se também infelizmente neste campo.

*A razão profunda desta triste situação assenta na pobreza do povo, sem paralelo nos países da Europa Ocidental e Central; esta pobreza resulta naturalmente da fraqueza geral da economia do país. A mortalidade dos recém-nascidos e das crianças atinge taxas assustadoras, mesmo sem contar o elevado número de nados-mortos. Assim a vida do povo português decorre num ciclo acelerado e é acompanhado por muito sofrimento.*¹⁰⁶

A prosa narrativa de Domingos Monteiro é profícua em exemplos (já anteriormente apontados) da pobreza económica, da miséria que de pauperavam o país.

Infelizmente só um reduzido número das **crianças** da planície frequentava a escola, concluindo a quarta classe, pois eram necessárias como força de trabalho para contribuir para o diminuto orçamento familiar. Começavam, portanto, a trabalhar desde cedo, como é referido pela personagem 13 da narrativa "Enfermaria", que já havia sido *"tudo: carpinteiro, serralheiro, maioral, carroceiro, descarregador e até polícia..."*¹⁰⁷

A preparação espiritual destas crianças era efectuada, geralmente, pelo padre da aldeia, que lhes incutia princípios e valores que, de uma certa forma, contribuiriam para a manutenção do *"status quo"* social existente, nomeadamente: espírito de submissão, deveres para com o próximo, a distinção entre o bem e o mal.

¹⁰⁶ Orlando Ribeiro e Herman Lautensach, *Geografia de Portugal III - o Povo Português*, João Sá da Costa, Lisboa, 1989, p. 722.

¹⁰⁷ Domingos Monteiro, "Enfermaria", in *Enfermaria, Prisão e Casa Mortuária*, p. 45.

As mulheres da 'planície' teriam uma vida quase equivalente à dos homens, uma vez que tinham de contribuir para o orçamento familiar, cuidar dos filhos e da casa. Por vezes, eram elas o sustentáculo da família, nomeadamente quando os maridos emigravam, como acontece em "O regresso": "(...) a sua partida para África, para tentar fortuna (...)"⁹⁸; ou estavam presos:

*"Ela devia estar ali no meio daquela mutidão, apagada, humilde como sempre, com o chaile (sic) negro pela cabeça à maneira da serra à espera do seu homem. Havia seis meses que estavam separados e que só a via de longe a longe quando ela vinha trazer-lhe o pão e o queijo, que êle subia numa cestinha dependurada dum cordel, ao mesmo tempo que ela lhe ia contando, com os olhos baixos e uma timidez de escrava as novidades da terra (...)"*⁹⁹

ou se encontravam doentes, como é o caso do marido de D. Felícia, personagem da narrativa "A casa assombrada".

Seria, portanto, compreensível que, muitas destas mulheres, enquanto solteiras fossem atraentes e bonitas, e depois de casarem e darem à luz, vissem a sua fisionomia, senão mesmo o seu estado de espírito (fruto das dificuldades da vida), substancialmente alterados.¹⁰⁰ Esta asserção aparece-nos confirmada em *O Primeiro Crime de Simão Bolandas*, a propósito da caracterização da mãe de Simão:

"De facto, ao contrário do que sucedia com as outras mulheres da região, a quem o casamento fazia desaparecer toda a garridice, e a quem a primeira gravidez desfeava e envelhecia definitivamente, ela conservava aos trinta e um

⁹⁸ "O regresso", in *Contos do Dia e da Noite*, p. 35.

⁹⁹ "Prisão", in *Enfermaria, Prisão e Casa Mortuária*, p. 64.

¹⁰⁰ Cf. *Paisagem Social Portuguesa*, p. 32.

anos, o porte de uma rapariga. (...) ela representava entre a **população mal vestida e mal lavada, com as mulheres de cabelos sujos e esfarripados, de trajos remendados e enxovalhados, uma anomalia, dificilmente perdoável. Sentia que a criticavam e a odiavam (...).**¹⁰¹

Apesar de todas estas adversidades, seria possível verificar que o 'português' conserva sempre uma réstia de **sonho** e de **esperança** num futuro melhor, e seria precisamente aqui que residiria a sua **grandeza**.

Relembremos, a propósito as palavras do autor no ensaio *Paisagem Social portuguesa*:

"(...) é essa classe que fornece à sociedade portuguesa a quási totalidade da energia física colectivamente distendida, por assim dizer, a fôrça motriz que põe em movimento e condiciona tôda a sua actividade económica e tôda a produção. É ela que cultiva os campos, acarreta a pedra com que se erguem os muros, arrasta as rêdes, acciona as máquinas, transporta os produtos até aos primeiros centros de distribuição (...)."¹⁰²

De salientar ainda que, apesar deste quadro pouco animador, o 'português' manteria a esperança e o desejo de um futuro melhor, depositaria toda a sua confiança na relação que mantém com o sagrado. Como já observámos anteriormente, a sua religiosidade é eminentemente prática e pouco mística.

A prosa narrativa de Domingos Monteiro revela-nos precisamente essa simplicidade, pureza e **íntima ligação com o sagrado**:

¹⁰¹ *O Primeiro Crime de Simão Bolandas*, pp. 24, 25 (o sublinhado é nosso).

¹⁰² *Paisagem Social Portuguesa*, p. 25.

"E à maneira que ia tocando, as ovelhas paravam atentas, à volta dêle, como se entendessem, e o seu coração ia-se enchendo dum sentimento de gratidão para com Deus Nosso Senhor que fizera aqueles montes, aquelas ovelhas, aquêles horizontes sem fim, e, ainda por cima, lhe dera o olhar para ver tudo, como se tudo lhe pertencesse."¹⁰³;

em "Um recado para o céu", os populares têm uma visão imediatista da religião, ou seja, esta visa resolver os seus problemas quotidianos, até os mais comezinhos, recorrendo, para o efeito e com bastante frequência, às promessas.

Curiosamente muitos dos títulos das obras de ficção do autor contêm vocábulos associados a um transcendente religioso ou sobrenatural, nomeadamente, "Ressurreição"; "Um recado para o céu"; "O milagre"; "Confissão"; "O menino Jesus que eu conheci"; "Sortilégio do Natal", o que confirmaria, até certo ponto, este pendor do autor para o **transcendente**, já anteriormente referido.

Finalmente, cremos ser pertinente relembrar as credices populares e superstições, tão características da maioria da população portuguesa e que influenciam e determinam a vida de tantas pessoas, como acontece em "Tentação" (referências a bruxas e superstições):

"- No meu país, entre o povo - disse-lhe eu - e em especial nas aldeias serranas, há a crença "do diabo no corpo" a que o senhor se referiu. Qualquer mulher histérica, que ria ou grite despropositadamente, pode ser tida e havida como possessa do demónio e arrisca-se a que tentem expulsá-lo com varadas, ou mesmo a que, para a purificarem, a atirem a uma fogueira como já uma vez aconteceu. Mas isso não passa de

¹⁰³ "Prisão", *Enfermaria, Prisão e Casa Mortuária*, p. 64.

uma grosseira **superstição** (...). Muitas vezes ouvi afirmar, a camponeses e a camponesas ignorantes, essa convicção, como lhes ouvi afirmar também convictamente, **a existência de bruxas e lobisomens.**¹⁰⁴;

n'«O Gramofone»:

"- Sabes o que tu devias fazer, Loureiro? Era ir à Eufrosina?

- Quem é a Eufrosina?

- Ah, tu não sabes? É a feiticeira de Cabo da Vila. Lê na palma da mão. Dizem para aí que acerta sempre.¹⁰⁵

Encontramos, novamente, neste Capítulo V uma crítica do ensaísta à aristocracia económica que insistiria em manter o seu egoísmo, alheando-se da realidade nacional, recusando-se a contribuir para a resolução dos problemas nacionais.

Recordemos, a propósito, a personagem Fausto Salema, outrora um importante industrial, que entretanto ficara arruinado, ao permanecer num hospital para pessoas com dificuldades económicas e ao conviver com elas, conhece um mundo muito diferente do seu:

"Surpreendera-o, sôbretudo, que aquela gente rude e dura, que tão corajosamente suportava a dor física, tivesse também uma alma e julgasse os grandes problemas humanos com muito mais realidade e compreensão que ele."¹⁰⁶

¹⁰⁴ "Tentação", in *Histórias Castelhanas*, p. 94 (o sublinhado é nosso).

¹⁰⁵ "O Gramofone", in *O Destino e a Aventura*, p. 122.

¹⁰⁶ "Enfermaria", in *Enfermaria, Prisão e Casa Mortuária*, p. 37.

Segundo o ensaísta, um dos males da **miséria** seria a **incultura** e o **analfabetismo**, que só poderiam desaparecer se se verificasse uma melhoria efectiva nas condições de vida da **planície**.¹⁰⁷

Para Domingos Monteiro, o pior dos **vales** seria a **doença**, que atingiria com maior frequência as classes mais desfavorecidas, devido à sua vida árdua, alimentação deficitária, habitação, muitas vezes, degradada, cuidados de higiene diminutos. As principais doenças que afligiam a população seriam a tuberculose, a sífilis, o raquitismo e o paludismo. Seriam elas as responsáveis pelo elevado índice de mortalidade em Portugal e

“a causa do estado sanitário deficiente em que a nossa população se encontra e que, recaindo principalmente sobre a planície, atinge afinal toda a nação”¹⁰⁸

A narrativa cujo título é precisamente "*Enfermaria*", ilustra esta triste realidade



1944 - Perlineri - Nuno Melo

nacional: a doença ceifava a vida de milhares de portugueses.

Os índices de **mortalidade infantil** apresentados no ensaio são tão ou mais preocupantes, pois nos primeiros meses de 1941, atingiu os

¹⁰⁷ Para termos uma noção da gravidade da situação, referimos um estudo de António Nova, no qual se constata que a taxa de analfabetismo em Portugal, se cifrava na ordem dos 61, 8 %, na década de 30 (citado na obra *História de Portugal - o Estado Novo*, Vol. 7, Direcção Geral de José Mattoso, Coordenação de Fernando Rosas, Editorial Estampa, Lisboa, 1994, p. 24).

¹⁰⁸ Domingos Monteiro, *Paisagem Social Portuguesa*, p. 79.

43% relativamente à mortalidade total. Esta triste realidade está patente na narrativa "A menina cega":

"Esta é a última que me resta... Já me morreram duas. Nascem muito sãsinhas, muito perfeitas e, de repente, dá-lhes o tringlo-mango... A última foi uma febre que a levou em meia dúzia de dias..."¹⁰⁹

A **falta de condições de higiene** nas habitações - *"Viu as casas de madeira com remendos de lata e as ruazinhas tortuosas, de saibro, por onde, no inverno, corriam as enxurradas, arrastando animais mortos, talos de couve, restos de peixe, detritos de toda a espécie. E as crianças a brincar na rua, com os ventres dilatados, no meio do esterco. (...) Naquele bairro não havia outro remédio senão ser desgraçado..."¹¹⁰* - assim como uma **ignorância profunda** - *"Indiferente, ela nem sequer lhe perguntou o que tinha. Êle foi ao armário, tirou de lá uma amostra (...) Ela sabia que os remédios não lhe faziam nada (...) Depois, tendo olhado para todos os lados, com um movimento brusco, atirou com o remédio para a valeta."¹¹¹* - não permitiriam uma rápida e efectiva melhoria das condições de saúde da população

Este flagelo seria ainda agravado pela inexistência duma protecção social conveniente.

Apesar de o Estado ter procurado resolver, ainda que de forma incipiente, esta situação, através da assistência hospitalar, postos de socorro, instituições educativas, o que é facto é que encontrou apenas a "indiferença" e o "egoísmo das classes beneficiadas que (...) não só nada fize-

¹⁰⁹ "A menina cega", in *O Mal e o Bem*, p. 115

¹¹⁰ *ibidem*, pp. 125, 126.

¹¹¹ *ibidem*, p. 136.

ram para os debelar como, até, na defesa dos seus interesses próprios, muitas vezes os agravaram.”¹¹²

Estas considerações inserem-se na crítica do autor à aristocracia económica, que se distanciava dos problemas nacionais, interessando-se apenas pelas suas conveniências e defesa dos seus interesses.

E, de facto, sem a colaboração e o empenho de todos os membros da sociedade na resolução dos problemas nacionais, tornar-se-ia quase impossível saná-los.

Após a referência aos vales - “*invisíveis e fundas ravinas escavadas na estrutura interna da planície, das colinas e dos montes*”¹¹³- o autor procede à enumeração das grandes **sombras** que “*pesam sobre a paisagem social portuguesa*”, e que não constituem surpresa para o leitor: a falta de generosidade das classes mais abastadas, ao contrário do que se passaria em países estrangeiros, reveladora de

“um isolamento egoísta, uma falta de noção do dever social, uma redução moral às preocupações exclusivistas do eu, um desprezo pelas necessidades e interesses alheios e uma indiferença desumana”¹¹⁴

7. Epílogo

A obra encerra, tal como iniciou, com a apresentação do **objectivo do ensaísta** Domingos Monteiro: “*tentámos fotografar com uma*

¹¹² *Paisagem Social Portuguesa*, p. 79.

¹¹³ *ibidem*, p. 73.

¹¹⁴ *ibidem*, p. 81 (o sublinhado é nosso).

*verdade absoluta as suas [da paisagem humana] linhas gerais e os seus contornos.*¹¹⁵

É reconhecido que a *paisagem social portuguesa* retratada não se afigurava muito risonha, pois fora modelada, não só por erros sociais, mas também por **sombras**, apresentados ao longo do ensaio.

Apesar destas contingências, o autor destaca ***“as prometedoras virtualidades [do povo português], que são imensas”***, nomeadamente a sua espantosa *“boa vontade”*, a sua *“persistência inabalável”*, e *“coragem sofredora”*, que nos permitiriam acalantar a esperança de um dia *“dominar a fatalidade económica e geográfica com que se debate há séculos.”*¹¹⁶

Em conclusão, Domingos Monteiro, reafirma a sua confiança num povo detentor de uma história grandiosa e de uma identidade interior real e que, mesmo nos momentos mais adversos, conseguiu ultrapassar os obstáculos que se lhe foram deparando. O povo português deveria revelar perseverança, coragem e, acima de tudo, empreender a união de todos os cidadãos, a fim de honrarem a grandeza nacional.

¹¹⁵ *ibidem*, p. 82.

¹¹⁶ *ibidem*, p. 83 (o sublinhado é nosso).

Conclusões

Domingos Monteiro, homem **“alto, anguloso, esgaldado, com a ossatura bem à mostra (...) um halo de sobrenatural a que os seus olhos de um azul ora de céu ora de cinza, a cada instante conferiam um não sei quê de mágico, de mago, de bruxo ou de faquir em permanente iminência de levitação”**¹, constituiu para nós uma verdadeira (re)descoberta.

Foi impressionante e fascinante descobrir a 'genialidade' de Domingos Monteiro: autor de teatro, poesia, história, doutrina, crítica social, ensaio e, sobretudo, de textos narrativos. Foi, de facto, ao nível do modo narrativo que o autor se destacou. Ele é um verdadeiro contador de histórias, que cativam e prendem de forma quase obsessiva a atenção dos seus leitores. Curiosamente, este 'dom' prolongava-se para além da Literatura, invadindo o foro privado, como nos revelou a sua filha, Estela Monteiro, em encontro, que se encontra transcrito, com a sua autorização, em anexo a esta dissertação. Domingos Monteiro tinha da realidade uma visão de ficcionista. Era difícil destrinçar onde terminava o autor de textos literários e começava o homem e vice-versa.

Creemos que o título atribuído ao primeiro sub-capítulo - "Retalhos da vida de um ilustre "quase" desconhecido" - é suficientemente elucidativo quanto ao injusto e infeliz esquecimento a que este invulgar contista, novelista, poeta... tem estado votado nos últimos tempos, apesar de no passado ter obtido o reconhecimento dos seus contemporâneos, como tivemos oportunidade de referir. Convém destacar que o facto de as suas obras se encontrarem fora do mercado há vários anos dificulta grandemente o seu conhecimento e estudo. A única forma de obviar esta situação é adquiri-las em alfarrabistas, consultá-las na Biblioteca Nacional, ou

¹ David-Mourão Ferreira, *Confessar e Contar*, in *Boletim Cultural*, Fundação Calouste Gulbenkian, VIII série, N.º 3, Setembro de 1996, Lisboa, p. 11 (o sublinhado é nosso).

contactar a família do autor. Foi o que fizemos várias vezes ao longo destes meses e os resultados foram extremamente profícuos e gratificantes, não só porque tivemos o ensejo de ler, apreciar, estudar e escrever a dissertação sobre a vida e obra de um autor contemporâneo que desconhecíamos, mas também porque os contactos mantidos com a filha do autor permitiram, por sugestão do orientador da dissertação, Eugénio Lisboa, a reedição da obra integral de Domingos Monteiro, desta feita pela Imprensa Nacional - Casa da Moeda, cujo responsável, Braz Teixeira, aceitou com muito agrado. Esperamos, pois, encontrar brevemente as obras do autor nas livrarias, e que o público e a crítica a acolham com a admiração, respeito e valor literário, cultural e histórico que lhe são merecidos e reconhecidos. É com bastante satisfação que nos congratulamos por este desfecho.

Uma vez que o cânone literário de Domingos Monteiro é bastante extenso, achámos por bem proceder a uma inventariação de todas as obras do autor, por ordem cronológica: da doutrina à crítica, passando pela história e, naturalmente, pela ficção.

A fim de otimizarmos a nossa compreensão da vida e obra de Domingos Monteiro, em geral, e a sua visão da 'Paisagem Social Portuguesa' presente no ensaio homónimo e nos seus textos narrativos, em particular, tornou-se fundamental lembrar o conturbado e complexo contexto histórico, social, político e literário em que o país e o autor viveram durante os seus setenta e sete anos

Só depois de termos passado por estas fases, é que nos sentimos, embora com a certeza de que muito trabalho está ainda por fazer, pois a obra de Domingos Monteiro é um filão inesgotável de interpretação, razoavelmente preparados para nos "aventurarmos" e "deixarmos conduzir" pela sua obra ficcional.

Como seria de esperar, os elementos paratextuais que captaram imediatamente a nossa atenção foram os títulos. Tivemos, portanto, o cuidado de enumerar todos os títulos de obras de prosa narrativa publicados pelo autor e constatámos que a sua produção literária foi muito profícua e

regular: cerca de dezassete obras, contendo cerca de sessenta e sete contos e novelas.

Os títulos das suas narrativas fornecem-nos alguns indicadores relacionados com elementos de conteúdo dos textos (personagens, espaços, situações, etc.). A este tipo de títulos atribuiu-se, como vimos, a designação de temáticos, como por exemplo, *Enfermaria, Prisão e Casa Mortuária* (1943) No entanto, é possível encontrar outros títulos que remetem para o género a que pertencem (títulos remáticos), como é o caso, por exemplo, de *Contos do Natal* (1964).

Uma observação ainda mais atenta permitiu-nos constatar o domínio de substantivos abstractos e referências a realidades não directamente observáveis, o que nos parece sugerir a atracção de Domingos Monteiro pela subjectividade e pelo transcendente: "Ressurreição", in *Contos do Dia e da Noite* (1952); *Histórias Deste Mundo e Do Outro* (1961).

Outro aspecto interessante é a constante presença de opostos nos seus títulos - *O Mal e o Bem* (1945), *Contos do Dia e da Noite* (1952), entre outros - e que, como depois constatamos, interagem e trocam frequentemente de papéis ao longo das narrativas.

Em suma, os títulos das narrativas de Domingos Monteiro conseguem despertar a curiosidade do leitor, que, por seu turno, cria determinadas expectativas, que serão confirmadas ou infirmadas com o desenrolar da acção.

A leitura interessada e atenta das narrativas de Domingos Monteiro permite-nos tirar algumas conclusões, no que concerne à técnica narrativa por si utilizada e que funciona como um veículo eficaz da temática predominante nas suas obras. Começamos por salientar a relação privilegiada que se estabelece entre o emissor e o receptor, chegando aquele a endereçar-se directamente a este em várias narrativas. Daí que muitas vezes, o seu estilo seja coloquial, e sempre muito acessível, simples, fluido, sem grandes preocupações estilísticas, tal como o de um verdadeiro

contador de histórias, o que é uma excepção no nosso panorama literário, no qual predominam os estilistas.

Se, efectivamente, o estilo e a técnica narrativa de Domingos Monteiro se caracterizam pela simplicidade, a temática, pelo contrário, é caracterizada pela complexidade, como vimos no ponto 4.2- do Capítulo I: "Técnica narrativa veiculadora da temática." De facto, o uso de uma técnica narrativa simples é uma garantia de passagem de uma mensagem complexa, onde predomina a ambiguidade, a sugestão, um permanente jogo de perversão do real e sentido de humor, que conduzem indubitavelmente à transgressão de pressupostos comuns, e a um retrato da complexidade humana (especialmente ao nível dos contrastes psicológicos das personagens), que tanto nos fazem lembrar um dos autores predilectos de Domingos Monteiro: Dostoiewsky.

Estas asserções podem ser confirmadas através da narrativa "O mal e o bem", in *O Mal e o Bem* (1945). Apesar de social e moralmente estes elementos serem considerados inconciliáveis, nesta narrativa de Domingos Monteiro (como noutras que tivemos o cuidado de indicar), eles não só não o são, como chegam a trocar as suas posições tradicionais, por meio das personagens Augusto Rodrigues e Porfírio Gonçalves.

Outro tema omnipresente na obra ficcional de Domingos Monteiro é, como vimos, o destino, que enquanto entidade superior, inexorável, controla o desenrolar dos acontecimentos e o percurso existencial das personagens, que se tornam impotentes perante esta força superna: "*não há nada a fazer: é destino (...)*"²

A análise cuidada da vida e obra do autor permitem-nos constatar a verdadeira sedução que o transcendente exercia sobre si. São inúmeros os exemplos presentes na sua obra ficcional - "Um recado para o céu" e "O Milagre", in *Histórias Deste Mundo e do Outro* (1961) - e muitos outros,

² Domingos Monteiro, "Os filhos da noite", in *Contos do Dia e da Noite*, p. 23.

que foram apontados ao longo do nosso trabalho; bem como na sua vida pessoal, como pudemos verificar através dos relatos de episódios verídicos apresentados pelos seus familiares.

A viagem é outro dos temas patentes em várias narrativas do autor, representando para diversas personagens a possibilidade de se autonomizarem, provarem que possuem capacidade de sobrevivência, como acontece ao protagonista de "O Gramofone", in *O Destino e a Aventura* (1971) - "*Não quero herdar a vida, como quem herda uma propriedade. Quero construí-la, quero fazê-la eu com as minhas próprias mãos.*"³. Consequentemente, podemos associar-lhe o tema da iniciação no mundo adulto - "*És um homem a sério.*"⁴

Para concluirmos, cumpre referir a estreita ligação entre o ser humano e a natureza, que Domingos Monteiro promove nas suas narrativas: "*Zé Lua humanizava tudo como se entendesse a alma dos elementos e as vozes silenciosas das coisas inanimadas.*"⁵ Esta e muitas outras citações presentes ao longo das suas narrativas, remetem-nos, imediatamente, para uma referência biográfica apresentada pelo autor em "Uma Página de Recordações a Servir de Prefácio":

"Nos nossos raros passeios à cascatinha, ela [Libânia, uma empregada de raça negra que serviu a família do autor enquanto moraram no Rio de Janeiro] ia-me ensinando coisas que nunca mais ninguém me ensinou. Tomando-me pela mão, levou-me junto de uma árvore e afirmou: "As árvores também têm coração. Vais ouvi-lo bater meu filho" (...). Encostei o meu ouvido à árvore e de repente senti como que o pulsar doloroso e longo de um coração entristecido. (...) Foi uma autêntica

³ "O Gramofone", in *O Destino e a Aventura*, p. 113.

⁴ *ibidem*, p. 184.

⁵ *O Primeiro Crime de Simão Bolandas*, p. 54.

*descoberta do universo cósmico a que todos nós, plantas, homens e animais, igualmente pertencemos.*⁶

Nesta linha de pensamento, verificamos que a sabedoria popular é extremamente acarinhada e valorizada por Domingos Monteiro, patenteadando, assim, a sua admiração por aqueles portugueses populares que representam o que o país tem de mais genuíno, como a personagem Zé Lua, já referenciada, ou Letícia, em *Letícia e o Lobo Júpiter* (1972) por oposição às elites culturais e económicas, que se isolam e distanciam, tal como sucede em *O Caminho Para Lá* (1947), *A Vinha da Maldição e Outras Histórias Quase verdadeiras* (1969).

Ao longo da dissertação procurámos (re)descobrir Domingos Monteiro, nomeadamente a sua vida e obra, uma vez que nos parece (e foi confirmado pelo autor, em algumas obras e pela filha, Dra. Estela Monteiro) que esta foi determinada por aquela e vice-versa, ou não tivesse Domingos Monteiro, da realidade, uma visão de ficcionista.

Entramos, assim, no âmbito do Capítulo II desta dissertação - ***Revisitar a Paisagem Social Portuguesa***.

Domingos Monteiro foi, desde muito novo (relembremos, a propósito, a influência de Teixeira de Pascoaes) um apaixonado pelas questões nacionais, pelas nossas tradições, pelas condições de vida da população em geral. Recordemos a criação da Sociedade de Expansão Cultural, a promoção da leitura através das Bibliotecas Itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian, a fundação do jornal *Pátria*, a redacção de textos revelando as suas preocupações com o devir nacional, a defesa de opositores ao regime do Estado Novo, contra o qual se opunha, por não o considerar o mais adequado ao nosso país.

⁶ "Uma Página de Recordações a Servir de Prefácio", in *O Sobreiro dos Enforcados e Outras Narrativas Extraordinárias*, pp. 24, 25

Uma vez que um dos nossos objectivos nesta dissertação era conhecer a visão que Domingos possuía da sociedade portuguesa da época, optámos por analisar o ensaio *Paisagem Social Portuguesa* (1944) e comparar as ideias aí presentes com as suas obras de prosa narrativa: verificar até que ponto a ficção ilustrava ou não "a mancha geral da nossa população"⁷ apresentada no ensaio

A fim de podermos fazer qualquer espécie de comparação entre o ensaio e a obra ficcional,urgia conhecer mais detalhadamente este ensaio, a sua visão da paisagem social portuguesa de então, publicado em 1944 e apreendido pela PIDE.

Curiosamente, o autor brinda-nos com um discurso cativante, utilizando o vocabulário da geografia física, não só para a análise da sociedade portuguesa, mas também para o título do próprio ensaio.

O facto de a obra ter sido elaborada e publicada na fase de maior empenhamento político do autor contra o Estado Novo parece ter sido determinante em algumas posições apresentadas, nomeadamente, a defesa das classes mais desfavorecidas, onde residiria a essência da nação, procurando combater um certo fatalismo sociológico; a crítica à aristocracia económica, distanciada, por vontade própria e egoísmo, dos problemas nacionais; a preocupação em determinar as causas desta situação e apresentação de estatísticas que a expliquem.

Parece-nos que o objectivo do autor com este estudo: "**fotografar com uma verdade absoluta as linhas gerais e os contornos da paisagem humana**",⁸ era muito ambicioso, dado que se nos afigura bastante difícil conseguir uma verdade absoluta num domínio em que, apesar de todo o rigor que se possa imprimir, o perigo da subjectividade está sempre

⁷ *Paisagem Social portuguesa*, Editora Educação Nacional Porto, 1944, p. 10.

⁸ *ibidem*, p. 82 (o sublinhado é nosso).

presente. Concordamos, portanto, com o postulado de José Mattoso relativamente a esta dificuldade:

*"É fácil de ver a fragilidade científica destas especulações, tanto pelo carácter subjectivo das observações, como pela dificuldade de as quantificar, mesmo grosseiramente. Se, por exemplo, se caracterizam os portugueses como sentimentais, é impossível dizer se a percentagem dos que o não são é grande ou pequena. Infelizmente são muito poucos os estudos objectivos acerca do comportamento social dos portugueses."*⁹

No entanto, Domingos Monteiro tem o mérito de ter procurado apresentar a 'Paisagem Social Portuguesa' dos anos trinta e quarenta deste século, com as suas origens, desenvolvimento, traços característicos e contradições.

O autor considera que, apesar de a população portuguesa se debater há séculos com a "fatalidade económica e geográfica"¹⁰, há-de conseguir dominá-las. E assim, termina o ensaio com esta nota de esperança.

Após uma leitura atenta e cuidada das sessenta e sete narrativas publicadas por Domingos Monteiro, constatamos que autor nos apresenta diferentes construções da realidade, especialmente das condições económicas e sociais que dominavam a sociedade portuguesa e cujas linhas gerais e contornos são apresentados no ensaio: a precariedade de vida das classes mais desfavorecidas; o alheamento e indiferença das classes mais favorecidas; miséria humana, económica, doenças que 'obrigaram' milhares de portugueses a abandonar a sua terra natal e a procurar melhores condições de vida noutras paragens, como acontece em "A menina cega", in *O Mal e o Bem* (1945); "O Menino Jesus que eu conheci", in

⁹ José Mattoso, *A Identidade Nacional*, Edição Gradiva, Lisboa, Maio 1998, p. 22.

¹⁰ Domingos Monteiro, *Paisagem Social Portuguesa*, p. 83.

Contos do Natal (1964); *Enfermaria, Prisão e Casa Mortuária* (1943), "O Vento e os Caminhos", in *O Vento e os Caminhos* (1970)

Claro está que a fatalidade a que se faz referência no ensaio se encontra omnipresente na sua obra ficcional.

Para concluirmos esta brevíssima resenha comparativa, gostaríamos de salientar que o transcendente - "Este Mundo e o Outro" (alusão à obra *Histórias Deste Mundo e do Outro* - 1961) - que assume uma importância vital na obra ficcional do autor (recordemos "Uma Casa Assombrada", in *Histórias Deste Mundo e do Outro*), não se encontra referenciado no ensaio, pois parece-nos que o autor privilegiou os condicionalismos económicos, sociais, provavelmente, devido ao seu empenhamento social e político de então. Curiosamente, as obras de ficção narrativa em que estão patentes grande parte dos aspectos referenciados no ensaio são, em termos gerais, aquelas que foram publicadas sensivelmente na mesma época do ensaio (década de quarenta.: *Enfermaria, Prisão e Casa Mortuária* (1943); *O Mal e o Bem e Outras Novelas* (1945); *O Caminho Para Lá* (1947); *Contos do Dia e da Noite* (1952), entre outros.

A elaboração desta dissertação permitiu-nos tirar algumas ilações sobre a forma como Portugal e a sua 'Paisagem Social' se foram alterando ao longo deste século XX: os regimes políticos, os movimentos literários, a estrutura demográfica, as condições sócio-económicas. E todas estas transformações tiveram implicações na visão que os portugueses têm de si, do mundo e do seu ser colectivo.

Creemos ser pertinente salientar, neste momento, que o conteúdo do ensaio estudado e das obras de ficção de Domingos Monteiro tem o mérito de levantar no espírito de cada leitor algumas inquietações e perplexidades, passíveis ou não, de aplicação à 'Paisagem Social Portuguesa' dos anos 90. Esperamos que esta dissertação tenha contribuído, não só para este propósito, mas também para a descoberta de alguns traços

da vida e obra deste ilustre 'quase desconhecido' que é Domingos Monteiro.

Para concluir, gostaríamos de referir humildemente que, apesar do prazer e interesse que tivemos em estudar a vida e as obras de prosa narrativa de Domingos Monteiro, sentimos que muito há ainda por estudar, reflectir, analisar no que concerne ao seu cânone literário. No entanto, esperamos que esta dissertação seja o ponto de partida para futuros trabalhos de investigação.

ANEXO

Encontro com a filha de Domingos Monteiro:

Prof. Dra. Estela Monteiro

Encontro com a Dra. Estela Monteiro

(Texto transcrito de uma cassete audio)

No dia 14 de Julho de 1998 tivemos o ensejo de nos encontrarmos com a Professora Estela Monteiro, filha do autor Domingos Monteiro, na sua residência, em Lisboa. Desse encontro resultou um diálogo bastante profícuo e que passamos a transcrever:

Dra. Estela - O meu pai era muito atraído pelo desconhecido e pela parte espiritual. Ele, no fundo, sem ser católico, era um místico e, por isso, atraía-o, sempre, o desconhecido. E repare que, mesmo nos Contos dele, há sempre qualquer coisa de sobre-humano.

Nós- *A propósito, David Mourão-Ferreira fez alusão a uma carta endereçada ao seu pai, em 28 de Agosto de 1927, e que terá sido redigida por José Rodrigues Miguéis, na propriedade da família de Domingos Monteiro, nos arredores de Mesão Frio e nela se lê a determinado passo: "Escrevo-lhe ao ar livre, à porta duma gruta, sobre um lago onde cai um rosário de gotas e um repuxo transparente. Uma cortina azul de montanhas, uma sombra suave, um calor quase material - e o Domingos Monteiro a escrever uma novela transcendente, astralizante, abracadabrante, que imaginámos juntos uma destas noites, aí pelas 4 da manhã..."*

- Era a Quinta em Mesão Frio, onde o meu pai viveu em miúdo. Fez uma parte do Liceu em Lamego. Teve sempre uma grande atracção pelo sobrenatural.

- *Alguma razão especial?*

- Ele foi criado pela minha avó, mas em especial por uma francesa que eles chamavam "Dindinha", que era um diminutivo. Essa senhora francesa, eu penso, era uma mulher muito culta e também com a mania das coisas transcendentais. Ele gostava muito da mãe, mas gostava dela como se fosse mãe. Tanto que a "Dindinha" ocupava um lugar muito importante nas suas recordações de infância. E ela, segundo diz a minha tia, a irmã que ainda é viva, afirmava que a pessoa que ela preferia era o meu pai, que o meu pai tinha um encanto especial, encantava as pessoas. Ele tinha uma enorme capacidade de encantar as pessoas.

Reconheço que ele tinha alguns defeitos, mas a sua inteligência superava-os. Ele costumava dizer uma frase que eu acho muito importante e que, de certo modo, é o meu lema: "Na vida havia três qualidades que interessavam às pessoas, que eram fundamentais: a inteligência, a bondade e a coragem." E eu estou de acordo com estes atributos.

- De facto, essa coragem revelou-se na defesa de opositores ao regime de Salazar. Inclusivamente a sua tese de Doutoramento foi rejeitada por uma razão completamente despropositada: apresentada fora de prazo, quando, segundo o seu pai, tal era falso.

- O meu pai foi colega, discípulo e amigo do Marcelo Caetano. Tinham, no fundo, ideias completamente diferentes. E o Marcelo Caetano era uma pessoa muito modesta e ia passar as férias com o meu pai lá em cima na quinta. Tanto que, mais a minha mãe, ainda quando ele foi para o Brasil, continuaram a escrever-se. Sempre respeitando-se mutuamente. Eram muito amigos. Apesar disso, tinham ideias diferentes.

O meu pai foi sempre um homem liberal, nunca foi extremista, mas foi sempre um homem liberal e republicano.

*- E relativamente à fundação do jornal **Pátria** (1976)? Quais as condições que a favoreceram?*

- Considero isso um período negro na vida do meu pai. Eu sou uma pessoa de esquerda. Tive um desgosto horrível por ele fazer aquele jornal. Achei aquele jornal de um reaccionarismo, uma coisa horrorosa, mas foi...

O meu pai era uma pessoa com génio e, a seguir ao 25 de Abril de 1974, fizeram-lhe uma perseguição muito estúpida, porque ele tinha recebido o prémio Diário de Notícias. Então, eu disse-lhe: "Ó pai, não liguês, porque eles, pronto, agora, é um bocado a caça às bruxas." O que é completamente ridículo, porque o meu pai é dos poucos escritores portugueses que vem referido nos diários de Álvaro Cunhal como um dos homens que defendia as classes desfavorecidas e ia a 'montes' de julgamentos de graça e a uma 'data de coisas'. Não há dúvida que ele tinha um passado inatacável e havia tanta gente atacável, mas resolveram pô-lo, digamos, na lista negra e fazer um artigo contra ele e ele, se tivesse um bocado mais de senso tinha-se calado e não tinha ligado, mas não... Entrou numa polémica, dizendo... Então, começou a irritar-se com os Comunistas e com os PCs, com quem ele nunca se tinha irritado. E fez o jornal como forma de atacar essas pessoas, influenciado por pessoas que fizeram um aproveitamento nessa altura. Felizmente isso nem deu e eu achei que era óptimo. Era de um reaccionarismo horrível.

Depois de ele ter entrado para a Gulbenkian, foi rodeado de pessoas muito conservadoras e espicaçavam-no, precisamente por ele ter sido atacado e usavam-no um bocado. E eu disse-lhe: "Estás a ser usado, não tem sentido nenhum", mas ele, no fundo, continuava igual, porque ele, depois, morreu com um carcinoma no pâncreas e nós falávamos muito e eu lembro-me perfeitamente que eu ia lá e ele pedia-me para eu ir comprar o jornal e eu comprava *A República* e ele comprava *O Dia* e a gente ria-se imenso, porque... nunca mais me hei-de esquecer um dia em que era ... uns trabalhadores que, segundo dizia *A República*, tinham sido espancados pela Guarda Nacional Republicana no Alentejo, e *O Dia* dizia que coitados... dois guardas da GNR tinham sido apedrejados por uns trabalhadores e o meu pai ria-se e dizia: "Realmente isto é horrível! Isto é

a desinformação completa". Provavelmente não foi uma coisa, nem outra. E era verdade.

Era um homem que tinha um grande senso e que tinha... e eu percebo-o, porque eu também sou um bocado assim! Quer dizer... Eu que não sou de partido nenhum, mas fui sempre muito de esquerda, houve uma altura, em que me chamavam de extrema esquerda, nunca alinhei com o PC, embora tivesse muitos amigos, e tal, via-me, às vezes, a discutir com os PCs, porque, pronto, achava aquilo muito... Achava que eles, mesmo que pensassem ou não pensassem, obedeciam àquelas regras, era um bocado carneirismo, mas depois irritava-me com os outros também. Eu sou muito independente, não posso pertencer a nada, gosto muito de ser independente. E o meu pai também era assim.

- A independência de Domingos Monteiro está bem patente na sua obra literária. Ele não se inseriu em qualquer escola literária.

- Exacto. Tal acontecia também na sua vida. Era um homem que tinha uma vida, que só pode ser aceitável.,. não pode ser aceitável nos moldes, digamos, morais aceites pelas instituições. Era o que eu dizia: "Eu gosto muito do meu pai, de pessoas como o meu pai, mas nunca me casaria com um homem como o meu pai, precisamente porque era um homem que se apaixonava e que se dava, portanto... ele achava que o amor era uma coisa que não se podia estar a partilhar só com uma pessoa, portanto tinha várias pessoas e aquilo era uma confusão até para a minha mãe, que era a sua mulher e gostou imenso dele, mas acabou por se separar, porque... Ele, às vezes, dizia-me: "Eu não percebo porque é que a tua mãe se separou de mim." E eu dizia-lhe: "O pai, mas é que a minha mãe era formada em Direito, era uma mulher evoluída, não era já daquelas mulheres que aceitavam..." E ele dizia: "Pois é, tens razão, tens razão! Eu sou assim." E era assim. Mas eu isso... Ele casou e ninguém sabia. Não foi completamente uma surpresa, porque eu conhecia-o e percebi que havia qualquer coisa, mas não sabia o que era. Nós éramos

muito francos. Eu devo dizer-lhe que quando eu tinha um problema, apesar de a minha mãe ser uma pessoa óptima, era com o meu pai que eu ia ter, porque ele percebia tudo. Ele tinha uma grande abertura de espírito, era espectacular. A minha mãe dizia que ele percebia tudo e que dizia tudo bem, porque era irresponsável.

Eu lembro-me tão bem, quando eu casei... Os pais dos meus avós, a minha avó, principalmente, era uma mulher muito engraçada, era mulher que era republicana e monárquica ao mesmo tempo, o que era muito esquisito, mas era uma mulher muito inteligente e que era a mulher que governava a família toda, uma matriarca. Ela gostava imenso do rei. Aquando do regicídio sofreu imenso, mas depois era uma republicana e até escondeu lá pessoas quando foi da República, 'e não sei quê', portanto era aqui, realmente, um misto... e era muito católica, mas era engraçadíssimo... Eu lembro-me que, quando ela recebia uma carta, levava as cartas e antes de as abrir metia-as debaixo dos Santos e aquilo fazia-me uma grande confusão: "Se a carta já está escrita, por que é que se há-de agora pôr debaixo dos Santos?" Mas ela achava... E então era assim... e de resto, eu acho que o meu pai herdou coisas dela: aquele misticismo já vem da minha avó. É genético.

Ele tinha uma vida pronto... Ele tinha muitas paixões. Conheceu a minha mãe muito nova, na Faculdade. Foram viver juntos. Viveram juntos muitos anos e só casaram quando a minha mãe estava grávida de mim. Mas o meu pai tinha constantemente coisas e a minha mãe, realmente, chegou a certa altura e aborreceu-se e separaram-se, mas ficaram sempre amigos e eu tenho essa imagem que é espectacular. Depois, o meu pai tinha imensas pessoas com quem andava: umas eram escritoras, uma era médica, . Eram todas mulheres inteligentes, mas tinham a particularidade de serem todas muito feias, com excepção de uma. O meu marido ria-se imenso: "Olha os estafermos que o teu pai arranja." No entanto, eram mulheres muito inteligentes. Ele encontrava nas pessoas mais... Interessava-lhe mais... Ele até dizia: "Havia a 'aparência' e a 'aparição'". Ele valorizava mais a 'aparição' do que a 'aparência', porque lhe interessava

muito mais o que estava dentro, do que o aspecto físico. Ele dizia: "Muitas vezes uma mulher transforma-se e, a partir de certa altura, pronto... pode ficar uma pessoa bonita, mas o que interessa é o que está dentro da pessoa." E é verdade!

Eu sempre fui educada de uma maneira um bocado anárquica, mas que eu acho que me deu uma grande tolerância para a vida, uma compressão muito grande. Sou muito tolerante. No entanto, sou intolerante em princípios básicos de verdade, honestidade, rectidão, mas depois sou muito tolerante: não me meto na vida das pessoas. Acho um bocado como a Florbela que diz que uma pessoa só na vida não pode ser. Percebo essas coisas. Detesto as pessoas que passam a vida a tecer juízos de valor e vêem uma mulher com um homem e já dizem que anda metido. Acho isto tudo de uma mesquinhez. E isso herdei do meu pai. O meu pai era assim. As pessoas diziam que era assim, porque ele fazia a vida dele assim e, portanto... Ele andava com uma rapariga que era mais ou menos da minha idade e um dia, eu achei piada, o meu pai estava doente e o meu marido, que é uma pessoa muito observadora, disse-me assim: "Tu não te espantes se descobrires que o teu pai está casado." E eu respondi-lhe: "Se o meu pai estivesse casado dizia-me." Porque se eu fosse uma pessoa de fazer problemas... Mas não fazia. Eu agora retrospectivamente lembro-me de várias coisas e percebo. Ele nunca me disse nada e eu nunca perguntei. Inicialmente ele foi internado numa Clínica, depois foi para o Hospital e as visitas eram todas muito... Primeiro vinha uma, depois vinha outra, etc. E o meu marido disse-me: "Repara que 'fulana' adopta uma posição que dá a impressão que é mais de mulher. Realmente ele morreu e, logo a seguir, ela veio ter comigo e disse-me que eles eram casados há dez anos, oito anos, não sei... Ela era, de facto a pessoa com quem eu me dava menos, porque era uma pessoa muito tímida e muito fechada e as outras, então foi uma coisa incrível... Ficaram zangadíssimas comigo, porque achavam que eu devia ter tomado uma posição. Ora, eu não tinha posição nenhuma para tomar. Era o que eu dizia: "O meu pai era livre de casar com quem quisesse." Eu podia sentir

uma certa mágoa de ele não ter querido dizer. Mas depois ela disse-me: "Ele quis várias vezes dizer-lhe, mas nunca foi capaz." Mas eu disse-lhe: "Não foi capaz porquê?" Porque se ele sabia que eu à partida não tinha nenhuma reacção. E ela disse: "Não sei." E realmente eu comecei a pensar: ele, de vez em quando, telefonava-me. Às vezes, passávamos um ou dois meses sem falarmos, mas tínhamos uma coisa muito gira. Eu, às vezes quando penso nisso... O meu marido diz que eu sou um bocado tonta... Eu sentava-me assim no sofá e, de repente, pensava no meu pai e ele telefonava-me passados cinco minutos e já não me telefonava há dois meses. E ele dizia: "Estava a escrever e, de repente, lembrei-me de ti. Percebe?! Tem piada. Tínhamos imenso isso. Lembra-me uma vez eu estar com uma amiga minha a dizer que fazia isso e ela dizia: "Que disparate. Então, senta-te aí e fá-lo telefonar." Eu sentei-me e, passado um bocado, telefonou-me o meu tio, irmão dele, e disse-me: "Eu já estou para te telefonar há uns dias, mas lembrei-me agora de te telefonar porque o teu pai foi para fora e pediu-me para te telefonar para dizer que foi para fora." Portanto, repare o que havia... Isso é inexplicável... Ele tinha muitas vezes uma espécie de premonições. E eu tenho premonições.

Eu fui católica.... Ah! Era isso que o meu pai dizia também! E o meu pai era muito engraçado... Quando eu estava para casar... A família do meu marido era muito católica e eu nessa altura estava numa fase mística e eu tinha tido uma educação católica, tinha feito a primeira comunhão e tudo. Lembro-me perfeitamente que a minha mãe que não era católica nem o meu pai... A minha mãe a fazer-me o vestido para a primeira comunhão e eu andava num colégio de freiras, que tinha sido aconselhado pelo Marcelo Caetano à minha mãe. Eles tinham-se separado e a minha mãe não sabia... E eles falavam muito, ela achava que ele era muito sensato. E ele disse: "É melhor metê-la num colégio de freiras e depois quando ela chegar à quarta classe vai para liceu, mas depois já tem uma educação e depois ela escolhe." Andei, então, num colégio de freiras e fiz a primeira comunhão e foi até a minha mãe que me fez o vestido. Nós tínhamos pouco dinheiro. Mas, depois passou-me e, depois tive,

outra vez, uma crise no liceu e quando estava na faculdade estava outra vez numa crise mística e conheci o meu marido, que era católico, de uma família católica e nós íamos casar pela Igreja e lembro-me perfeitamente de o meu pai me dizer: "Olha uma coisa: tu não te cases pela Igreja só por causa da festa. Eu faço-te uma festa igual no registo." E eu disse-lhe: "Eu caso pela Igreja porque acredito e só faço as coisas em que acredito." E ele disse: "Bem se acreditas acho óptimo, não tem o mínimo problema, agora... tu vê lá! Não te deixes levar pelo vestido, pela festa, pela igreja." E eu disse: "Não me deixo nada." E, realmente, ele tinha razão. Nós casámos pela Igreja e passado dois anos, tanto eu como o meu marido deixámos de ir a missa. Eu tinha um guia espiritual, que era o padre Queirós, um jesuíta, e ele era muito inteligente e eu fui ter com ele, dois ou três anos depois, e disse-lhe que ia deixar de ir à missa, porque eu conheço tantos católicos e acho... Nunca pensei... E ele riu-se e disse: "Não tenhas problemas, faz o que quiseres." Era um homem esperto, mesmo... "Porque hás-de ser toda a vida uma mística e não interessa nada ir à igreja. Isso é um acto exterior, o que interessa é o que está dentro das pessoas." Eu perguntei-lhe: "Então acha que eu faço bem?". E ele respondeu-me: "Faz só aquilo que te apetecer fazer." Realmente passaram-se muitos anos e eu soube que ele estava a morrer com um cancro do estômago e fui vê-lo e ele foi espectacular e disse-me: "Olha, estás a ver! Tu vieste-me ver e essas falsas souberam que eu estava doente e nunca mais ninguém cá veio e eu fiquei assim e pensei. E ele disse: "Faz aquilo que tu achares." E eu achei que ele era um homem inteligente e realmente nunca mais me envolvi, mas sinto que tenho... Eu ainda agora, sei lá... As vezes estou no estrangeiro, vou a congressos e vejo uma igreja e adoro entrar, sentar-me e olhar. Eu e o meu pai... Nos momentos em que estou aflita sinto o meu pai ao pé de mim. O meu pai tinha imensa piada, dizia que todos nós tínhamos um anjo da guarda e as coisas acontecem...

Ele tinha uma série de manias, uma delas dizia respeito ao dia 4 de Outubro. Durante anos sucessivos aconteceram-lhe coisas aborrecidas: ardeu-lhe um automóvel, partiu um dedo, caiu de um eléctrico, roubaram-

lhe um carro. Tudo no dia 4 de Outubro. Eu cresci com esta coisa do 4 de Outubro. Então, eu não saía de casa nesse dia. Era uma coisa incrível. Lembro-me uma vez... Passei um bocado isso ao meu filho, mas, depois comecei a pensar que isto era um disparate e não podia ser, que tinha de reagir. A minha mãe dizia que isso era um disparate. A minha mãe era muito terra a terra. A mim nunca me aconteceu nada nesse dia, mas lembro-me que o meu pai, estivesse onde estivesse, à meia noite do dia 4 de Outubro telefonava-me para ver se estava tudo bem. As vezes quando íamos passar as férias lá em cima ao Norte, ficava lá até ao dia 5 de Outubro e ele passava o dia todo a ver onde é que eu estava. Eu andava pela quinta, mas não me afastava muito, por causa do dia 4 de Outubro, que era o dia azarado. O meu filho mais velho, que eu acho muito parecido com o meu pai, também tinha muito essas manias e depois eu comecei a desmistificar, porque acho que as pessoas ficam cheias de manias, e é preciso ter uma.... Eu tenho uma grande força de distinguir, adoro essas coisas, mas distingo. Sei lá, tudo o que seja cartomantes, astrólogos, eu sou atraída brutalmente, mas depois racionalizo. Fiz um curso de astrologia, porque gosto imenso dessas coisas e sei que tudo isso me foi transmitido pelo meu pai.

- *O seu pai também enveredou por essas áreas?*

- Não. O meu pai era Rosa Cruz. E lembro-me quando o meu pai estava mal e ele não sabia que tinha um cancro e a gente tentou dizer que era uma hepatite e ele disse-me: "Olha que eu não chego ao Outono, porque eu recebi uma mensagem de Rosa Cruz." E eu disse: "Ai que disparate! Rosa Cruz!" E , pronto, eu dava-lhe para trás. E, realmente, ele morreu em Agosto. Ele era Rosa Cruz e era muito atraído por todas estas coisas sobrenaturais.

- *A sua obra literária patenteia este facto, por exemplo, o romance **O Caminho Para Lá** (1947); o conto "um recado para o céu", in **Histórias***

Deste Mundo e do Outro (1961); "A estrada que não vai dar a parte nenhuma", in ***Histórias do Mês de Outubro*** (1967), entre outros.

- Eu lembro-me que ele tinha coisas... Por exemplo, uma vez um tio, que vivia no Brasil... O meu pai nasceu em Barqueiros, depois os meus avós foram para o Brasil e aí viveram uns anos. Foi lá que nasceu esse meu tio, que era mais novo que o meu pai e ele também lá esteve a viver e depois vieram. Essa permanência no Brasil ocorreu antes de [Domingos Monteiro] ter frequentado o Liceu em Lamego. Lembra-me ele contar que havia um tio, o tio Manuel, irmão do meu avô, que ele tinha conhecido lá no Brasil e um dia o meu pai acordou, de noite, com uma angústia só a pensar no tio Manuel e o tio Manuel tinha morrido. Ele tinha estas coisas. As pessoas diziam que ele era um exagerado, mas ele tinha um sexto sentido. Eu acho que tinha... Há pessoas que têm mais que outras. Ele talvez exacerbasse um bocado, pois era um homem inteligente e dava-lhe um aspecto muito giro.

Ele conseguia... Eu achava piada, porque sou filha... Mas ele era um mentiroso nato. A minha mãe tem uma história que eu acho que é de morrer, mas que é espectacular. O meu pai queria ir a um baile e eles tinham uma casa ali perto do Jardim Zoológico, eu tinha para aí um ano ou dois, e o meu pai chegou a casa e convenceu a minha mãe que havia um leão que tinha fugido do Jardim Zoológico, portanto era preciso fechar tudo. Não... telefonou-lhe a dizer que não podia vir a casa, porque tinha fugido o leão e ela que fechasse as portas e pusesse uma coisa na porta que ele só provavelmente no dia seguinte é que poderia vir, porque eles tinham dito para as pessoas naquela área não andarem na rua e, claro, o que ele queria era passar a noite na rua. E a minha mãe foi nessa história. Mas ele tinha coisas que eu acho muita graça, mas percebo como mulher é horrível. Por exemplo, o meu pai foi a um baile qualquer de Direito, mas convenceu a minha mãe que não ia. A minha mãe como gostava muito dele não foi. E depois houve uma amiga, uma colega dos dois que lhe disse: "Tu és uma parva, porque é que não foste ao baile?" E a

minha mãe disse-lhe: "Não fui porque o Domingos não foi." E a amiga respondeu-lhe que ele tinha ido e passado a noite toda a dançar, com uma 'fulana'. A minha mãe ficou 'passadíssima' e disse-lhe. E ele respondeu: "Ela não está boa da cabeça." Porque ele nisso era um espectáculo, nunca dava parte fraca. "Ela não está boa da cabeça, está a fazer confusão. É impossível, eu não fui lá. Mas ela falou comigo?" A minha mãe afirmou: "Não, porque estavas lá com 'não sei quem'." O meu pai retorquiu imediatamente: "Desculpa lá. Eu não fui lá. É impossível. Mas ela falou comigo?" E a minha mãe reafirmou o que havia dito anteriormente. O meu pai insistiu: "Mas isso não é verdade. Ela fez confusão. Sabes, havia muita gente e, com certeza, fez confusão. Tu queres ver? Eu vou telefonar-lhe e vamos ver quem tem razão." Então, ele pegou no telefone, fez a ligação, chamou a pessoa, falou e disse: "Olha, sabe, é uma maçada porque a Bita está aqui toda aborrecida, porque você lhe foi dizer que eu estive no bile, e eu não estive. Você está a fazer confusão. Nem sequer falou comigo. Veja lá! Tem a certeza que era eu? Pois claro, mas essas coisas não se dizem, porque se levantam problemas." Mas o pior não foi isto. A minha mãe estava ao lado e ele vira-se para a minha mãe e pergunta-lhe se ela quer falar e dizer alguma coisa. A minha mãe respondeu que não. É preciso ser realmente muito inteligente para perceber que uma mulher naquela situação não vai depois dizer nada. E ele disse: "A Bita não quer dizer nada. Obrigado." Passados dias, a minha mãe fala com ela e diz-lhe: "Estás a ver, tinhas-te enganado." E a amiga responde: "Tinha-me enganado?!". A minha mãe confirma: "O Domingos telefonou-te." A amiga atónita pergunta: "Telefonou?" Uma pessoa pragmática diria que ele era um aldrabão, mas o meu pai... ele era...

A minha mãe dizia que ele até nas defesas no tribunal falava com uma convicção que as pessoas ficavam completamente sideradas. Isto é para lhe dar uma ideia de como ele era. Ele era um espanto, realmente uma personalidade riquíssima. Não era nada austero, como por exemplo Miguel Torga. Era um homem complacente, tolerante, que gostava de ajudar os outros e que nunca fazia críticas morais. Era uma pessoa muito

cómoda para estar, mas era uma pessoa muito absorvente. Eu comparo-o muito com o meu filho, que também não gosta de andar sozinho. Quando vai a qualquer sítio, gosta sempre de ter um companhia. E o meu pai era exactamente assim. Tanto que eu penso que o meu pai se rodeava de tantas pessoas, porque assim... Mas ele precisava que tivessem disponibilidade para ele, para andarem com ele. Ele ia muitas vezes a Espanha. Gostava muito de ir caçar, mas nunca gostava de ir sozinho, gostava sempre de ir com alguém.

- *Este amor pela Espanha também está presente nas suas obras de prosa narrativa, como por exemplo nas **Histórias Castelhanas** (1955).*

- É verdade. Ele tinha uma grande admiração por autores como Unamuno e por toda a Literatura Espanhola.

E depois era detentor de uma cultura que... Ainda me lembro quando ele me ensinava o nome das árvores, das plantas, História de Portugal, Geografia.

Nós, lá em cima na quinta, aquilo era uma espécie de... [não inteligível na cassette audio]. Ainda me lembro quando ele levava para lá um... [não inteligível na cassette audio] muito célebre, que era o Fernando Abranches Ferrão, que era da Maçonaria. Ele era muito irreverente. Depois foi preso pela PIDE e pôs-se nu em Caxias. Toda a gente dizia que ele se punha nu, porque era quem era e ninguém lhe ia fazer mal. Era deste género... Ele era muito amigo e lembra-me... que me convidavam em Setembro e levava para lá 'montes' de pessoas e era giríssimo à noite. Eu lembro-me, desde miúda... Eu dizia versos, porque me habituei naqueles serões. Eu dizia versos, o meu pai dizia versos. Ele, uma vez, levou uma cantora de fados. A minha tia ficava arrepiadíssima com as pessoas que ele levava, mas realmente eram as pessoas. Ele não distinguia as classes sociais. Ele gostava das pessoas pelas pessoas. Não era nada elitista. Eu lembro-me de ele me dizer uma vez... Ele levava o meu filho mais velho... Os meus filhos fazem oito anos de diferença... Ora, ele mor-

reu há dezoito anos... E o meu filho mais velho era muito companheiro dele, ia à caça com ele, acompanhava-o à Gulbenkian, iam almoçar juntos. Era um grande amante da caça e deixou a espingarda ao meu filho. E ele dizia-me uma coisa que tinha muita piada: "Sabes que o teu filho..." Ele era pequeno, teria para ai 8, 9 anos e ele dizia-me: "Gosto imenso do teu filho, ele é óptimo, porque a gente vai à caça... Vamos a casa de [era a casa de um homem do povo lá no Alentejo onde almoçavam] e o teu filho está perfeitamente bem integrado, não põe assim uma cara, nem nada. Gosto imenso, porque é assim que se deve ser, não se deve estar cá só assim..." Eu achei piada, eu achava que ele estava cheio de razão e que as pessoas devem... [não inteligível na cassete audio] pelo valor que têm e não tem nada a ver com....

- *Se ele fosse elitista não teria defendido as pessoas que defendeu, como refere o próprio em "Exame de Consciência", in Livros Proibidos (1974): "(...) eu próprio, por imposição de consciência, me ofereci para defender graciosamente os presos políticos, tendo sido, senão o primeiro, um dos primeiros a iniciar essas defesas. Advogado (...) o meu escritório estava sempre aberto para as famílias dos presos políticos. (...) Posso assim afirmar, sem receio de desmentido, que defendi, durante os quatro primeiros anos algumas centenas de presos por delito político - mais dos que todos os advogados reunidos."*¹

- Por isso, é que eu acho que houve, depois, um certo volte face... E eu tenho pena. E foram, depois, influências... Havia aquele Orlando Vitorino, que era um homem muito reaccionário, era escritor, era um homem muito inteligente.

¹ Domingos Monteiro, "Exame de Consciência", in *Livros Proibidos*, 1ª edição, Sociedade de Expansão Cultural, 1974, pp. 13, 14.

Eu discutia imenso com ele e achava que ele influenciava negativamente e aproveitava-se do facto de terem criado aquela ideia de que o meu pai era um reaccionário, quando o meu pai não era. Nada!.....

- *Nos vinte e sete números do jornal Pátria que consultei, encontrei num deles o subtítulo riscado e substituído por 'semanário defensor dos interesses comunistas'...*

- Havia uma confusão, porque como o meu pai era citado pelo Cunhal, era muito ligado a...

....Porque em Portugal há muito a mania de se pôr rótulos às pessoas. Ele foi sempre independente. E foi essa independência que eu acho que foi realmente válida e que presidiu à vida dele.

- *Era conhecida a sua independência em termos literários, porque ele não se inseriu nem na "Presença", nem no "Neo-Realismo". É curioso que em termos pessoais também o fosse.*

Em A Paisagem Social portuguesa nota-se o seu carinho e interesse pelas classes mais desfavorecidas.

- Ainda agora, as empregadas que estão lá em cima na Quinta de Mesão Frio, já têm quase 70 anos... O meu pai não era o bonzinho... O meu tio Mário, que era médico, era "bonzinho", ficou solteiro, era realmente bom, mas, às vezes, irritava-me, porque eu achava que era um "bonzinho", que a mim não me dizia nada.

O meu pai, não! Tinha génio. Eu achava piada, porque aqui há uns anos as empregadas diziam: "Ai, o pai da menina tinha um sentido de justiça!" E era verdade. Ele tinha um sentido de justiça espectacular. Por exemplo, quando pagavam mal às empregadas ele dizia que tinham que ser aumentadas.

Era uma pessoa tão gira! Olhe! Pouco antes de morrer ele disse-

-me: "Vou fazer testamento." E aquilo fez-me confusão... Ele fez testamento porque estava casado com a Ana Maria. Ele tinha mesmo que deixar uma parte a ela, mas a parte disponível não queria deixar. De resto, ela foi impecável. Fez testamento a favor dos meus filhos. (...)

A minha tia, a irmã do meu pai, é uma mulher muito... é muito engraçada. Ainda é ela que dirige lá em cima a quinta, tem 96 anos. Imagine! Depois de o meu pai morrer, ela aconselhava-me a dizer à Ana Maria para fazer testamento. E eu respondi-lhe que nem pensar numa coisa dessas. E passados uns anos a Ana Maria veio ter comigo e disse que queria fazer testamento e eu disse-lhe para o fazer se quisesse. E fê-lo. É, efectivamente, uma mulher muito recta... (...)

O que é curioso que o meu pai nem sequer vivia com ela. Tinham uma casa onde se encontravam às vezes. Era a casa deles. Ele vivia em casa com o meu tio. Eu penso que ele casou porque ela, a família, insistiu um bocado. Aquilo naquela época era um bocado absurdo e ele lá casou com ela, pronto... Ela nunca disse a ninguém, ninguém sabia...

As outras companheiras não suspeitavam. Algumas andavam com ele há trinta ou quarenta anos e sentiram-se completamente roubadas. Já viu o que é aparecer a outra muito mais nova e, no fundo, casa com ele, quando esse era o sonho delas?! Eu percebo a posição delas, mas eu é que não tinha nada a ver com isso. Eu estava completamente independente. Mas houve uma que me deixou de falar. (...)

Ele era uma pessoa sui generis.

- Alusão ao percurso político de Domingos Monteiro. Inicialmente, era uma pessoa muito aguerrida e empenhada, defendia muito os valores das classes mais desfavorecidas e talvez, com o tempo, se tenha acomodado um pouco.

- Mas isso não está bem visto. Foi a irritação do meu pai. Ele ficou contente com o 25 de Abril e gostou, mas como se viu apontado no artigo

de João Abel Manta, publicado no *Diário de Lisboa* em Julho de 1974, pelo facto de ter recebido o prémio Diário de Notícias.

Eu, por acaso, lembro-me que quando o meu pai recebeu o prémio telefonou-me para eu ir assistir e eu disse-lhe: "Não, não vou!" E ele disse: "Mas não vais porquê?" Eu respondi: "Não vou, porque não vou a um sítio onde esteja o Américo Tomaz. Desculpa, isso é um prémio político." E ele disse: "Mas a mim não me foi dado por ser político, mas sim por mérito literário." Eu respondi-lhe: "Está bem, pronto!" Então perguntou-me: "Achas que eu não devia receber?" E eu disse: "Não, não acho isso. Acho que deves receber. Mas eu... peço desculpa. Vou às tuas coisas todas, mas não vou aí."

- E o senhor João Abel Manta indignou-se?

Pois, portanto... Eu acho que um escritor tem que ser um bocado apolítico. Claro que era um prémio, de um certo modo, conotado com a ditadura e o meu pai talvez não devesse... Mas o meu pai era um bocadinho vaidoso e ele gostava... e achava que aquilo lhe era devido. Ele achava que, independentemente... Foi nesse aspecto, percebe?

Mas, o que eu achei de mau gosto é que havia tanta gente a quem dizer tanta coisa. O meu pai tinha defendido tantas pessoas, que eu achei tudo aquilo de um mau gosto. Escolheram o meu pai, quando havia tanta gente com tantos telhados de vidro. Por que é que foram logo escolher o meu pai? Aquilo devia ser alguma embirração pessoal e aproveitaram essa coisa.

Eu disse ao meu pai para não responder, deixar cair, que seria esquecido. Mas ele escreveu logo um artigo no *Diário de Lisboa*, em Julho de 1974, ainda mais agressivo contra ele. E o outro também... E foi chato, foi muito chato... Mas depois passou e posteriormente houve aquela reacção do meu pai. Ulteriormente, então, começou a irritar-se com todas as pessoas que não sei quê... percebe? Aquilo não tinha nada a ver com o que estava dentro dele, nada a ver com a sua maneira de ser.

O meu pai foi sempre um homem profundamente modesto, viveu sempre uma vida... pronto! Ele gastava dinheiro. Diziam que ele era um grande gastador. Coitado, ele ganhava a vida. E depois gostava... Lembro-me tão bem... Nós quando estávamos... Eu vivi com ele desde os nove anos. Ele pediu à minha mãe depois de se separarem. A minha mãe depois casou-se e foi para o Porto. Eu vivi num colégio interno, que era óptimo, o St Julian's School, em Carcavelos, mas eu detestava. E o meu pai disse à minha mãe que não tinha sentido nenhum estar ali, quando ele estava em Lisboa e a minha mãe resolveu dizer que sim. Com 9 anos fui viver com o meu pai e o meu tio. Eu é que governava a casa. Os meus filhos gozam muito comigo, porque eu digo que quando tinha 9 anos... E eles dizem: "Já sei! Quando tinha 9 anos já governava a casa." Eu repreendo-os dizendo que eles são uns irresponsáveis com esta idade, e tal...

Eu cresci com o meu pai, está a ver? Era muito giro, porque o meu pai era um companheiro espectacular e, então... Mas o meu pai vivia com muitas dificuldades, porque depois deixou de advogar por volta dos 45 anos. Optou pela Literatura. Ele fez uma Sociedade, que era a Sociedade de Expansão Cultural. Ele publicava só escritores portugueses, pessoas de esquerda, como o Armindo Rodrigues, uma 'data' de pessoas que ele tentava promover, publicar, e tal...

- *Querida, exactamente, colocar-lhe uma questão sobre este ponto: existe ao longo das obras do seu pai uma grande preocupação pelas coisas que são portuguesas, tudo o que é nosso, identidade, o amor à pátria...*

- É verdade Tanto que essa coisa da *Pátria*, o título dado ao jornal fundado em 1976, era mesmo coisa dele. Ele era muito patriota.

- *O facto de ele ter criado a Sociedade de Expansão Cultural vai precisamente nessa linha, as preocupações com tudo o que é nosso...*

- Sim, para proteger e tal... E tinha uma coisa, que, por exemplo, caiu mal depois do 25 de Abril... Mas eu acho que as pessoas em Portugal, a maioria, são oportunistas e bailam conforme o vento. Eu acho que as pessoas têm que ser o que são.

O meu pai nunca foi comunista, era um republicano convicto e um liberal, portanto não podia também alinhar com as coisas muito de esquerda, porque não eram com ele. Ele lutava pelas coisas justas. E uma coisa que caiu mal foi... Não sei se alguma vez leu um livro que são as Cartas a Marcelo Caetano? Ele, quando o Marcelo Caetano foi para o governo... O meu pai era muito amigo dele e escreveu-lhe uma carta com esperança nele, quer dizer, achou que aquilo era uma grande ditadura, mas conhecendo-o ele como conhecia, esperava que ele desse abertura, que fizesse... e não sei quê... E as pessoas acharam que aquela carta era muito a apoiar. E era a apoiar no sentido, portanto... Tanto que, pouco tempo depois, disse que, afinal, o Marcelo o tinha desiludido. Mas, na altura, ele e muitos portugueses tinham esperança. na 'Primavera Marcelista'. Ele, de facto, liberalizou um bocado. Até porque a PIDE não podia com o Marcelo e ele não ficou lá porque o Exército e a PIDE não podiam com ele, senão... E quer que eu lhe diga?

Eu e o Marcelo... O Marcelo achava que eu era comunista e olhava para mim com um certo ar. Eu lembro-me, quando ele era Primeiro-Ministro nós fomos lá, eu e o meu marido, nós éramos alunos de Medicina e fomos lá a casa, porque ele era amigo dos meus pais e ele olhava para mim com um certo ar... Mas era um homem muito quadrado, muito inteligente, mas muito quadrado, porque ele, depois que o meu pai morreu, escreveu à minha mãe e disse que não me escrevia, porque tinha medo que eu achasse desagradável. E eu disse à minha mãe: "É mesmo preciso não ter sensibilidade para pensar que eu pensava isso." E quando foi o 25 de Abril ele disse à minha mãe que não ia dizer [ininteligível na casete audio]....

Eu não era do Partido Comunista, mas sempre fui de esquerda, também fui presa, quando foi aquelas coisas de 62 e pronto eu achava aquilo... Eu lembro-me que eu ia para o estrangeiro e a gente... Tudo era cortado, os filmes eram cortados... E aquilo fazia-me uma confusão horrível. Eu vivi quase quatro anos em Inglaterra, de 68 a 73 e eu adoro a Inglaterra. Para mim era um país... Eu assisti às eleições em Inglaterra, "andava maluca", perguntando às pessoas em quem é que votavam, o que era considerado uma pergunta muito malcriada, mas como eu era uma pessoa muito extrovertida eles respondiam todos. (...) Eu vinha de um país onde estas coisas não existiam. Eu achava que isto aqui em Portugal se vivia numa coisa horrível.

Lembro-me perfeitamente que às oito da manhã eu ia para uma consulta e uma amiga minha telefonou-me a dizer que tinha havido uma Revolução. E eu nunca pensei que houvesse nada disso. Ela disse que era uma revolução de esquerda e eu nem conseguia acreditar (...) Lá fui eu para a consulta, não houve consulta nenhuma, ninguém me apareceu lá. Mas cruzei-me com as coisas. Perguntavam-me quem eu era e eu dizia que era médica e deixavam-me passar. Gostei imenso... Eu sou considerada um bocado inconsciente e fiquei toda contente. O meu pai também ficou todo contente e, depois, houve logo aquilo a seguir e eu fiquei um bocado...

- Aliás, nos editoriais da Pátria, nota-se uma certa amargura do seu pai, um certo desencanto, relativamente ao 25 de Abril...

- Depois começou a defender muito, nessa altura, no jornal *Pátria*, o colonialismo. Mas ele tinha razão numa coisa: a descolonização foi mal feita, mas as pessoas nessa altura...

Eu acho que o meu pai era uma pessoa íntegra e tinha as suas ideias e, portanto, não cedia. Eu acho que isso é uma qualidade.

Ele foi preso ainda eu não tinha nascido (anos 30 e 40).

- *David Mourão-Ferreira refere que, precisamente na década de 40, o seu pai interrompeu a sua actividade política, já estava cansado do desgaste de defender pessoas. Na década de 30, foi muito empenhado, mas depois pôs um ponto final.*

- Ele participou em todas aquelas revistas do António Sérgio, naquelas coisas todas, porque realmente toda a família era, de facto, liberal.

Ele teve uma coisa muito gira comigo. Quando estava para morrer chamou-me e disse-me: "Olha, eu quero fazer-te uma pergunta e quero que me respondas honestamente. Eu vou deixar-te tudo a ti, mas quero ter a certeza que não vais dar tudo aos trabalhadores." Porque os meus avós tinham lá tido uns caseiros que os roubaram imenso e quando morreram aquilo estava hipotecado, não só ao Montepio, como também a um particular e o meu pai, o meu tio e a minha tia, justiça seja feita aos três, estiveram, durante anos, a pagar as dívidas para aquilo ficar livre. Gostavam muito daquela terra, um bocado estupidamente, porque só lá iam de vez em quando (laços afectivos). Fizeram um sacrifício muito grande e, então, o meu pai achava que, realmente, deixar-me aquilo para depois eu herdar... E eu disse-lhe: "Não, fica descansado que eu sou capaz de subir os ordenados, mas dar não dou, porque eu também gosto muito daquilo." E ele disse: "Pronto, eu só queria saber isso, porque senão deixo aos teus filhos." E eu disse: "Não, podes deixar a mim, podes ter a certeza..." Mas, eu achei graça.... porque nós éramos muito, acreditávamos muito...

A mulher dele, Ana Maria Monteiro, disse-me que ele, várias vezes, me telefonava para ir almoçar com ele sozinho, sem o meu marido, porque precisava de falar comigo. Mas ele nunca dizia nada de especial, falávamos de muita coisa e tal.... E isto acontecia várias vezes. Segundo a mulher me disse depois, era ele que tentava dizer-me e não era capaz. Eu não percebo porquê. E lembra-me quando ele estava no Hospital de Sta. Maria havia um padre (...) que ia casá-los e eu sem saber de nada mandei-o sair, porque ele já lá estava há imenso tempo. Mas podiam ter dito, porque eu não adivinhava. (...)

Houve sempre uma relação muito aberta entre nós e ele dizia que a pessoa de quem mais gostava no mundo era de mim. E eu acho que era. A minha mãe dizia que ele passava muito tempo sem dizer nada, mas era a maneira de ser dele. Nós tínhamos uma ligação tremenda. Admirava-o muito. Nunca conheci alguém que tivesse um pai assim.

- Desejava colocar-lhe outras questões: Já me disse que o seu pai criou a editora, mas não houve assim uma razão...?

Foi também para sobrevivência. Ele queria publicar os livros dele e escolheu aquela forma de vida. Tanto que ele começou... quando ele criou a editora, a primeira publicação que fez foi a *História da Civilização*, em fascículos, porque aquilo dava todos os meses as assinaturas. Eu lembro-me de a gente estar em casa e era uma animação a receber as assinaturas que iam lá para casa. E os talões que ele ia receber do Correio: quando chegavam muitos, quando chegavam poucos. Ele vivia muito aquilo. Eu acompanhei muito. Havia alturas em que o meu pai recebia dinheiro por fazer um livro e, então dizia: "Esta noite vamos jantar à Smarta." Isto para explicar porque é que ele gastava. Eu tinha para aí dez, onze anos e ia com ele à Smarta e estava lá a Natália Correia e essa gente toda e eu achava imensa piada ir com ele e estar ali. A minha mãe dizia: "Ai que disparate ir com a miúda daquela idade para a Smarta, para aqueles ambientes, e tal." Mas eu achava aquilo um ambiente normalíssimo, achava as pessoas simpáticas, nunca me fizeram mal nenhum, nunca me senti sequer moralmente em perigo. Há outras coisas piores agora...

- Para além da sobrevivência existiria outro objectivo a presidir à criação da Sociedade, por exemplo um projecto?

- Ele queria divulgar. Ele achava que os livros portugueses eram maltratados e, portanto, uma das coisas que ele queria era divulgar a Literatura Portuguesa. Portanto, juntava as duas coisas.

- *O desejo de ele publicar as suas obras não poderia estar ligado, um pouco como Torga, ao gosto pela sua independência?*

- Eu penso que sim. Mas, ele publicou muitas coisas, principalmente as primeiras, na Editorial Inquérito, que era do Salgueiro, um grande amigo dele, que é pai de um grande amigo meu. Mas depois, quando a Inquérito estava mais em baixo, ele resolveu fazer uma coisa mesmo dele, porque achava que havia muita exploração dos escritores.

- *Realmente, parece que há mesmo um projecto, porque Domingos Monteiro cria a Sociedade de Expansão Cultural, funda o jornal Pátria, a sua obra está imbuída deste amor pela pátria. Parece que há, assim, um certo envolvimento...*

- Ele tinha um amor pela pátria que era um espanto. Tanto que, às vezes, a discussão que eu tinha com ele em relação ao colonialismo era porque ele achava que aquilo era tanto português como africano. Ele achava que os africanos deviam ter as mesmas oportunidades, ele achava que aquilo não devia ser abandonado pelos Portugueses, mas achava mesmo. Ele achava que nós tínhamos dado muito, que nós não éramos nada como os holandeses, os espanhóis. Segundo ele, nós somos diferentes. Nós cruzarmo-nos com eles, não fazemos racismo. O que era discutível!

- *Isso está patente nos editoriais de Pátria.*

- Ele tinha muito esse amor pela Pátria, isso tinha. E, o que eu acho 'estúpido', é que no 25 de Abril, que eu acho que foi óptimo, havia

muito a ideia de que ser patriota era ser reaccionário, quando não é nada, por amor de Deus, pelo contrário. A pessoa tem que ter um bocado de orgulho. Eu sou um bocado menos patriota do que o meu pai. Eu se pudessem viver no estrangeiro vivia. Eu explico-lhe porquê. Eu acho que há valores, há tudo, mas as pessoas transformaram-se... Estes homens de sucesso que o Cavaco criou são uns pé-rapados que ganharam dinheiro a gente não sabe como e que não têm princípios. Os valores desapareceram. Acho que há uma grande confusão sobre os valores, os princípios. Não sou nada antiquada, sou o mais aberta possível, mas, às vezes, faz-me confusão. Eu gosto de viver cá, mas quando eu estive em Inglaterra... Se não fosse o meu marido eu tinha ficado lá. (...)

O meu pai era, de facto, um nacionalista nato.

- *Esse interesse pelas coisas nacionais estará ligado ao facto de o seu pai ter entrada para a Gulbenkian e ter sido o responsável pelas Bibliotecas, a partir dos finais da década de 50.*

- O meu pai adorou aquilo. Eu lembro-me tão bem quando ele foi a Mesão Frio pôr aquilo de pé... Ao princípio, ele ia muito... Ele dizia que realmente aquela era a possibilidade de dar ao povo que não tinha dinheiro para comprar os livros a possibilidade de ler e de...

- *Isso vai de encontro precisamente a esta tendência de fazer algo pelo Povo.*

- Há uma história muito engraçada, num sítio qualquer, acho que no Alentejo, em que iam lá levar os livros e um senhor dizia: "Quanto custa?" E diziam: "Não custa nada." O senhor ficou surpreendido. Diziam-lhe para ele ler os livros e devolvê-los dentro de três semanas. Passadas três semanas ele foi lá levar os livros e buscar outros e disse: "Quanto custa?" Então explicaram-lhe: "Sabe isto é uma Fundação. Foi um senhor que era o dono dos petróleos no Iraque e que veio viver para Portugal,

gostou muito de Portugal e, então, fez esta Fundação. Uma parte dá livros, empresta os livros, precisamente para aumentar a cultura e dar possibilidades às pessoas que não têm dinheiro para comprar." E o homem disse: "Ah! Já estou a perceber. É dos petróleos? Então, está bem! Só o dinheiro que eu gasto num candeeiro de petróleo para ler os livros já compensa." Ele tinha que encontrar qualquer ligação para perceber porque é que era de boria. Eu acho isto o máximo e mostra que as pessoas não estão habituadas a receber nada.

Eu recordo-me do entusiasmo do meu pai pelas Bibliotecas. Ele vinha para casa entusiasmadíssimo, e dizia-me: "O gosto que aquelas crianças têm e as pessoas mais velhas que não têm possibilidade e vêm procurar, vêm pedir conselho e liam Camilo."

- O Boletim Cultural que lhe é dedicado prova esse reconhecimento da Gulbenkian pelo trabalho por si desenvolvido.

- Ele adorava o trabalho das Bibliotecas. Era uma espécie de filho dele. Ele entrou para a Gulbenkian precisamente para organizar as Bibliotecas Itinerantes, na década de 50.

*- Gostaria muito de lhe colocar uma questão sobre a ligação do seu pai com Teixeira de Pascoaes. A primeira obra do seu pai - **Oração do Crepúsculo** (1920) foi prefaciada por este.*

- O meu pai tinha uma grande admiração pelo Teixeira de Pascoaes, um homem ligado às coisas nacionais e que era lá do Norte. Ele conhecia alguém que conhecia o Teixeira de Pascoaes e foram apresentados. Ele já conhecia a obra dele. Era ainda muito novo, tinha catorze, quinze anos. Depois, levaram-no e apresentaram-no ao Teixeira de Pascoaes e ele começou a dar-se com ele. Fazia os versos e mostrava-lhos. O Teixeira de Pascoaes ofereceu-se para lhe prefaciar o primeiro livro.

Houve uma influência profunda de Teixeira de Pascoaes no meu pai, especialmente, ao nível dos temas e amor pelas coisas nacionais.

- *E terão trocado correspondência?*

- Eu penso que sim, mas eu, pelo menos, não tenho nada dessas coisas.

- *E uma ligação entre o seu pai e José Rodrigues Miguéis?*

- Eram amigos de adolescência e, mais tarde, partilharam o escritório de advocacia.

É curioso que o meu pai, o José Rodrigues Miguéis e o Marcelo Caetano morreram no espaço de um mês, do mesmo ano

O José Rodrigues Miguéis... Eu conheci as duas mulheres dele. Era um homem a quem eu achava piada, porque... Ele foi casado com uma polaca, que trabalhou com o Jung, e que era muito amiga da minha mãe. Fugiu na altura da Guerra e veio para cá e casaram e eram muito giros. Depois separaram-se e ela foi-se embora. A minha mãe deu-se com ela... Ainda fui a casa dela em França, em Provence (??) ou Trovain (??). Ela tinha um filho. Ah! Porque nunca conseguiu ter um filho do Miguéis. Depois teve um filho de um belga que era casado e ninguém sabia. O filho chamava-se Michel e já era formado em Medicina quando lá fui. Essa mulher era um espanto. Era uma discípula de Jung e os meus pais davam-se muito bem com ela.

Mas, depois, eles separaram-se e ele casou com uma americana e depois adoptaram uma criança chinesa, que, eu lembro-me bem, veio cá a Portugal com eles. O meu pai até tem algumas fotografias com ele... Eles tinham fotografias lá em cima na quinta. Quando o meu tio, casado com essa minha tia de 96 anos, que era militar e na altura da Guerra fugiu, emigrou para França e eles têm umas fotografias: o meu pai, a minha mãe, o José Rodrigues Miguéis e tudo lá em França, para aí nos anos 20

(...) Eles deram-se imenso e, depois, só deixaram de se dar quando ele foi para os Estados Unidos. Mas, de vez em quando, escreviam-se e ele era muito amigo. Eles tinham uma grande ligação e partilhavam alguns ideais.

- *José Rodrigues Miguéis talvez fosse mais de esquerda e o seu pai mais independente...*

- Exacto. Eles concordavam muito.

- *Quais os autores que mais terão influenciado o seu pai?*

- Dostoiewsky era dos autores que ele mais admirava, Thomas Mann. Ele fez a tradução do *Cisne Negro*. Gostava muito também de Gorky. Depois, gostava muito do Jack London, Mark Twain (*Tom Sawyer*), publicados pela Editorial Inquérito. Ele fazia as traduções para lá.

Ele adorava toda a Literatura Espanhola. Unamuno, António Machado, Joceline [não inteligível na cassete audio] Machado, Garcia Lorca. Em Portugal, gostava muito de Fernando Pessoa, Teixeira de Pascoaes, de Camilo, gostava imenso dele. Nós tínhamos os livros todos. Apreciava bastante Antero de Quental também. (...) [Referência a uma irmã de Domingos Monteiro, de 96 anos, D. Lídia Pina de Moraes, que tem muitas recordações sobre Domingos Monteiro, com quem nos encontraremos brevemente].

- *Atentemos, agora, na dimensão política do seu pai... É curioso... Ele foi um homem empenhado, mas esse facto não aparece nas obras literárias. Não surgem personagens envolvidos politicamente, activistas...*

- Pois não. Ele separava muito. Tanto que na parte profissional ele defendia os condenados e tal e sempre foi o mais contra a PIDE possível e tudo isso, mas ele achava que a Arte não devia ser instrumentalizada. Tanto que ele achava horrível a perseguição que tinha sido feita a Dostoi-

ewsky e ao Tolstoi e isso tudo... Depois do Comunismo... Ele criticava com imensa frequência.

O meu pai afirmava que os escritores ligados à política eram artistas de encomenda, que eram mandados fazer coisas. E ele achava que isso era...

O meu pai considerava que devia fazer as suas obras independentemente da política. Era a posição dele.

- Gostaria de saber a razão que o levou a não regressar à Poesia. Ele teve apenas três incursões nos domínio do texto poético. Ele produziu muito mais obras narrativas do que líricas.

- Eu tenho alguns versos inéditos dele. Mas não há assim nenhuma razão. Ele gostava muito de ser contista. Era aquilo que mais gostava. Ele, de resto, tem um livro inédito, que eu tenho, não sei onde...

- Esse inédito intitula-se A Vida Amorosa e Aventurosa de João Aparício (Cf. Boletim Cultural, p. 48).

- Essa obra é um bocado uma autobiografia. Eu tenho que ver se o encontro. Eu lembro-me que quando ele morreu eu fiquei com isso e aquela escritora, a Patrícia Joyce... Emprestei-lhe e fiquei com a impressão que ela mo tornou a dar, mas eu não lhe prometo já, mas daqui a dois meses já posso ver isso (...)

- Não haverá outros inéditos?

- Há uns trechos, umas coisas...

- Não terá algum tipo de documentação, cartas do seu pai, que ajudem em termos literários?

- Isso está tudo lá em baixo, mas posso-lhe arranjar.

- *Regressando, agora, ao gosto pelo transcendente, pelo sobrenatural, revelados pelos títulos das narrativas do seu pai e confirmados nas páginas dessas obras?*

- Eu acho que isso foi desenvolvido com a tal "Dindinha", porque ela contava, assim, umas histórias fantásticas e o meu pai gostava imenso. O meu pai tinha uma imaginação prodigiosa e foi sempre... Por outro lado, a minha avó também era dada muito às coisas místicas e era muito supersticiosa, muito... E isso influenciou 'brutalmente' o meu pai. Eu tenho 'montes' de superstições que tenho tentado lutar, mas que me foram trazidas de lá. Eu lembro-me que nós tínhamos lá jantares em que estava muita gente e quando estavam 13 pessoas... Ainda agora eu mantenho isso. As vezes, quando estávamos 13, eu lembro-me que a minha avó passava o tempo a levantar-se e havia logo outra pessoa a levantar-se. Quando ela estava eram 14, quando ela se levantava ficavam 13. Isto era uma coisa... Eu lembro-me de o meu pai contar histórias. Isso é que é bom ir à minha tia para contar essas histórias. O meu pai, por exemplo, estava lá na quinta e depois ia lá acima e depois demorava-se um bocado e dizíamos-lhe: "Então, o que é que foi?" E ele respondia: "Estive a falar com a Dindinha". Nós, surpresos, questionámos: "O quê?, estiveste a falar com a Dindinha? Estás maluco Ela morreu há 10 anos!" E o meu pai afirmou: "Eu esqueci-me que ela tinha morrido, eu cheguei lá e ela estava lá sentada e estivemos a falar um bocado."

Ele via mesmo, percebe? Ele era muito dado a estas coisas. O gosto pelo transcendente

- *Esse gosto está já patenteado no excerto da carta, datada de 1927, que lemos no início deste encontro.*

- Sempre, sempre assim... E quando estava a morrer as últimas palavras que ele disse, pronto... Ele até ao fim esteve lúcido e estava a ler um livro policial péssimo. E estava cheio de metástases.

Eu estava ao pé dele, passei lá as noites e estava ali a falar com ele e ele a olhar para mim e disse-me: "Olha, eu não tenho medo de morrer, está descansada, porque eu não tenho medo de morrer, eu tenho é muita pena de morrer."

Saiu um artigo muito giro na *Capital* sobre a morte dele e eu vou-lho procurar.

Ele pediu para pôr na campa dele: "Aqui jaz um homem que tentou ser justo." E ele tentou ser justo, sempre. A mim indigna-me a injustiça e isso foi-me transmitido por ele. Os valores foram-me muito transmitidos por ele e isso não tem nada a ver com essa conversa de ele ter tido muitas mulheres. Há coisas superiores a isso.

Ele era uma pessoa tão sensível, que tentava não magoar as pessoas. Eu penso, muitas vezes, que ele não me disse que tinha casado com medo que eu fosse dizer a alguma das outras companheiras. Como eu era bastante amiga de algumas. Creio que foi mais esse receio.

- *Revisão de assuntos abordados anteriormente. Em **Livros Proibidos** (1974), num texto intitulado "Exame de Consciência", Domingos Monteiro revela-nos muitos dados da sua vida e intervenção política. Até a referência à "Dindinha" aí aparece.*

- Ela era dama de companhia da minha avó e foi uma das pessoas que mais o influenciou.

- *O que é que haverá de autobiográfico em alguma da obra de ficção do seu pai ou ele também tentou separar?*

- Não, não. A sua obra ficcional tem muito de autobiográfico. Ele mete-se em todos os livros, envolve-se. Esse carácter autobiográfico é assumido.

- Será que tem conhecimento de alguns factos verídicos com que o seu pai tenha tomado contacto e que estejam patentes na obra literária?

- Eram tudo histórias que se passavam com ele. Muitas eram, por exemplo, "A mais linda mulher de Espanha", in *Histórias Castelhanas* (1955) é uma mulher de Espanha...

Ele contava... Às vezes, eu lembro-me de a minha tia Lídia, que é uma mulher muito pragmática, dizer: "O teu pai tinha uma imaginação. Ele inventa aquelas coisas e depois diz que as viveu." Mas eu acho que havia uma mistura entre realidade e ficção. Por exemplo, aquela história que é a "Ressurreição", in *Contos do Dia e da Noite* (1952) aquele Jesus Cristo que volta à Terra, o meu pai afirmava que havia conhecido mesmo aquela pessoa, aquela personagem, que ele achou que era o Jesus Cristo.

Havia sempre uma coisa que despoletava a sua produção literária. Ele ia escrever para um café em Algés e imaginava as histórias. Ele andava para aí dois meses ou três a imaginar e depois escrevia os livros aí numa semana. Assim, 'de uma penada'...

Eu lembro-me que tenho uma prima, que já morreu, que era a Graça Pina de Moraes que escrevia e riscava, escrevia e riscava e o meu pai dizia-lhe: "Ai, meu Deus! Que maneira de escrever! Eu não escrevo nada assim." E era verdade, porque ele fazia aquilo tudo...

Ele dizia: "Eu vivo as histórias antes de as escrever. Primeiro penso-as, burilo-as. Depois sento-me e escrevo." Demorava cerca de duas semanas a escrever.

Lisboa, 14 de Julho de 1998

Bibliografia

1. BIBLIOGRAFIA ACTIVA

Orações do Crepúsculo (poesia), 1ª edição, Edição do Autor, Lisboa, 1920;

Nau Errante (poesia), 1ª edição, Edição do Autor, Lisboa, 1921;

Bases da Organização Política dos Regimes Democráticos, 1ª edição, Edição do Autor, Lisboa, 1931;

A Crise de Idealismo na Arte e na Vida Social, 1ª edição, Edição da «Renovação Democrática», Lisboa, 1933;

Enfermaria, Prisão e Casa Mortuária (contos), 1ª edição, Editorial Gleba, Lisboa, 1943;

Paisagem Social Portuguesa, 1ª edição, Editora Educação Nacional, L.da., Porto, 1944;

O Mal e o Bem e outras novelas, 1ª edição, Editorial Ibérica, Porto, 1945;

O Caminho Para Lá (romance), 1ª edição, Editorial Ibérica, Porto, 1947;

O Livro de Todos os Tempos – História da Civilização (três volumes), 1ª edição, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1951;

Contos do Dia e da Noite, 1ª edição, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1952;

Evasão (poesia), 1ª edição, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1953;

Histórias castelhanas, 1ª edição, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1955;

O Homem Contemporâneo (Subsídios para a sua História), 1ª edição, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1957;

O Sortilégio do Natal (conto), 1ª edição, Editorial Estúdios Cor, Lisboa, 1958;

Traição Inverosímil (teatro), 1ª edição, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1958;

Histórias Deste Mundo e do Outro, 2ª edição, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1961;

O Dia Marcado (contos), 1ª edição, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1963;

Contos do Natal, 1ª edição, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1964;

O Primeiro Crime de Simão Bolandas (novela), 1ª edição, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1965;

Histórias das Horas Vagas, 1ª edição, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1967;

Histórias do Mês de Outubro, 1ª edição, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1967;

A Vinha da Maldição e outras histórias quase verdadeiras, 1ª edição, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1969;

O Vento e os Caminhos (contos), 1ª edição, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1970;

O Destino e a Aventura (contos), 1ª edição, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1971;

Letícia e o Lobo Júpiter (contos), 1ª edição, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1972;

Livros Proibidos, 1ª edição, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1974;

Artigos e editoriais vários no jornal *Pátria*, que fundou e dirigiu, Lisboa, 1976;

Sonetos, 1ª edição, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1978;

O Sobreiro dos Enforcados e Outras Narrativas Extraordinárias, 1ª edição, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1978.

2. BIBLIOGRAFIA PASSIVA

ABELAIRA, Augusto, "A Traição Inverosímil", in *Diário Popular*, "Quinta-feira à tarde", Lisboa, 22 de Janeiro de 1959, pp. 6, 7, 9;

AGRA, Manuel e CASTRIM, Mário, "Teleliteratura?", in *Diário de Lisboa* – Suplemento Literário, Lisboa, 30 de Maio de 1968, p. 4 ;

ANDRADE, João Pedro de, "O Vento e os Caminhos", in *Revista Colóquio* – Letras, n.º 4, Lisboa, Dezembro de 1971, p. 90;

Boletim Cultural, Fundação Calouste Gulbenkian, VIII série, N.º 3, Lisboa, Setembro de 1996;

BRASIL, Jaime, "Histórias Castelhanas", in *O Primeiro de Janeiro* - "Das Artes, das Letras", Porto, 18 de Maio de 1955;

BRASIL, Jaime, "O Caminho Para Lá", in *O Primeiro de Janeiro* - "Das Artes, das Letras", Porto, 4 de Fevereiro de 1948;

BRASIL, Jaime, "O Homem Contemporâneo", in *O Primeiro de Janeiro* - "Das Artes, das Letras", Porto, 4 de Julho de 1956;

BRASIL, Jaime, "O Mal e o Bem", in *O Primeiro de Janeiro* - "Das Artes, das Letras", Porto, 4 de Julho de 1945;

CIDADE, Hernâni, "O Destino e a Aventura", in *Revista Colóquio* – Letras, n.º 9, Lisboa, Setembro de 1972, pp. 83, 84;

Diário de Lisboa (carta de Domingos Monteiro e resposta de João Abel Manta), Lisboa, 5 de Julho de 1974, p. 9;

Diário de Lisboa (página com desenho satírico, de intenção política), Lisboa, 6 de Julho de 1974, p. 3;

“Ecos” [notícia biográfica], in *Livros de Portugal*, n.º 90, Lisboa, Junho 1966, p. 2. Não assinada;

FERREIRA, Armando Ventura, “Enfermaria, Prisão e Casa Mortuária”, in *Seara Nova*, n.º 843, Lisboa, 9 de Outubro de 1943, pp. 111, 112;

FERREIRA, Armando Ventura, “O Mal e o Bem e Outras Novelas”, in *Seara Nova*, n.º 967, 23 de Fevereiro de 1946, Lisboa, pp. 120-122;

GONDOMAR, A., “O Caminho Para Lá”, in *Brotéria*, Vol. 48, fasc. 5, Lisboa, Maio de 1949, pp.640, 641;

MARTINEZ, Maria Teresa Leal de, “Letícia e o Lobo Júpiter”, in *Revista Colóquio – Letras*, n.º 14, Lisboa, Julho de 1973, pp. 86, 87;

MOURÃO – FERREIRA, David, “Domingos Monteiro: na publicação de «Histórias castelhanas»”, in *Motim Literário: ensaio, crítica, polémica*, Editorial Verbo, Lisboa, 1962, pp. 103-106;

MOURÃO – FERREIRA, David, *Tópicos de Crítica e de História Literária*, União Gráfica, Lisboa, 1969;

NASCIMENTO, Manuel do, “Encontro com Domingos Monteiro”, in *O Primeiro de Janeiro – “Das Artes, das Letras”*, Porto, 7 de Abril de 1954;

NOGUEIRA, Albano, “O Sobreiro dos Enforcados e outras narrativas extraordinárias”, in *Revista Colóquio – Letras*, n.º 57, Lisboa, Setembro de 1980, pp. 86-88;

NOGUEIRA, Franco, "Crítica literária: «Contos do Dia e da Noite»", in *A Semana*, n.º 70, Lisboa, 12 de Julho de 1952, pp. 189-195;

PAOLINI, Claire, *The Narrative Art of Domingos Monteiro*, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1979, pp. 5-16;

QUADROS, António, "Na Fronteira do Visível: «Histórias deste Mundo e do outro»", in *Crítica e Verdade: Introdução à Actual Literatura Portuguesa*, Clássica, Lisboa, 1964, pp. 181-186;

QUADROS, António, "Os Contos de Domingos Monteiro", in *A Existência Literária*, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1959, pp. 161-164;

QUINTINHA, Julião, "«Enfermaria, Prisão e Casa Mortuária», de Domingos Monteiro", in *Diário do Alentejo*, Beja, 22 de Dezembro de 1943, p. 1;

QUINTINHA, Julião, "«O Mal e o Bem», de Domingos Monteiro", in *Diário do Alentejo*, Beja, 5 de Setembro de 1945, p. 1;

RIBEIRO, Álvaro, "Psicologia e ética na obra de Domingos Monteiro", in *Escritores Doutrinados*, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1965, pp. 113- 239;

Separata Bibliográfica (dedicada a Domingos Monteiro) do Serviço de Bibliotecas da Fundação Calouste Gulbenkian, n.º 1, Lisboa, 1980, pp. 1-8;

SIMÕES, João Gaspar, "Domingos Monteiro [opiniões críticas]: «Enfermaria, Prisão e Casa Mortuária»; «Contos do Dia e da Noite»; «Histórias Deste Mundo e do Outro»; «Dia Marcado»; «O Primeiro Crime de Simão Bolandas»; «A Vinha da Maldição e outras histórias quase verdadeiras»;

«O Vento e os Caminhos»; «O Destino e a Aventura»; «Letícia e o Lobo Júpiter», in *Crítica IV – contistas, novelistas e outros prosadores contemporâneos: 1942-1979*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1981, pp. 37-80;

SIMÕES, João Gaspar, “Evasão”, in *Diário Popular*, Lisboa, 1 de Julho de 1953, pp. 5, 14;

SIMÕES, João Gaspar, “O Mal e o Bem”, in *Diário de Lisboa*, Suplemento Literário, Lisboa, 8 de Agosto de 1945, p. 5;

TRIGUEIROS, Luís Forjaz, “Vitalidade interior e contorno concreto”, in *Novas Perspectivas*, União Gráfica, Lisboa, 1969, pp. 122- 129.

3. BIBLIOGRAFIA GENÉRICA

3.1. OBRAS DE CARÁCTER TEÓRICO

BONHEIM, H., *The Narrative Modes. Techniques of the Short Story*, D. S. Brewer, Cambridge, 1982;

DIAS, Jorge, *Os Elementos Fundamentais da Cultura Portuguesa*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1985;

FURTADO, Filipe, *A Construção do Fantástico na Narrativa*, Livros Horizonte, Lda., Lisboa, 1980;

GENETTE, Gerard, *Figures III*, Éditions du Seuil, Paris, 1972;

GENETTE, Gerard, *Palimpsestes. La littérature au second degré*, Paris, Seuil, 1982;

LAUSBERG, Heinrich, *Elementos de Retórica Literária*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1982;

LIMA, Sílvio, *Ensaio sobre a Essência do Ensaio*, 2ª edição, Arménio Amado, Editor, Suc. – Coimbra, 1964;

LOPES, Silvina Rodrigues, *A Legitimação em Literatura*, Edições Cosmos, Lisboa, 1994;

MATTOSO, José, *A Identidade Nacional*, Colecção Fundação Mário Soares, Edição Gradiva, Lisboa, Maio 1998;

MOISÉS, Massaud, *A Criação Literária (Introdução à Problemática Literária)*, Ed. Melhoramentos, S. Paulo, 1968;

PROPP, Vladimir, *Morfologia do Conto*, Vega Universidade, Lisboa, 1983;

REIS, Carlos, *O Discurso Ideológico do Neo-Realismo Português*, 1ª edição, Coimbra, Livraria Almedina, 1983;

ROCHA, Clara, *Máscaras de Narciso – Estudos sobre a Literatura Autobiográfica em Portugal*, Almedina, Coimbra, 1992;

SANTOS, Boaventura de Sousa, *Pela Mão de Alice. O Social e o Político na Pós-Modernidade*, Edições Afrontamento, Porto, 1994;

SHAW, Valerie, *The Short Story - A Critical Introduction*, Longman, England, 1995;

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e, *Teoria da Literatura*, 8ª edição, Livraria Almedina, Coimbra, 1988;

3.2. DICIONÁRIOS, ENCICLOPÉDIAS E OBRAS DE REFERÊNCIA

BELL, Judith, *Como Realizar um Projecto de Investigação*, Gradiva, Lisboa, Fevereiro de 1997;

BIEDERMANN, Hans, *Dicionário Ilustrado de Símbolos*, Melhoramentos, São Paulo, 1993;

COELHO, Jacinto do Prado, *Dicionário de Literatura*, 3ª edição, Figueirinhas, Porto, 1985;

ECO, Umberto, *Como se faz uma Tese em Ciências Humanas*, Editorial Presença, Lisboa, 1995;

FERREIRA, José Medeiros, *História de Portugal – Portugal em transe (1974-1985)*, Direcção geral de José Mattoso, Vol. 8, Editorial Estampa, Lisboa, 1994;

História Ilustrada das Grandes Literaturas, Editorial Estúdios Cor, Lisboa, 1958;

JÚDICE, Nuno, *A Era do 'Orpheu'*, Editorial Teorema, Lisboa, 1986;

LISBOA, Eugénio, *O Segundo Modernismo em Portugal*, 1ª edição, Biblioteca Breve, Instituto de Cultura Portuguesa, Lisboa, 1977;

LISBOA, Eugénio, *Poesia Portuguesa: do "Orpheu" ao Neo-Realismo*, 1ª edição, Biblioteca Breve, Instituto de Cultura Portuguesa, Lisboa, 1980;

MARQUES, A. H. de Oliveira, *História de Portugal*, 3ª edição, Palas Editores, Lisboa, Março de 1986;

MARTINS, Oliveira, *História da Civilização Ibérica*, Obras de Oliveira Martins, Guimarães Editores, Lisboa, 1994;

MATTOSO, José, *A Formação da Nacionalidade*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1986;

NEVES, João Alves das, *O Movimento Futurista em Portugal*, Dinalivro, Lisboa, 1987;

Presença, Edição Facsimilada Compacta, Contexto Editora, Lisboa, 1993;

RAMOS, Rui, *História de Portugal - A Segunda Fundação*, Direcção geral de José Mattoso, Vol. 6, Editorial Estampa, Lisboa, 1994;

REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina M., *Dicionário de Narratologia*, 2ª edição, Livraria Almedina, Coimbra, 1996;

REIS, Carlos, *O Conhecimento da Literatura – Introdução aos Estudos Literários*, 1ª edição, Livraria Almedina, Coimbra, 1995;

ROSAS, Fernando, *História de Portugal - o Estado Novo*, Direcção geral de José Mattoso, Vol. 7, Editorial Estampa, Lisboa, 1994;

SARAIVA, António José, *A Cultura em Portugal. Teoria e História*, 2 vols., Bertrand, Lisboa, 1982;

SARAIVA, António José, *Dicionário Crítico*, Gradiva, Lisboa, Setembro de 1996;

SARAIVA, António José e LOPES, Óscar, *História da Literatura Portuguesa*, Porto Editora, Porto, 1989;

SARAIVA, António José, *Iniciação na Literatura Portuguesa*, Gradiva, Lisboa, Fevereiro de 1994;

SERRÃO, Joel, *Dicionário de História de Portugal*, Livraria Figueirinhas, Porto, 1985;

Verbo Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, Editorial Verbo, Lisboa, 1984.

3.3. OUTRAS OBRAS

ANTUNES, Alfredo, *Saudade e Profetismo em Fernando Pessoa - Elementos para uma Antropologia Filosófica*, Publicações da Faculdade de Filosofia, Braga, 1983;

CASTELO BRANCO, Camilo, *Amor de Perdição*, 1ª edição, Livraria Moré, Porto, 1862 (edição consultada: Porto Editora, Porto, 1986);

COELHO, Jacinto do Prado, *Ao Contrário de Penélope*, Bertrand Editora, Venda Nova, 1987;

COELHO, Jacinto do Prado, *Diversidade e Unidade em FERNANDO PESSOA*, Editorial Verbo, Lisboa, 1987;

COELHO, Jacinto do Prado, *A Letra e o Leitor*, Lello & Irmão Editores, 3ª edição, Porto, 1996;

CORREIA, Natália, *Somos todos Hispanos*, Edições «O Jornal», Lisboa, Setembro de 1988;

CORTESÃO, Jaime, "No 40º Aniversário da Fundação da 'Renascença Portuguesa'", *Portucale*, suplementos à 3ª série, n.º 1 (Jan. - Março, 1962);

CUNHAL, Álvaro, *Rumo à Vitória*, Edições A Opinião, n.º 1, Lisboa, 1974;

FEIO, Maria, *Portugal e Espanha (O Ideal Internacional)*, Imprensa de Manuel Lucas Torres, Lisboa, 1917;

Filosofia da Saudade, Selecção e Organização de Afonso Botelho e António Braz Teixeira, Colecção Pensamento Português, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1986;

Epistolário Ibérico – Cartas de Unamuno e Pascoaes (Introdução de José Bento), Assírio & Alvim, Lisboa, 1986;

GUIMARÃES, Fernando, *A poesia de Presença e o aparecimento do Neo-Realismo*, 1ª edição, Editora Inova, Porto, 1969;

GUNTERT, Georges, *Fernando Pessoa - O Eu Estranho*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1982;

KAYSER, Wolfgang, *Análise e Interpretação da Obra Literária (Introdução à Ciência da Literatura)*, Arménio Amado, Editor, Sucessor, Coimbra, 1970;

LOURENÇO, Eduardo, *Nós e a Europa, ou as duas razões*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1988;

LOURENÇO, Eduardo, *O Labirinto da Saudade*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1992;

LOURENÇO, Eduardo, *Tempo e Poesia*, 1ª edição, Inova, Porto, 1974;

MATEUS, Maria Helena Mira et alii, *Gramática da Língua Portuguesa*, 2ª edição, Editorial Caminho, Lisboa, 1989;

MOURÃO-FERREIRA, David, e SEIXO, Maria Alzira, *Portugal A Terra e o Homem (Antologia de textos de escritores do século XX)*, II Volume – 1ª série, Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, executada por Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, 10 de Junho de 1979;

MOURÃO-FERREIRA, David, *Fernando Pessoa - O Rosto E As Máscaras*, Ática, Lisboa, 1979;

PASCOAES, Teixeira de, *A Arte de Ser Português*, Renascença Portuguesa, Porto, 1915;

PASCOAES, Teixeira de, *A Era Lusíada* (duas conferências), Renascença Portuguesa, Porto, 1914;

PASCOAES, Teixeira de, *O Génio Português na sua expressão filosófica, poética e religiosa*, Renascença Portuguesa, Porto, 1913;

PASCOAES, Teixeira de, *A Saudade e o Saudosismo*, Assírio & Alvim, Lisboa, 1988;

PASCOAES, Teixeira de, *O Homem Universal e outros escritos*, Assírio & Alvim, Lisboa, 1993;

PASCOAES, Teixeira de, *Poetas Lusíadas*, Assírio & Alvim, Lisboa, 1987;

PAVÃO, J. Almeida, "Alves Redol e o Neo-Realismo", in revista *Ocidente*, Vol. LVII, Lisboa, 1959;

PESSOA, Fernando, "A Nova Poesia Portuguesa no seu Aspecto Psicológico", in *A Águia*, n.º 9, 11 e 12, Porto, Setembro, Novembro e Dezembro de 1912;

PESSOA, Fernando, *A Nova Poesia Portuguesa*, Editorial Inquérito, Lisboa, 1944;

PESSOA, Fernando, "O Provincianismo Português", in *Textos de Intervenção Social e Cultural*, Publicações Europa-América, Mem Martins, 1986;

PESSOA, Fernando, *Sobre Portugal - Introdução ao Problema Nacional*, Ática, Lisboa, 1979;

QUADROS, António, *A arte de continuar português*, Obras de António Quadros, Edições do Templo, Lisboa, 1978;

QUADROS, António, *A Ideia de Portugal na Literatura Portuguesa dos Últimos 100 Anos*, Fundação Lusíada, Lisboa, 1989;

QUADROS, António, *Fernando Pessoa - Vida, Personalidade e Génio*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1984;

QUADROS, António, *Memórias das Origens, Saudades do Futuro – Valores, mitos, arquétipos, ideias*, Publicações Europa-América, Mem Martins, 1992;

QUADROS, António, *Portugal, Razão e Mistério*, Livro I (Introdução ao Portugal arquétipo – a Atlântida desocultada – o país templário), 2ª edição, Guimarães Editores, Lisboa, 1988;

QUADROS, António, *Portugal, Razão e Mistério*, Livro II (O projecto áureo ou o Império do Espírito Santo), 1ª edição, Guimarães Editores, Lisboa, 1987;

REDOL, Alves, *Gaibéus*, Publicações Europa-América, Lisboa, 1975.

REDOL, Alves, *Marés*, Publicações Europa-América, Lisboa, 1978.

REIS, Carlos, *Técnicas de Análise Textual*, Livraria Almedina, Coimbra, 1981;

RIBEIRO, Álvaro, *Escritores Doutrinados*, 1ª edição, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1965;

RIBEIRO, Orlando, *Atitude e explicação em Geografia Humana*, Galaica, Porto, 1960;

RIBEIRO, Orlando, *Ensaios de Geografia Humana e Regional*, Livraria Sá da Costa, Lisboa, 1970;

RIBEIRO, Orlando, *Geografia de Portugal*, Edições João Sá da Costa, Lisboa, 1989;

RIBEIRO, Orlando, *Geografia e Civilização*, Temas Portugueses, Livros Horizonte, Lisboa, 1980;

RIBEIRO, Orlando, *Introdução ao Estudo da Geografia Regional*, Edições João Sá da Costa, Lisboa, 1987;

RIBEIRO, Orlando, *Opúsculos Geográficos*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1989;

RIBEIRO, Orlando, *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, Livraria Sá da Costa, Lisboa, 1987;

SÉRGIO, António, *Ensaios*, Tomo III, 2ª edição, Seara Nova, Lisboa, 1937;

SERRÃO, Joel, *Portugueses Somos*, Livros Horizonte, Lisboa, 1975;

SERRÃO, Joel, *Temas de Cultura Portuguesa*, Ática, Lisboa, 1960;

SIMÕES, João Gaspar, *Vida e Obra de Fernando Pessoa*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1987;

SMITH, Anthony, *A Identidade Nacional*, Gradiva, 1ª edição, Lisboa, 1997;

TORRES, Alexandre Pinheiro, *O Movimento Neo-Realista em Portugal na sua Primeira Fase*, 1ª edição, Biblioteca Breve, Instituto de Cultura Portuguesa, Lisboa, 1977;

YATES, Frances A., *The Rosicrucian Enlightenment*, Paladin, Great Britain, 1975.

UNAMUNO, Miguel de, *Por Terras de Portugal e da Espanha*, Assírio & Alvim, Lisboa, 1989;

Índice

AGRADECIMENTOS..... 1

INTRODUÇÃO..... 3

CAPÍTULO I - (RE)DESCOBIR DOMINGOS MONTEIRO

1. RETALHOS DA VIDA DE UM ILUSTRE “QUASE” DESCONHECIDO 11

2. CÂNONE LITERÁRIO DE DOMINGOS MONTEIRO..... 28

3. BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA, SOCIAL, POLÍTICA E LITERÁRIA 34

3.1. SAUDOSISMO 35

3.2. PRIMEIRO MODERNISMO - GERAÇÃO DE ORPHEU 37

3.3. QUEDA DA 1ª REPÚBLICA E IMPLANTAÇÃO DA DITADURA..... 38

3.4. SEGUNDO MODERNISMO - GERAÇÃO DA PRESENÇA..... 41

3.5. O NEO-REALISMO 44

4. OBRA FICCIONAL DE DOMINGOS MONTEIRO 48

4.1. ANÁLISE DOS TÍTULOS 48

4.2. TÉCNICA NARRATIVA VEICULADORA DA TEMÁTICA 61

CAPÍTULO II - REVISITAR A PAISAGEM SOCIAL PORTUGUESA

1. PREFÁCIO 109

2. I 110

3. II..... 118

4. O RELEVO OROGRÁFICO 125

5. IV - O SISTEMA FLUVIAL 138

6. V - OS VALES E AS SOMBRAS 143

7. EPÍLOGO 152

CONCLUSÕES 152

ANEXO (ENCONTRO COM A PROF. DRA. ESTELA MONTEIRO)164

BIBLIOGRAFIA

1. **BIBLIOGRAFIA ACTIVA**..... 197

2. **BIBLIOGRAFIA PASSIVA**199

3. **BIBLIOGRAFIA GENÉRICA**.....203

3.1. **OBRAS DE CARÁCTER TEÓRICO**.....203

3.2. **DICIONÁRIOS, ENCICLOPÉDIAS E OBRAS DE REFERÊNCIA**205

3.3. **OUTRAS OBRAS**.....207

ÍNDICE.....213